

REVISTA DA SEMANA

Nº 8

19-2-49

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

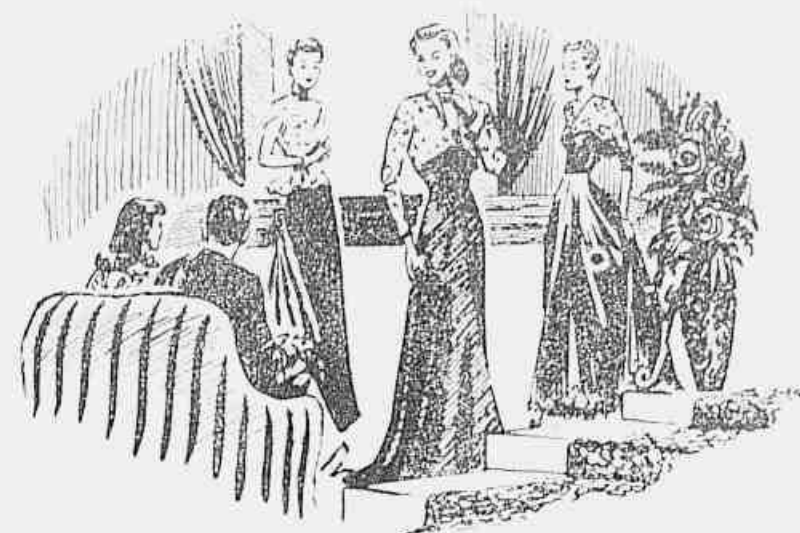




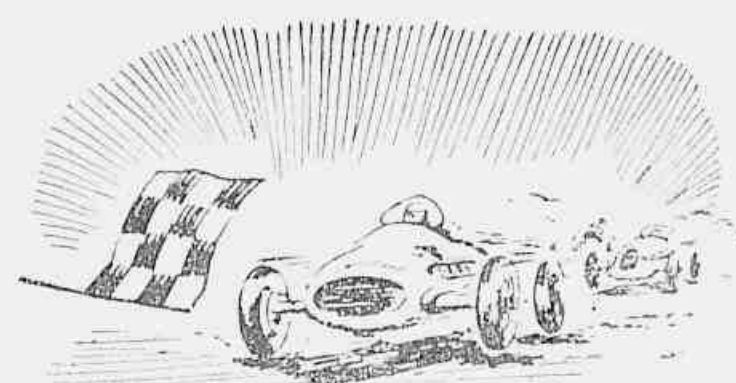
De todas as estações do ano, a primavera é a época ideal para visitar os Estados Unidos. O tempo é agradável e revigorante... propício para apreciar a beleza das paisagens e as várias atrações das grandes cidades. Em abril, as cerejeiras estão em flôr no "Tidal Basin", em Washington. Esta paisagem inesquecível atrai milhares de visitantes de toda a parte do mundo.



A partir de fevereiro, todas as emoções do "Esporte dos Reis" poderão ser desfrutadas nos hipódromos mais importantes dos Estados Unidos.



Em fevereiro, tem lugar em New York a avant-première das modas da primavera, e os mais famosos modistas apresentam as suas criações.



Em Indianapolis, no "Decoration Day" (30 de maio) realiza-se a mais famosa corrida de automóveis do mundo. Este acontecimento é de inigualável emoção.

A primavera nos ESTADOS UNIDOS

Veja com seus próprios olhos. Viaje de Clipper aos Estados Unidos

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores

...é a oportunidade de gosar as melhores férias de sua vida. Os luxuosos Clippers da Pan American voam diariamente para o norte, rumo às 8 principais cidades de entrada nos Estados Unidos. Há convenientes serviços de conexão para qualquer parte do país que V. S. deseje visitar. As agências de turismo, ou o mais próximo escritório da PAA, terão o máximo prazer em preparar todos os detalhes da sua viagem.

BP301-10.130

PAA

Curiosidades biográficas das ruas do Rio

- Olhe! Apareça lá no escritório!
- No mesmo lugar?
- Não! Onde Rio Branco se encontra com Getúlio Vargas.

Ouvimos este diálogo e saímos a meditar nestas mentiras históricas existentes no traçado das cidades. Rio Branco nunca se encontrou com o Presidente Vargas. Seguimos nosso caminho e fomos anotando outras curiosidades: o Senador Dantas começando num Tabuleiro da Balana e terminando num Passeio Público como qualquer vagabundo de Fred Husband. Depois registramos esta complicação política: Pedro I, inimigo irreconciliável da República, estendendo a mão a Silva Jardim, republicano histórico e tomando seu cafezinho ao lado de Tiradentes, o imortal revolucionário inimigo da Família Real. Era teatral e, por isto, o destino encheu de palcos aquele pequenino campo de concepções políticas. Além dessa salada ideológica, descobrimos também, no caminho da Tijuca, a coalisão de duas crenças que não se entendem desde a Reforma Luterana. Vimos Frei Caneca abraçado ao protestante Alvaro Reis que tinha do outro lado o anti-calvinista Estácio de Sá.

A lista vai longe e, entre as curiosidades, há também certos ridículos. Por exemplo: Lauro Muller começar com Juliano Moreira. Nada mais falso e insidioso. O grande ministro da Viação de Rodrigues Alves, a quem se deve, em grande parte, a reforma do Rio, de cidade colonial em bela e higienizada metrópole, jamais precisou de Juliano Moreira. Seu equilíbrio mental estava sempre acima de qualquer suspeita.

Notamos também um Capitão Jesus nos braços de Marília de Dirceu. Nunca se deu tal união. A senhorita Dorotéia de Seixas, depois de Gonzaga, não abriu seu coração ou seus sorrisos para nenhum Capitão Jesus, nem Jesus jamais foi capitão neste mundo errado.

Os lapsos ou liberdades geográficas também estão aos montes, na nomenclatura das cinco mil ruas do Distrito Federal. Aquela Barbacena limitar-se com Pernambuco é coisa de histórias de trancoso, bem como Riachuelo estar tão afastado de Onze de Junho é outro erro histórico.

Além disso, não compreendemos por que os santos vivam tão aproximados de certos lugares onde a convivência não é lá muito limpa. São José, São Bento não saem da Quitanda...

Há ainda um equívoco para o qual chamamos a atenção das autoridades. O Redentor começar em Joana Angélica é invencionice de quem não conhece a História. Joana Angélica foi uma heroína de um convento da Bahia e que morreu trespassada por uma baioneta de soldado do general Madeira nas lutas da Independência Brasileira, por não ter permitido que soldados lusitanos invadissem o claustro para prender adeptos de nossa emancipação.

Felizmente, leitor amigo, há também coisas certas, certíssimas. Assim, nada mais verdadeiro do que verificarmos que Benjamin Constant desemboca na Glória. O grande homem, o imortal republicano, está muito bem ao lado da Glória, com esta a afagar-lhe a memória em duas placas que se unem.

No terreno das crenças, há muita coisa homogênea e perfeitamente justa. Destarte, nada mais razoável do que Alan Kardec nas proximidades de Dias da Cruz. Um foi o codificador do espiritismo, e o outro um adepto dessa doutrina em todos os sentidos: bom, caridoso, mestre do sentimento cristão.

Na zona sul se vêem acontecimentos muito bem registrados. Os almirantes Júlio de Noronha e Gonçalves começarem na avenida Atlântica. Nada mais natural do que marinheiros principiarem no mar.

Há, noutros bairros, fatos com os quais nos sentimos vivamente emocionados. Exemplo: um Bogari nascendo na Fonte da Saudade! Que maravilha de coincidência! Que poesia naquelas duas placas que a Prefeitura mandou pregar e que encerram um destino bucólico, um poema, uma pastoral divina que nos enche de euforia e prazer de viver. Bogari e Fonte da Saudade juntos, de mãos dadas!...

Na alta sociedade há também episódios razoáveis e perfeitamente justificados pelos nossos costumes.

Vejam só: a Duquesa de Bragança em colóquios com o Barão de Mesquita. Ambos fidalgos, ambos com seus braços e hierarquias a cochichar irreverentes sobre a dissolução de nossos costumes, a pouca cerimônia nas praias de banhos, os namorados a se beijar por esses bancos de jardins... "No nosso tempo... hein, sr. Barão?...".

Na literatura há fatos coerentes: Rubem Dario vizinho de Goethe. E nada mais justo do que Magnólias começarem entre os Oitis e as Acácias. Uma relação botânica justificável, bem como no ramo político, é justo que Sete de Setembro se entrelace com Quinze de Novembro. Verdade urbana e histórica.

Depois de um passeio panorâmico por esse Rio, saímos na Saúde, onde vimos, paradoxalmente, muita gente enferma, o que confrange o coração de Sacadura Cabral. E, a propósito de Sacadura Cabral, começa em Sacadura Cabral a rua do Propósito.

E, em matéria de incongruências, vimos estas duas coisas inacreditáveis: a rua Bela prejudicando sua "formosura" pelo fato nauseabundo de acabar mesmo em cima da City, e a da Alegria (agora Prefeito Olimpio de Melo) viver eternamente triste com a miséria, o pó e a lama. E o largo do Benfica, ficando sempre Mal quando chove?

Meditando em todas estas coisas confusas, certas, erradas, em lapsos e ironias, insídias e injúrias, mentiras e verdades, tomamos um bonde e voltamos à zona sul. Nosso último registro a respeito de curiosidades biográficas nas ruas do Rio foi este: não nos foi possível passar pela rua da Passagem porque esta não dava passagem pela rua...

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Curiosidades biográficas nas ruas do Rio (Renato de Aленcar)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	52

REPORTAGENS

Santo Huberto, padroeiro dos caçadores (Roberto Lyra Filho)	4/6
Vida e morte do capitão Scott	15
A Nova Jerusalém, religião do futuro? (W. Guarnieri)	28/33
A luta contra o invisível (Harold Green) ..	55/58

CAPICATURA

Bom humor	7
O mundo manca e a mula murcha	11

LITERATURA

Livros novos	10
Vida literária	44

NOVELA

O colar de esmeraldas (H. Horn)	12/13
---------------------------------------	-------

BIOGRAFIA

A vida de Galileu	14
-------------------------	----

CINEMA

Cine-Revista (Frank Stein)	16
O segundo casamento de Tyrone Power	17

RADIO

Broadcast (Armando Migueis)	45
-----------------------------------	----

TEATRO

O Clube dos Amigos do Teatro (José Fomm) ..	48
---	----

ARTES PLASTICAS

Comentários (Angelus Ravel)	46
-----------------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Cocktail	20/21
Carnaval	23
De Hollywood	24
Listras	25
Interiores	25
Vestidos estampados	26
Cabelos curtos	27
Detalhes	34
Os grandes decotes	36
Modelos ligeiros	37
Week-end na cozinha	37
Mães e filhos (Anamaria Célia)	38
Sugestões para o tênis	38
Elegâncias	39
Para os bailes de carnaval	41

CONTOS

Corvos no corredor (Teresa de Almeida) ...	22
Indecisão (M. C. Sales Coimbra)	42

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) ..	50
--	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	51
---	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

ILUSTRADORES

Armando Pacheco	
Oswaldo da Cunha	

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Em nossa capa de hoje figura a encantadora "estrela" argentina Nelly Daren, dos estúdios San Miguel. Nelly acaba de filmar, com Anselmo Duarte, "Não me digas adeus", do qual aproveitamos a sugestão para o Carnaval de 49.

(Foto San Miguel)

SANTO HUBERTO

PATRONO DOS CAÇADORES

O APÓSTOLO DA FLORESTA DE ARDENAS,
A ESTOLA MIRACULOSA ★ TROMPAS,
GORROS E CASACOS VERMELHOS





Na página ao lado — Um garboso caçador de Dampierre que, com dezenas de outros veio a Paris e toca sua trompa diante da catedral de Paris. Ao alto — No interior da suntuosa catedral de Notre Dame, os caçadores fazem soar suas trompas, sendo correspondidos por outros lá fora

Texto de ROBERTO LYRA FILHO

QUANDO Felipe de Pembroke morreu e foi aberto seu testamento encontrou-se ali este curioso legado: "Deixo para Lord Salisbury os animais de meus domínios, certo de que serão bem tratados, pois, conquanto ele se diga grande caçador, jamais conseguiu matar bicho algum...". Também Guilherme II, ainda que caçasse frequentemente, só experimentava as alegrias de ferir a presa porque cortesãos bajuladores lhe atribuíam os feitos dos numerosos caçadores contratados para, disfarçadamente, liquidarem os animais... Conta-se, mesmo, que, certa vez, o soberano viu, surpreso, surgirem à sua frente sessenta e quatro gamos — ele só disparara a arma trinta vezes...

SANTO HUBERTO

Biógrafos dos séculos XII e XIV contaram, em extensos manuscritos, a vida de Santo Huberto, patrono dos caçadores, cognominado Apóstolo da Floresta de Ardenas.

Registra a lenda o episódio da conversão desse apaixonado caçador. Conta-se que ele caçava todos os dias, inclusive na Sexta-Feira Santa, a despeito da proibição da Igreja. Tal era o seu amor ao esporte predileto que não podia suportar vinte e quatro horas de interrupção.

Numa Sexta-Feira Santa, porém, diz a lenda, ele teve uma visão durante a caça. Apareceu-lhe uma corça com uma cruz luminosa na cabeça. Entendendo que se tratava de um comando divino, Huberto foi a Roma, onde

procurou o Papa, recebendo d'este um bispado. Sucedendo, depois, a S. Lambert no episcopado de Mestricht, fixou residência em Liège e, pelas inúmeras conversões que provocou, recebeu, então, o título de Apóstolo da Floresta de Ardenas. Em 727 faleceu.

MISSA DOS CAÇADORES

Remonta ao tempo de Luis XV a tradição das missas de S. Huberto, também conhecidas como as missas dos caçadores. Em 1715, mais ou menos, reuniram-se, pela primeira vez, em Notre Dame, catedral parisiense, caçadores de todos os recantos do país e ali foi celebrada missa especial, no dia de S. Huberto.

Notre Dame continua, até hoje, a manter a tradição e só durante a guerra foi interrompida a cerimônia dedicada a S. Huberto.

TROMPAS DE CAÇA NA CATEDRAL

No dia 3 de novembro chegam os caçadores, com seus trajes típicos, casacos vermelhos e gorros de veludo preto. Enquanto soam, nas florestas de Chantilly e Fontainebleau, as trompas de caça, anunciando a chegada da estação, os sinos da Catedral de Notre Dame chamam os fiéis para a missa de Saint Hubert.

Os parisienses, conquanto pouco dados à caça, comparecem atraídos pelo espetáculo raro.

Das redondezas chegam os caçadores. Grupos de Fontainebleau, Dampierre, de todos os centros de caçadores e pontos onde se pratica esse esporte.

Fotos KEYSTONE

E então, solenemente, penetram na Catedral de Notre Dame, levando debaixo do braço as trompas, e no interior do templo, durante e após a missa, soa o instrumento tradicionalmente ligado à caça, e do outro lado responde outro grupo.

Os caçadores conservam os seus gerros, mesmo dentro da Catedral. Terminada a missa, o grupo de músicos dedica ao povo parisiense uma pequena exibição. Toca-se, então, a fanfarra de S. Huberto.

São inúmeras as relíquias desse santo, espalhadas em diversas cidades. E' ainda a lenda recolhida pelos biógrafos do século XIV que indica a origem da estola de Santo Huberto, hoje guardada na cidade de S. Huberto, Bélgica.

Conta-se que Santo Huberto recebeu dos céus, como dádiva divina, essa estola, dotada do poder miraculoso de curar a raiva.

E afirma-se que o Apóstolo da Floresta de Ardenas operou tantas curas quantas conversões, munido do presente dos céus.

Na missa, que lhe é dedicada, os caçadores pedem sua intervenção no sentido de dar-lhes boa e abundante caça. E no recinto solene da Catedral de Notre Dame, com o seu complicado equipamento cinegético, fazem soar os cantos dedicados ao seu patrono.



Chegados à frente da catedral, os aristocráticos caçadores tocam seus instrumentos de invocação a Sto. Hubert antes de entrar no templo



Laigre, o solista, tira os cristalinos sons de sua trompa felizmente já dentro da catedral, e, como um eco, soa outro instrumento



"Close-up" de um dos caçadores quando vibrava seu instrumento convocando todos os seus pares para o início do esporte cinegético

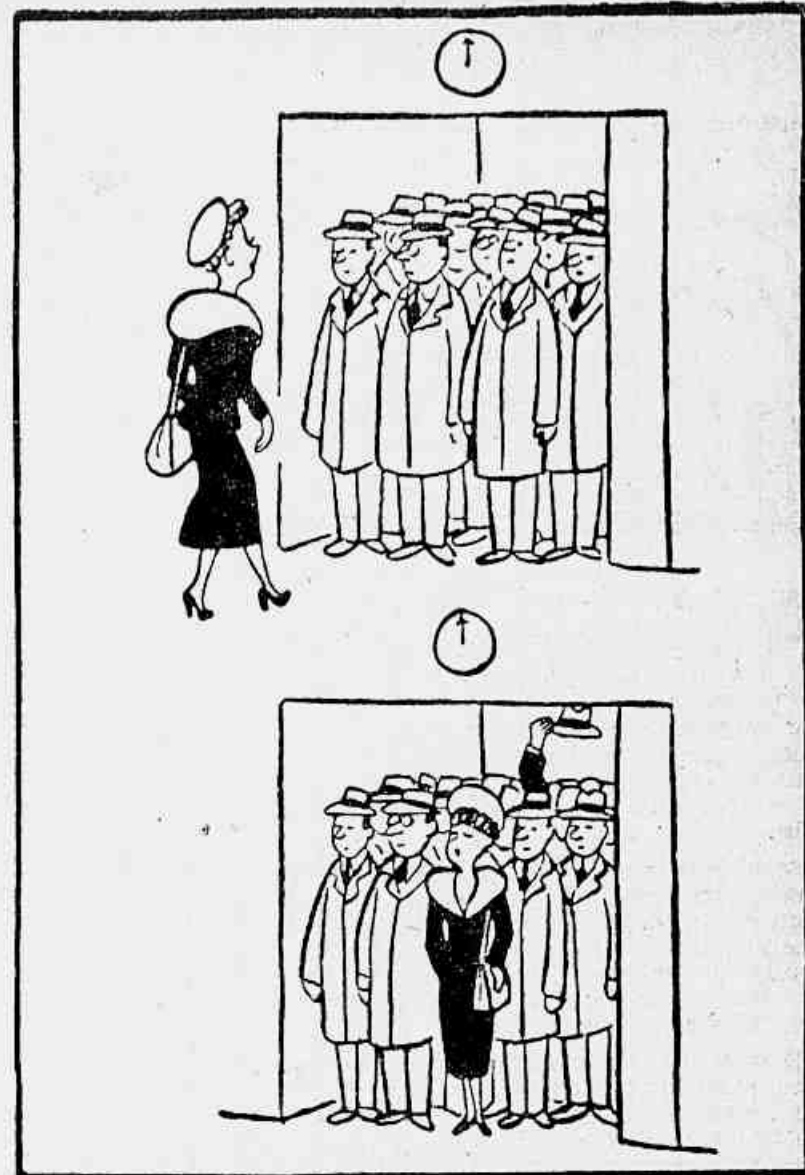


Seguindo o ritual de séculos, os caçadores de vários pontos da França são conduzidos ao suntuoso altar da grande catedral da França. — O espetáculo colorido e pitoresco dos caçadores constitui cerimônia que o parisiense não dispensa, cercando aqueles trompistas. — Laigre, um dos músicos, executa um solo diante do templo e sob a admiração dos parisienses que assistem à cena. Envergando sua indumentária multicolor e pitoresca, os caçadores de Santo Hubert vão ao coro da igreja e ali tocam em conjunto. Logo que termina a missa, quando os caçadores pedem a proteção do santo para que lhes dê boa caça, todos tocam para o povo





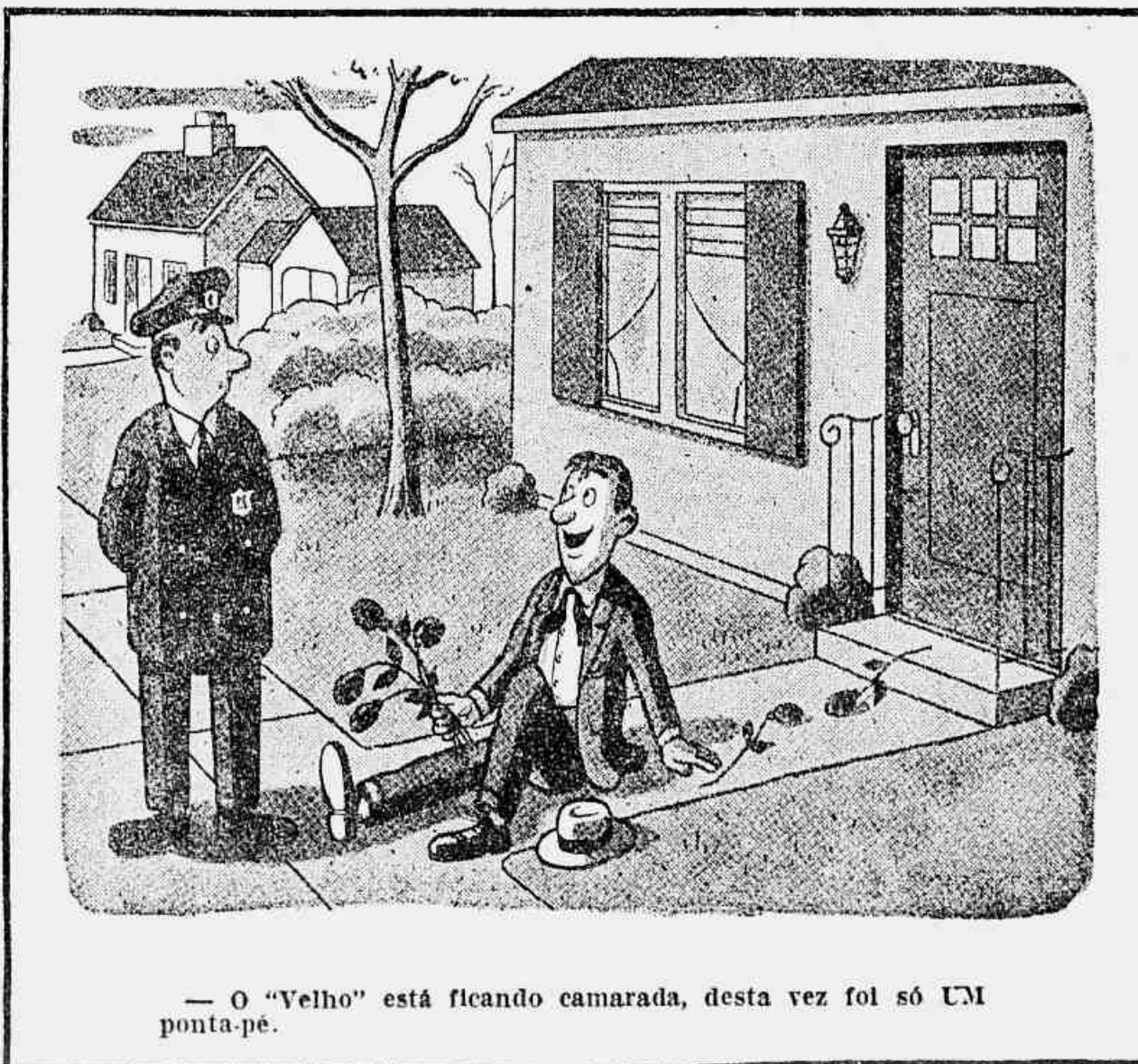
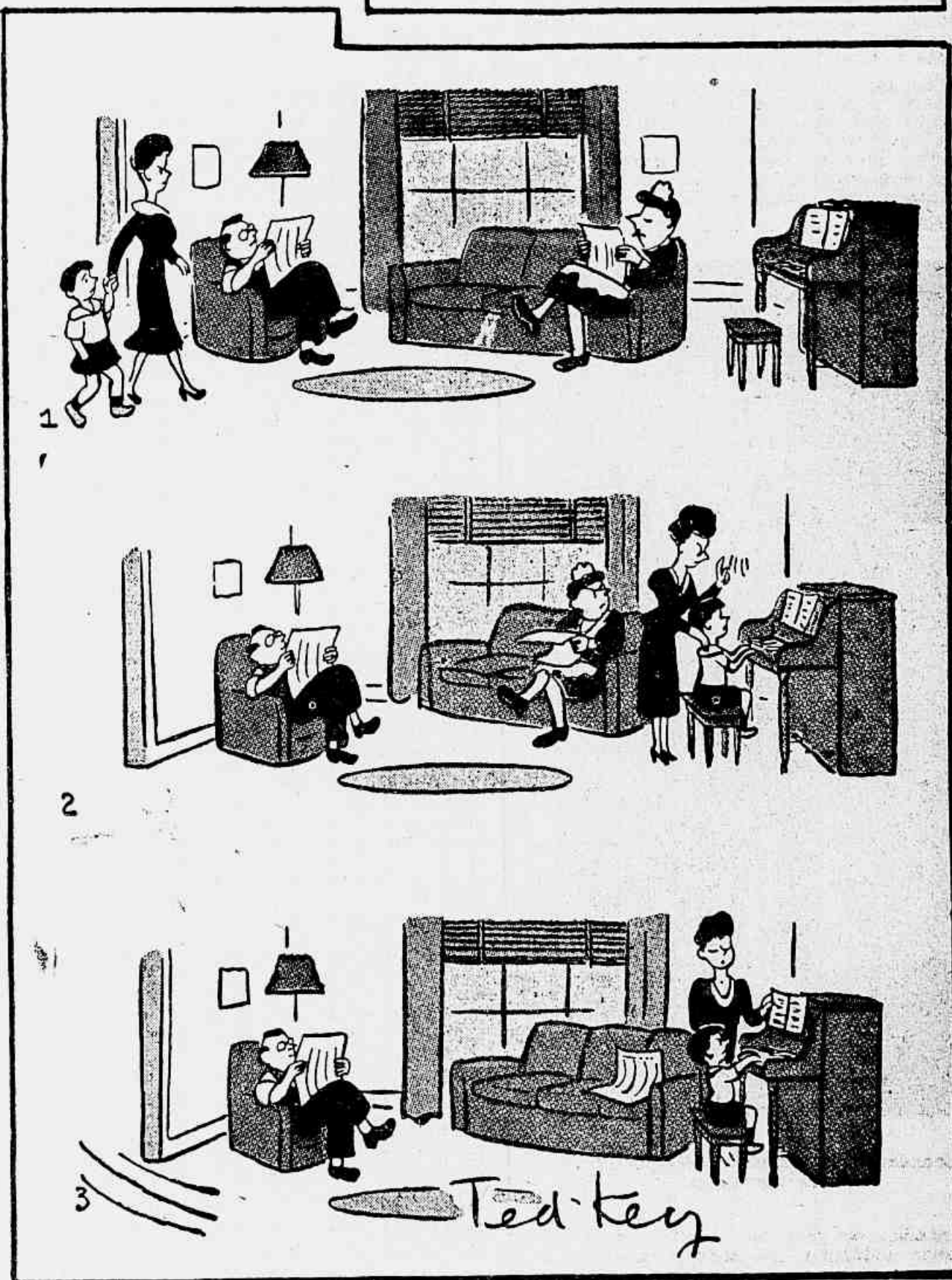
— Não acha, querida, que já li muito sobre Picasso?



BOM HUMOR



— Não senhora, eu já sei ler, obrigada. Vim apenas saber qual o tipo de pai que mais agrada aos garotos.



— O "Velho" está ficando camarada, desta vez foi só UM pontapé.



— Não imaginas, querida, como tenho economizado, depois que viestes para o hospital.



A entrada do ano de 1949, a convocação extraordinária do Congresso e as reiteradas declarações do mais alto teor democrático de parte do sr. presidente da República no sentido de que considera o limite do seu governo tal como o que se encontra estipulado na Constituição em vigor, vêm pondo em evidência o problema da sucessão presidencial do País.

Para muitos, já diante dos interesses partidários em face de certos desajustamentos, já pelo julgamento de que ainda é cedo para tratar de assunto de tal magnitude, a sucessão presidencial não deve ser posta em equação, evitando-se, com isto, agitações prematuras.

Entretanto, se examinarmos o tempo que falta para tratar de registro de nomes de candidatos a essa sucessão e a mobilização objetiva dos partidos que terão de sair à arena para a batalha das urnas, os prazos de desincompatibilização, chegaremos à conclusão de que não está assim tão distante o tempo para tais cogitações.

Por esse mesmo motivo notamos que, após se animarem os comentários, durante alguns dias, surgindo novas hipóteses, boatos, "palpites", sugestões e, conseqüentemente, supostos candidatos, tais ebulições nos acampamentos políticos logo arrefecem voltando tudo à maior calma.

Verdade é que os portadores dos nomes



Senador Nereu Ramos, vice-presidente da República

aventados, de um modo geral, gente de notória evidência no cenário político, se afastam, evitando sensatamente qualquer precipitação, alegando, sempre e realmente com acerto, que ainda está cedo para se agitar o magno assunto.

Mas, inevitavelmente, durante a semana em que se processou a confecção deste número da REVISTA, o nome do dr. Nereu Ramos foi o grande alvo dos comentários da imprensa e das rodas políticas e sociais. Sim, porque um destacado prócer do Partido Social Democrático, do qual o representante de Santa Catarina no Senado Federal é presidente, declarou, em entrevista a um jornal do Rio, que o seu partido, sendo majoritário, teria na pessoa do vice-presidente da República, sr. Nereu Ramos, um candidato natural à sucessão do sr. general Eurico Dutra no Catete.

Aconteceu mais que, publicada a entrevista, não recebeu esta qualquer contestação por parte do eminente patriota, que, por sua vez, não veio a público confirmar a informação, coisa que, de resto, não poderia fazer, sabido como é que tal deliberação não poderia resultar apenas de aquiescência do suposto candidato, mas de uma convenção do partido a que pertence.

Advogado, político em Santa Catarina, sua terra natal, ex-deputado federal, ex-governador e ex-interventor federal naquele Estado, presentemente substituído eventual do chefe da Nação, teve, agora, nesta semana que findou, o sr. Nereu Ramos o seu nome apontado para o mais alto posto da República, o que, evidentemente, tornou a exclamar a personagem da semana.

a SEMANA EM REVISTA

SENSACIONAL TERREMOTO

O sismógrafo é um aparelho extremamente delicado e sensível, que tem por fim registrar a hora, duração e amplitude dos fenômenos telúricos ocorridos em qualquer parte do planeta. E' por meio dele que os sábios têm conhecimento de tremores de terra maiores ou menores ocorridos nesse velho mundo. Nos observatórios os funcionários estão sempre atentos às mensagens do sismógrafo. Ultimamente, em Nova York, num dos seus mais poderosos observatórios, os sábios e professores que se achavam ocupados em suas pesquisas científicas, foram surpreendidos com o mais violento registro sísmico de todos os tempos. Diante daquela convulsão subterrânea, os ponteiros sensíveis do sismógrafo pareciam enlouquecidos, marcando um deslocamento interior, no seio do mundo, de proporções incríveis, mais parecendo que este globo terráqueo ia desmilinguir-se de uma vez, esfarelado na imensidão dos ares. Os homens se entreolharam pálidos de medo. Que estaria acontecendo? Sem tirar os olhos do aparelho que nunca lhes mentiu, foram investigar as causas da estranha comoção da Terra e, com maior surpresa, descobriram o motivo: uma aranha. Pequeno aracnídeo, menor do que uma cabeça de fósforo, penetrara na interior do sismógrafo e começara a tecer sua teia. No movimento que ia fazendo, a firmar as amarras de um lado para outro, o pêso minúsculo de seu corpo pressionava o pêndulo sensível e este registrava no mostrador o tremendo desmoronamento do ângulo do mundo. Respiraram os professores e limparam o suor do rosto, aliviados. A notícia não diz o que fizeram com a aranhazinha imprudente; mas com certeza puniram com a morte tão grave atentado à geral segurança da humanidade, que, pela primeira vez, esteve ameaçada de perecimento geral e absoluto, pelo poder de um tênue fiozinho que colocou sábios em palpos de aranha...

PROBLEMAS DE IMIGRAÇÃO

Com o constante fluxo de retirantes que vêm da Europa em busca de trabalho no Brasil, muito se tem falado na seleção de elementos estrangeiros para nossos campos, fábricas e outros setores da técnica especializada. Já houve quem acusasse o diretor do Departamento Nacional de Imigração de fazer política racial, recusando receber gente de Israel... Parece que há confusões em torno do critério adotado pelo sr. Carlos Viriato Sabóia acerca do assunto. Segundo uma publicação que acaba de fazer pela imprensa, esse critério não está sendo seguido em sua repartição. O que há é o seguinte: seleção. Somente os indivíduos válidos para o trabalho, que não prejudiquem as condições de étnica por que se norteia a política imigratória brasileira, baseada na sua ascendência européia, é útil ao País, diz ele numa declaração à imprensa. Mais adiante expõe suas angústias por falta de espaço e de verbas orçamentárias para atender ao crescente aumento de hospedagem de imigrantes. Com capacidade para 1.200 pessoas, já está sufocado com o dobro e ameaçado de receber mais gente... Na sua exposição, porém, há uma parte que merece todas as atenções do Governo da República e dos governos estaduais. E' quando o sr. Carlos Sabóia fala sobre a localização de correntes imigratórias estrangeiras nos Estados mais aconselháveis. Há falta de instalações apropriadas em hospedarias para receber os deslocados do Velho Mundo, mas já o DNI procura reparar as faltas e se comunica com os Estados mais necessitados de braços e de técnicos, para que se organizem convenientemente, desafiando a Ilha das Flores e acabando-se com a idéia errada de que somente o Rio é entreposto de gente. Que venham em auxílio do DNI os Estados do Sul, do Centro, do Nordeste e do extremo Norte, e todos recebam imigrantes selecionados para seu soerguimento rural.

HEROÍSMOS SERTANEJOS

Os episódios de heroísmo de abnegação e de coragem que se passaram e estão passando em várias zonas do Estado de Minas com as pavorosas enchentes de seus rios a inundar cidades, fazendas, vias férreas, etc., ainda serão contados em livros para que se veja o que é o valor da gente brasileira. Vamos narrar aqui, rapidamente, um fato extraordinário, digno de antologias e das glórias dos deuses da mitologia greco-romana. Com a enchente do S. Francisco, além de outras localidades submersas, uma houve que sofreu enormemente: Pirapora. Dentre as quinhentas casas invadidas pela torrente, numa delas estava uma senhora em momentos de delirante. Tratava-se de pessoa humilde, sem maiores assistências e sem o amparo prestimoso da família. As águas iam subindo... subindo... invadindo tudo, os objetos a boiar e ela no seu pequeno quarto disposta a morrer afogada num momento tão crítico e heróico. Já estavam as águas barrentas do grande rio a baloiçar-lhe o leito, quando um vizinho, sabendo do que se passava, levou-lhe a canoa de salvamento, levando a parturiente de morte certa e colocando-a na frágil piroga. Naquele mesmo instante ela dava à luz duas crianças, uma do sexo masculino e a outra do feminino. Gêmeos sobre as águas! Fato talvez único em todo o mundo. Tudo correu muito bem e, conduzida para lugar menos aquático, mantida sob cuidados especiais, a mulher se viu salva e salvos os seus dois filhos. Para comemorar esse acontecimento dramático, o menino foi batizado com o nome de Francisco, e a garotinha com o de Francisca, em homenagem ao grande rio. Heroísmo sertanejo cheio de cavalheirismo e bom humor, nessa ocorrência mais emocionante do que o encontro de Moisés, "Salvo das Águas" pelas mãos de Termutis, filha de Ramsés II. O episódio de Pirapora merece um poema.

A ARCA DE NOÉ

Segundo narra o Velho Testamento, houve um dilúvio universal decretado por Jeová, deus dos hebreus, com o fim de eliminar o gênero humano da face da terra. Somente Noé e os seus se salvaram. Isto é, ele, os membros da família e casais de bichos limpos, segundo texto sagrado. Há na mitologia de todos os povos antigos episódios mais ou menos iguais, o que faz crer aos exegetas da História ter havido mesmo um afogamento geral da humanidade. Sobre isso não convém discutir nem estabelecer confrontos acerca da capacidade da Arca em hospedar tanto animal dentro de tão exíguas proporções. Contudo, como Jeová conseguia afundar este planeta rebelde em novecentas e sessenta horas, teria também muito poder para acomodar lobos e ovelhas, cães e gatos, bentevis e urubus, galinhas e raposas, etc., etc., nos porões da embarcação. Entretanto, uma coisa já ninguém esperava mais: a existência da cavernas da Arca no alto do monte Ararat, depois da pesquisa de Parrot, de Abich, há mais de um século, e da famosa "Viagem ao Monte Ararat", de Leclerc. Pois bem: agora mesmo o sr. Egerton Sykes, funcionário do Ministério do Trabalho da Inglaterra, está arrumando as malas para ir ao Monte Bíblico em busca da Arca, ou melhor, dos seus restos mortais. Disse que não esperassem poder ele encontrar a Arca original, perfeita e intacta; o que espera achar a uns cinco mil metros de altitude, na vertente sueste do monte, é a quilha com os estais ainda presos. E' engraçado! Quilha com estais num barco sem mastros... Há ainda outra particularidade: o nome Ararat é dado a extensa cordilheira da Armênia, havendo dois Ararats, o menor e o maior. Entre habitantes daquela região dão-lhes o nome de Amasiah. Esse jovem quer é passear à custa de Noé e seus pobres bichinhos inofensivos, num turismo post-diluviano...

O DOMÍNIO DAS MULHERES

Nem sempre a mulher, que na opinião dos poetas é a mais perfeita obra da Criação, recorre aos seus predicados físicos e espirituais para dominar o abalado sexo forte. Elas também se exercitam no processo físico da força bruta, e quase sempre se saem muito bem. Há na Alemanha sob o domínio dos norte-americanos uma escola de polícia para moças. Essas gentis filhas de Eva enfrentam qualquer sorte de perigos. Combatem o câmbio negro, a malandragem, a evasão, perfeitamente armadas de revólveres ou "casco-tetes" como se fossem soldados de Tio Sam. Aprendem esgrima, golpes de surpresa, o manejo das armas; enfim, estão aptas para o que der e vier. Mas quando uma jovem chega a esses excessos de força física e bélica a serviço da ordem e da lei, depois de cursos regulares e lícitos, vá lá. Mas quando vemos mulheres sem nenhum curso técnico e regular fazer o que três saltadoras acabam de executar em Belo Horizonte com o comerciante Henrique Rosa Junior, é mesmo de amargar. Uma delas se aproximou do moço e lhe disse uma coisa agradável ao ouvido. Ele seguiu com ela a certo lugar meio deserto e escuro. Ali então viu ele, já um tanto desconfiado, que duas outras mulheres surgiam e iam contando com a primeira, a um lado, como quem combina qual-quer programa. E o sr. Rosa Junior firme. Foi então que uma delas deu a ordem: "Tapem a boca dele!". Imediatamente a inocente vítima se viu agarrada por braços vigorosos. Quis gritar por socorro, mas não pôde. Uma delas lhe vibrou um murro violento na nuca, caindo o homem sem sentidos. Quando se ergueu estava roubado. Dinheiro, relógio, talão de cheques, etc. No dia seguinte a polícia prendeu-as. Eram antigas presidiárias. Com certeza o sr. Henrique nunca mais se esquecerá do sambinha: "Dizem que a mulher é parte fraca, mas nisso é que não posso acreditar"...

PRECONCEITOS DE SEXO

O Governo Fluminense acabou de quebrar mais um elo de velhos preconceitos de sexo, nomeando para a Promotoria de Justiça do Município de Caxias, a senhorita Esmeralda Cândida de Araújo, bacharela em Direito. Se não nos enganamos é essa discípula de Tênis a primeira mulher a exercer na terra fluminense tão espinhoso cargo na seara do Direito e em ramo positivamente amargo. De há muito que a senhorita Esmeralda militava no foro como advogada; desta forma, se candidatou, e muito bem, ao posto de advogada da parte pior, que é a da Justiça Pública. Um promotor de Justiça deve ser um cidadão inflexível diante da fraqueza humana, capaz mesmo de promover apelações aparentemente injustas e cantar libelos tremendos contra réus de que o povo tanto se apieda. O coração de um homem, porém, é uma víscera cheia de músculos fortes, quase de pedra... Mas, como será o coração de uma senhorita? Uma jóia engastada num corpo esguio, elegante, amenizado pelas leituras de uma literatura suave e romântica. No caso presente essa jóia é uma esmeralda muito verde, muito linda, da cor do mar, da cor da esperança. E além de Esmeralda é ela ainda Cândida! Uma promotora com tanto nome de paz e de beleza natural e espiritual, vai ser a esperança de todos os réus de Duque de Caxias. Na candura de suas considerações não encontraremos libelos acusatórios capazes de mandar ninguém às penas máximas. Será aconselhadora jovial e terna, uma vozinha delicada e prudente a cujas inflexões o corpo de jurados, o presidente do Tribunal, auxiliares de acusação, advogados do "meu constituinte" e povo ficarão todos presos e embevecidos como se estivessem a admirar uma tertúlia poética pela voz de uma sereia. Muito bem. Achamos que a mulher na Promotoria Pública, na direção da Polícia Social, nos presídios, etc., é uma garantia de evolução de nossos costumes ainda meio-enterrados e um lenitivo aos delinquentes. Por isso felicitamos o Estado do Rio.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 8 — 19-2-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	 Cr\$ 140,00	Seis meses	 Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	 Cr\$ 170,00	Seis meses	 Cr\$ 85,00
Registrada	— Um ano	 Cr\$ 270,00	Seis meses	 Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: — Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel.: 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão à rua Brigadeiro Tobias, 615-2º andar, sala 217 — Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. N: África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fonte Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-press" - Florida 299 - Tel.: 22, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Adesão da Noruega ao pacto do Atlântico Norte. Seramente afetada a economia soviética na Alemanha, devido às medidas anglo-americanas de contra-bloqueio. Poderosas forças comunistas marcham sobre Nanquim. Argentina e Chile reconhecem o Estado de Israel. Diminuem os capitais britânicos invertidos no Brasil, segundo dados referentes ao ano de 1948. O último relatório da ONU diz que houve uma "melhora geral na situação econômica do mundo". Declarado fora da lei o partido esquerdista iraniano. Continuam a subir as águas do rio S. Francisco. Estão sendo tomadas providências para o incremento da imigração, declara o diretor do Departamento Nacional de Imigração. Sen Fo, chefe dos nacionalistas chineses, diz que prosseguirá a luta contra os comunistas até que os vermelhos retirem a exigência de castigo aos "criminosos de guerra". Rejeita a Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados a maioria das emendas ao Plano Salte. Aprovado um projeto de lei que suspende por um ano todas as ações de despejo. Kravchenko, autor do livro "Escolhi a liberdade", foi acusado de traidor no processo que lhe move "Les Lettres Françaises". Aceita pela Missão Abbink a maioria das conclusões sobre o nosso desenvolvimento industrial. Desarticulada outra quadrilha de falsários pela polícia carioca. Chegou a Curitiba o "Anjo das Crianças". Remessa imediata para o Rio de 50.000 sacos de arroz e 6.000 fardos de charque, é o que declara o prefeito do Distrito Federal ao regressar do Rio Grande do Sul. Alvo da violência policial o estudante Bento Ribeiro, presidente da União Metropolitana dos Estudantes. Dean Acheson, secretário de Estado dos Estados Unidos, pediu ao Congresso a continuação do Plano Marshall. Condenado à prisão perpétua pelo tribunal popular da Hungria o cardeal Mindszenty, acusado de traição e espionagem. Declara o sr. Robert Schuman, ministro das Relações Exteriores da França, que o seu país não sugeriu e nem tem a intenção de sugerir qualquer aproximação de Moscou com o ocidente. A Rússia, respondendo a um inquérito da ONU, declarou que naquele país não há desemprego e a estabilidade econômica está assegurada em definitivo. Recebida com grande pesar no Vaticano a notícia da decisão do Tribunal Popular de Budapeste sobre a condenação do cardeal Mindszenty. Contacto indireto e extra-oficial com os comunistas, é o que pretende o chefe dos exércitos nacionalistas chineses. Abre o Exército americano concorrência para aquisição de 103.000 sacas de café do Brasil para serem enviadas à Europa. Aprovado em discussão inicial na Câmara dos Deputados o projeto de Lei de Imprensa. Aumento de 10% na Luz, Gás e Água, e 12,5% no fornecimento de Força da Capital da República, bem como de 10 centavos em cada seção de bondes. Desaparecido um navio baleeiro inglês quando em viagem da África para o Rio. Decretada a prisão preventiva dos falsários, tendo sido descobertos pela polícia carioca cerca de 120 milhões de cédulas falsas. Denunciam os Estados Unidos a condenação do cardeal Mindszenty como um ato de "perseguição desenfreada". Dinamitados pelos russos os restos da Chancelaria do Reich em Berlim. Uma companhia de estrada de ferro norte-americana anuncia a maior dispensa de empregados desde a depressão de 1929, cerca de 8.100 funcionários, em consequência da diminuição no tráfego de passageiros e cargas. Exige a Rússia que a Iugoslávia seja convidada a apresentar suas reclamações territoriais e reparações de guerra contra a Austria. Vai reunir-se o Sacro Colégio dos Cardeais em Roma, para que ouça o pronunciamento do Vaticano contra o julgamento de Mindszenty. Delegação popular de paz, para entendimento com os comunistas, em Nanquim e Pequim. Terminados os trabalhos da Comissão Mista Brasileiro-Americana, entregando o ministro da Fazenda e o sr. J. Abbink o relatório final ao presidente da República. Suicida-se o Rio a viúva de Virgílio de Melo Franco. Aprovado em discussão final na Câmara dos Deputados o projeto que altera o regime de férias em todo o território nacional, aumentando para 20 dias o período de descanso do empregado que tiver menos de 6 faltas durante os últimos doze meses de trabalho. Não tem caráter agressivo a projetada aliança defensiva do Atlântico Norte, é o que declara Dean Acheson. Um grupo de mineiros bolivianos em greve prendeu durante quatro horas o ministro do Trabalho da Bolívia, como represália a um ato do governo. Aprovado o aumento das pensões concedidas pelo IPASE. Em greve na Argentina cerca de 30.000 trabalhadores gráficos, deixando de circular quase todos os jornais editados em Buenos Aires. Protesto do cardeal D. Jaime Câmara contra a condenação de Mindszenty. Publicada a minuta do Pacto do Atlântico Norte. O presidente Truman censura a condenação do cardeal húngaro. Querem os líderes civis chineses que Nanquim e Shanghai sejam declaradas cidades abertas. Inicia o general Sílvio Raulino de Oliveira, nos Estados Unidos, os estudos técnicos para o aumento da produção de Volta Redonda. Norton de Matos, candidato das oposições portuguesas, não concorrerá mais às eleições em seu país, sob alegação de que lhe foram recusados, pelo governo português, os privilégios concedidos ao candidato governamental. Um funcionário do Ministério do Trabalho do governo de Londres espera encontrar "a quilha com os estais" da Arca de Noé, no monte Ararat. Séria advertência da Grã-Bretanha à Hungria a respeito da decisão do tribunal popular no caso Mindszenty.

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.



Há 118 anos que o SABÃO RUSSO beneficia os lares. Daí, a confiança de que goza em nosso meio. Os filhos ouviram o seu elogio da boca dos pais, os pais dos avós, os avós dos bisavós. Todas as gerações souberam que se deve ter sempre em casa, ao alcance da mão, um vidro de SABÃO RUSSO. Ele é o amigo, o médico, o confidente, sempre pronto, de dia ou de noite, a prestar-nos auxílio.

Líquido, sólido e em bastões para barba

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

ECONOMIA AGRÁRIA

★
Noções de teoria e prática, de
HENRIQUE DE BARROS

★
Livreria Sá da Costa
Lisboa

novela portuguesa, uma tarefa renovadora. Colocando-se, senão entre os precursores, pelo menos na guarda avançada do Naturalismo, deu aos trabalhos que haviam de formar a série da "Comédia do campo" certa feição científica, como lhe permitiam os seus recursos, de estudante primeiramente, e depois de doutor em Medicina. A par de raro poder de observação, com flagrantes e surpresas de acentuada marca pessoal na apresentação das paisagens, dos tipos, dos costumes, havia ali o exame de casos mais ou menos patológicos: heranças mórbidas, vícios, influências da origem e do meio ambiente. Veio mais tarde a "Comédia burguesa", no cenário de Lisboa, e o doutrinador se manteve o mesmo, apenas voltado agora para os aspectos ou questões sociais e políticas de uma geração. O sr. João de Barros, pai do autor de "Economia agrária", tem sido, continua admiravelmente a ser, um mestre de energia e de beleza. Publicista, poeta, professor de Literatura, tudo, nos seus ensaios e crônicas, nas suas aulas, nos seus versos, são lições de entusiasmo e esperança, de amor à terra e à gente de Portugal. E também do Brasil, porque continuamente a ação do sr. João de Barros, pelo jornal, a conferência, o livro, se dirige ao engrandecimento das duas pátrias.

Dêse duplo legado principiou a formar-se a individualidade mental e moral do sr. Henrique de Barros. Trazia consigo a índole essencial de um grande trabalhador a serviço de uma nobre causa. Mas o seu espírito, certamente por influência também da época em que entrava a amadurecer e produzir, desviou-se dos objetivos do campo literário rigorosamente dito para os problemas que interessavam à existência prática, ao maior e melhor aproveitamento das fontes vivas e criadoras do solo português. Nesse sentido e para orientar o seu programa adquiriu larga cultura especializada. Pela relação bibliográfica apensa ao presente volume — e na qual estão incluídos dois nomes brasileiros: Gilberto Freyre e A. Carneiro Leão — se vê o sistema de conhecimentos com que o autor de "Economia agrária" amparou ou reforçou o prestígio das suas concepções individuais. Em breve a segurança e o alcance dos artigos publicados em jornais e revistas lhe valeram um destaque verdadeiramente superior. O Instituto Superior de Agronomia chamou-o a ocupar uma das suas cadeiras, justamente a que corresponde à matéria fundamental do livro agora em apêço. Por uma sequência de opúsculos sobre as riquezas e as possibilidades de desenvolvimento agrícola de várias regiões, naturalmente o sr. Henrique de Barros se encaminhou para a organização de um vasto volume que daqueles subsídios tirasse a súpula teórica e a base de orientação. E quaisquer leitores, ainda os mais profanos perante o princípio inspirador e a técnica de realização que estas quinhentas páginas encerram, claramente não de compreender a obra, para devidamente a prezar.

POEMAS TRADUZIDOS

★
Por **MANUEL BANDEIRA**

★
Editora Globo
Porto Alegre
1945

do sr. Manuel Bandeira para a chamada poesia moderna — ou modernista, como também a denominam. Por esse caminho tem ele ido, realmente, aos extremos do arrôjo imaginativo e da independência nas formas de expressão. Não há tema, por mais excêntrico ou mais comensal, ou até fora dos limites dessas duas condições, que não mereça a interpretação dos seus versos — os quais então, à força de singulares, nem versos ficam sendo. Mas o sr. Manuel Bandeira, como alguns outros, bem poucos, poetas, incondicionalmente impõe as suas

O sr. Henrique de Barros é filho e neto de homens de letras notáveis, em cujas obras se afirma sempre o ideal de ensinar, construir, fazer alguma coisa além ou acima daquilo que encontraram feito. Seu avô por parte de mãe, o romancista Teixeira de Queiroz, empreendeu, na

obras, como poesia sempre boas, como arte poética... nem sempre. Muitas delas ficariam perfeitas, alinhadas como simples, espontânea prosa; outras, em número, felizmente, muito menor, impressionam por uma feição, um "ar" especial que as torna, sinceras embora, para nós sobretudo extravagantes.

Ora, nas suas traduções, como nas produções originais que, por alguns confrades seus, forçosamente não de ser qualificadas de passadistas, não usa o sr. Manuel Bandeira de nenhum arbitrio, nenhum autoritarismo, quer no conceito quer na forma. O seu trabalho se guia por uma fidelidade tanto quanto possível atenta e escrupulosa. Para servir o gênio alheio, dando-lhe, em outra língua, mais larga divulgação e novo realce, a sua aplicação e o seu esforço atingem o impecável. Por estas páginas além, encontramos outra vez, integralmente por assim dizer, os poetas que já conhecíamos; e com os que ignorávamos, logo, de maneira que nos parece completa, nos familiarizamos. São, ao todo, quarenta. Vêm desde S. Francisco de Assis e a sua "Oração" que, sem métrica, sem rimas, nem por isso deixa de constituir o mais lindo poemeto de ternura e de fé; e os últimos são Juan Ramon Jimenez, com trinta e duas encantadoras "canções", Arturo Torres Rio Seco e Rafael Alberti.

Eis o soneto "Ao Cristo Crucificado", conhecidíssimo em castelhano e que o sr. Manuel Bandeira admiravelmente passou para a eloquência do nosso idioma:

Não me move, meu Deus, para querer-te
O céu que me há um dia prometido:
E nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te
Cravado nessa cruz e escarnecido.
Move-me no teu corpo tão ferido
Ver o suor de agonia que ele verte.

Moves-me ao teu amor de tal maneira
Que a não haver o céu ainda te amara
E a não haver o inferno te temera.

Nada me tens que dar porque te queira;
Que se o que ousa esperar não esperara
O mesmo que te quero te quisera.

Eng^o JOAQUIM HUET DE BACELLAR

★
Biografia por **GILBERTO HUET DE BACELLAR**

★
Rio de Janeiro
1948

por desprendimento pessoal se absteve de dar a estas páginas, em geral, a feição rigorosa ou propriamente literária.

É um sistema de fatos e de datas, escrupulosamente desenvolvido com exatidão em todos os pormenores. Nada mais singelo como exposição; e quase não existe o comentário. A eloquência da obra ressalta, com perfeita naturalidade, da natureza dos empreendimentos e da maneira como foram levados a cabo. Algumas vezes a tarefa cabalmente traçada por Huet de Bacellar e cujo cumprimento se deveria operar em perfeita serenidade e com relativa facilidade, se transformou em luta de que só um herói sairia vencedor. Aquela inteligência criadora e aquela ardorosa atividade encontraram obstáculos na indiferença ou pouca compreensão de governantes e administradores, na má vontade ou mal orientado orgulho dos "cronés" mandões de homens e com funesta influência em determinadas regiões. Assim, algumas das realizações que ele levou a várias províncias e depois Estados do Brasil, São Paulo, Minas, Mato Grosso, Amazonas sofreram retardamentos, embaraços em que havia outras tantas injustiças. Mas sempre, por fim, a sua capacidade se exerceu como desejava e o seu esforço de algum modo triunfou como merecia.

"Idealista, generoso, cavalheiresco, patriota e crente — conclui o longo estudo biográfico — tivera a desventura de viver numa época triunfante para o materialismo burguês, que via no dinheiro, na ostentação e no gozo a suprema aspiração. Digno e honrado, morreu pobre e modestamente, como sempre vivera... Foi assim Joaquim Huet de Ba-

Foi para celebrar o centenário do nascimento do insigne engenheiro Joaquim Huet de Bacellar que o comandante Gilberto Huet de Bacellar organizou o presente trabalho. O seu intuito consistiu em render justiça e prestar homenagem. Não teve outra preocupação de autor. E

cellar, sob o véu de uma profunda modéstia, não só uma inteligência culta e um grande coração, mas um brasileiro ilustre que, através de todos os obstáculos, conseguiu ser um exemplo edificante de patriotismo e de eficiência — um valor técnico a serviço do Brasil."

HISTÓRIAS DO MUNDO AZUL

★
Contos infantis de **LAUSIMAR**

★
Pongetti
Rio de Janeiro
1949

toda a figura a doçura e o esplendor. Revelou-lhe que, botanicamente, se chamava Saccharum Offinarum; apresentou-lhe as donzelas do seu séquito: Beta Vulgaris, a do açúcar de beterraba; as irmãs Glucose, da fécula e da uva; Lactose, do leite, etc., e contou-lhe como nascera na Ásia, foi para a Espanha e para a Sicília; veio para as Antilhas, para o Brasil e aqui estabeleceu o seu reinado, entre todos magnífico.

As outras narrativas obedecem à mesma orientação e ao mesmo propósito: divertir as crianças, proporcionando-lhes, quando inteligentes e portanto amigas de aprender, noções e exemplos de sabedoria, trabalho, bom gosto e bom coração. A autora, de seu nome todo Lausimar Laus Gomes, é mestra de crianças e não simplesmente de profissão mas por vocação essencial e verdadeiro amor ao mister. Dai o cuidado e a ternura da organização deste volume, para o qual os desenhistas Wilson e Catelli executaram apropriadas ilustrações. Lausimar sabe realmente do seu ofício de educadora; e em seus momentos brinca, ela própria, de "gratter la lyre", como se vê pela história "O anão e o gigante", que assim começa:

Já vai por muito tempo...
Numa vila quieta
Vivia um bom anão,
Alegre, folgazão,
Feliz trabalhador.
Sorria para a vida
E via o mundo todo
Na casita risonha.
E, com olhar de quem sonha,
Bendizia o Senhor.

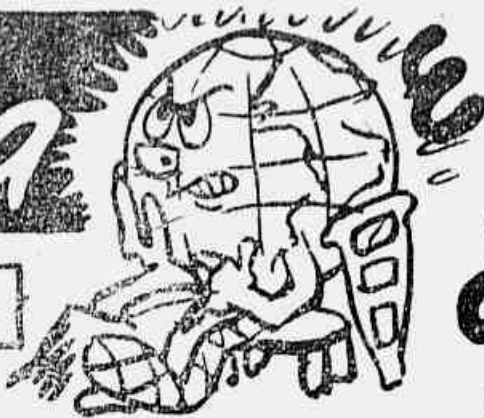
RECEBEMOS:

Cronos, nº 1 desta revista bimestral de cultura, dirigida, na parte literária, pelos srs. Adriano Kury, Célio Lyra, L. R. de Almeida, M. C. Pinheiro Guimarães e Pedro Luis Masi, e na parte artística pelo sr. A. Gadelha. Este primeiro número insere, além da matéria de redação, trabalhos assinados pelas sras. Marília Monte e Alzira Ferreira de Coimbra e os srs. Roberto Avila da Costa, M. C. Pinheiro Guimarães, Pedro Luis Masi, Bernardo Gersen, A. Gadelha, Adriano Kury, Olinto Pitanga Távora, J. F. de Carvalho Klier, Antônio Fraga, L. R. de Almeida, Saldanha Coelho e Zito Batista Filho. Rio de Janeiro, 1948.

Estenografia ou Taquigrafia, por Pedro da Silva Luz. "Dez pontos de prova. Elementos para concursos e aperfeiçoamento de prática, independentemente de sistemas ou métodos". Rio de Janeiro, 1948.

Cultura, nº 1, com 280 páginas, desta excelente publicação quadrimestral do Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, e de que é diretor o sr. José Simeão Leal. Além das rubricas "Documentário", "Resenha", "Bibliografia" e "Vária", com profusa colaboração, insere este número trabalhos assinados pelos srs. Renato Almeida, Lúcio Costa, Evaldo Coutinho, Euryato Canabrava, Artur Ramos, Artur César F. Reis, Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues, Wolfgang Hoffmann Harnisch, João Augusto de Araújo Castro, Antônio Honais e Otto Maria Carpeaux.

Saúde, nº 11, ano I do mensário publicado pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária e o qual, além de numerosos conselhos de higiene e profilaxia, insere notas curiosas, alguns versos e interessantes caricaturas do desenhista Luis Sá. Rio de Janeiro, 1948.



CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO



Um — Quando quiserem casar, nunca peçam a mão da moça sem olhar os dedos da mãe. Se estiverem com ricos anéis de brilhantes, é sinal de boa, isto é, de boa escolha. Se não, por que não deixam isto para depois do campeonato do mundo?

Outro — Quando o sapato largar a sola ou romper-se de tão velho, digam, mostrando-o orgulhosamente a todo mundo: eis o efeito de violento «shoot» a «goal»! E serão levados em triunfo.



O Carnaval, a festa bárbara e pagã que tira a máscara de toda essa gente, está à porta, entrando pelas janelas e porões habitados do carioca. Meu coração de pai amantíssimo se enluta e confrange. Vejo a mocidade e a velhice em esgares e trejeitos sensuais pelas ruas e nos clubes, num atentado ao pudor que a Moral dos Salamaleques sempre condenou. Indignado, vou recolher-me a uma ilha deserta, gesto que só encontra similar em Chiang Kai Shek. Mas, para isso, preciso de dinheiro, e dinheiro grosso, pois não fujo com medo e sim revoltado. Estive pensando em montar, cautelosamente, uma pequenina fábrica de dinheiro de nossa emissão especial, a título de experiência, até uns dez mil cruzeiros.



Também achei razoável organizar uma excursão de algum «Angelo», um «Angelo do Bombo», à cata de donativos para um bloco de salvação dos foliões mutilados pela crise; porém o que vai dar certo é a tómbola que pretendo realizar, de um «jeep» que data da invasão holandesa e que foi tomado a unhas e dentes por um meu bisavô das garras adunças do calvinista Sigismundo Van Chopp, duplo troféu dos Salamaleques. Com esse sorteio sei que caí

cheque em meu bolso limpo de desonestidade, o que não deixa de ser uma coisa insuportável. E passarei o Carnaval a meditar nos altos destinos dos grandes homens. Enquanto os mascarados se divertem no Municipal e nos clubes do Catete, eu estarei no meu retiro, sem fantasias, completamente despido de vaidades, no artístico quadro da Natureza morta. E agora, filhos diletos de minhas entranhas, dois pequeninos conselhos:



SUCREIAIS

ATE QUE EN-
FIM, QUERIDI-
NHA.



Bodas de ouro — Devia passar, a 15 deste mês, a data precisa da celebração das bodas de ouro do casal ali da esquina, o que foi adiado «sine-die», em virtude de esperar o espôso, que é financista, e sua espôsa, que é econômica, melhor taxa para a venda de ouro no Banco do Brasil.



Nascimento — Nasceu, mas morreu em seguida, por falta absoluta de interesse por este mundo, um filhote de porco caletu, no Jardim Zoológico.



Banquete — Os urubus da redondeza vão festejar o auspicioso acontecimento com um banquete de dez talheres, mas têm fé em Deus que bichos maiores resolvam se guir esse exemplo.



Enfermo — Atacada de elefantíase, achase acamada a prezada senhorita Etzi, só se erguendo com auxílio de guindaste, o que causa grande hilaridade entre os macacos e papagaios, e a maior esperança entre os urubus de todo o País.

SITUAÇÃO INTERNACIONAL

(Telegramas pelo Cabo Frio) Far West, 10 — Os Estados Unidos mobilizaram exército e aviação para a guerra ao frio.

(Urgente, pelo Cabo de Esquadra) Berlim, 10 — Por causa do corredor de Dantzig rebentou a segunda guerra; agora o corredor de Berlim ameaça a paz; felizmente Pintacuda continua a ser o mais importante corredor do mundo e ninguém vai brigar por isso.

(Outra vez urgente, pelo Cabo de Vassoura) Cairo, 8 — O Brasil reconheceu o Estado de Israel, tendo o ministro do Exterior esperado dois mil anos.

PENSAMENTO

Quando um peru à meia-noite canta, o dono imediatamente se levanta. (De um sábio chinês.)

N. da R. — Isso é lá. Aqui, a mulher pergunta: «O velho, que que há com teu peru?».

CONSULTÓRIO de GRAÇA para POBRES de ESPÍRITO



Celina (Recife) — Seu nome tem várias significações. Pode vir de céu, como também de cela, ou ainda da CEL. Depende da senhora.

Maria (Maceió) — Lindo nome. Nome sagrado, já tendo sido proibido. Vem de Miriam, do sânscrito. Mas não deve ser misturado com outro nome próprio de homem. Por exemplo: Maria José. Disparate. Uma Maria que se preza não se mistura dividindo seu sexo. Ou é Maria, ou é José. As duas coisas juntas atrapalham como diabo.

Dulce (Curitiba) — Seu nome é um favo de mel. Quer dizer doce. É espanhol, isto é, castelhano, que, por si, já o recebeu do latim. Mas mude o sobrenome: Dulce Pedrosa. Absurdo. Um doce de pedra ou empedrado, é lá coisa que se use!

Moagiba (Manaus) — É de etimologia complicada, parecendo que significa o filho da dúvida. Mas você está mesmo certo de que foi seu pai que o escolheu?

Barão do Buteço

O COLAR DE ESMERALDAS

Novela de **HOLLOWAY HORN**



Tradução de **R. DE ALENCAR**

O colar daquela tradicional família já contava, no mínimo, uns três séculos de uso e, apesar de a moda haver alterado muito a feição de tais jóias, gerações e gerações femininas dos Rearstons sempre se recusaram a modificar a primitiva composição ou forma artística da bela obra florentina. Já não se tratava de uma jóia, e sim de uma relíquia lendária na família Rearston.

Sobre o assunto ficou muito interessada Sophie Woolland, quando Sir Ronald lhe disse que sua família, possuidora do colar, estivera ligada à dela durante séculos. Seu avô (bem como seus ancestrais), trabalhara na propriedade rural dos Rearstons, tendo, porém, emigrado para o Canadá cinquenta anos depois. Ele e seu irmão, que foi o pai de Sophie, conseguiram construir considerável fortuna, quando Sophie nasceu na mais completa abundância. Essa jovem que ouvia tais informes sobre seus antepassados, tivera essa oportunidade quando de seu encontro com Sir Ronald Rearston num baile oferecido pela Embaixada americana em Paris.

A jovem canadense ficou a cismar sobre esses episódios históricos de seu avô, que, provindo de uma fazenda da tradicional família Rearston, tornara-se opulento e um dos liames entre aquela aristocracia e sua família.

A distinção social dessa moça, seu porte elegante, suas maneiras delicadas, sua cultura geral, seu trajar bem cuidado e de última moda, perturbaram o espírito de Sir Ronald, que não pôde mais apagar sua imagem da retina.

— E como é linda essa moça! — monologava ele depois de seu diálogo durante a dança.

Dera graças aos seus deuses pelo prazer de tal encontro, tanto mais que era Sophie uma pessoa ligada à própria família dos

Rearston, pela tradição. Ela, por sua vez, ficara impressionada com o acaso, e bastante interessada na história do colar e da posição de sua família, por intermédio de seu avô, entre a fidalguia dos ascendentes daquele cavalheiro com quem conversara.

Passaram-se dias até que os dois se encontraram novamente a bordo de um desses navios que fazem o serviço de travessia do Canal da Mancha. Sophie estava a conversar com um senhor a quem Rearston conhecia ligeiramente. Chamava-se esse terceiro personagem Wilmer Hancock e os três viajavam juntos para o mesmo destino.

— Esse Hancock, teria pensado Rearston, me parece um tipo excêntrico e original, mas um sujeito de agradável aparência, não havia dúvida. Também Sophie estava impressionada com ele. Não havia dúvida. Wilmer Hancock não podia esconder sua paixão pela jovem, conforme não demorou que ela mesma o percebesse; contudo, o rapaz não fez nenhuma declaração.

Sobre Sir Ronald podia-se saber tudo, desde a sua infância no velho solar de Hertfordshire, onde toda a família vivera desde as gerações mais remotas, até à sua brilhante carreira diplomática no "Foreign Office". E, segundo se dizia, só não chegara ainda ao alto posto de embaixador em virtude de um imprudente matrimônio.

Mas que se sabia acerca do outro companheiro de viagem da formosa Sophie? Nada de definitivo ou claro. Muita gente o conhecia e era ele até popular, mas havia qualquer coisa de incerto, de impreciso a seu respeito. Além disso, não deixava de ser curioso e excepcional para um homem ainda um tanto moço, mesmo rico, não ter uma ocupação visível em que despendesse o seu tempo em qualquer coisa útil e produtiva.

Wilmer era australiano, mas vivera por muitos anos na América. Talvez por isso

não apresentava nenhum dos característicos de sua origem nacional, dando ainda a impressão de que sempre ocupara boa e agradável situação.

Pelas aparências devia ter seus quarenta janeiros, e neste particular se apresentava quase tão bem parecido como Rearston.

Hancock interessou a Sophie. Mas, como ele nunca lhe houvesse dirigido mesmo um galanteio como prefácio a maiores sinais de pretensões casamenteiras, ela, por si também, não achou bem dar-lhe corda, e se manteve discreta e até reservada.

Durante aquela travessia, a jovem parecera mesmo algo inclinada para Rearston, o que não deixou de provocar certos sinais de ciúmes em Wilmer; porém... tudo continuou sem maiores complicações e, depois, cada um seguiu para seu lado.

Semanas depois desse encontro sobre as águas da Mancha, ela teve ocasião de conversar com Wilmer num restaurante, quando informou que ia casar-se com Rearston.

Ao ouvir esta confissão, os olhos de Wilmer se fixaram nos da jovem, demorada e intensamente, perguntando-lhe depois:

— Folgo muito em sabê-lo, Sophie. Ele é um bom amigo.

— Conforme me disse Rearston a noite passada, a comunicação estará nos jornais no próximo sábado.

— Você o ama, Sophie? — indagou Wilmer.

Ela, antes de responder-lhe, fitou-o com um sinal de indecisão no olhar.

— Sim... E é mesmo engraçado, pois já eu havia dito que seria ele o último homem a quem amaria nesta vida.

— Tenho apenas receio de que, depois, de tornar-se Lady Rearston, sua vida e a dele se transformem...

— Estou certa de que, quanto a Rearston, chegará ao pináculo... O dinheiro

não val, porém, influir uma nesga em nossa vida.

— Não quero referir-me a dinheiro. Quero referir-me à sua pessoa, Sophie, exclusivamente.

Depois dessas palavras Wilmer convidou-a:

— Venha, vamos dançar. A orquestra está excelente e isso deve ser agradável.

Enquanto dançavam iam conversando:

— Estou ansiosa para ver aquela casa, a histórica mansão Rearston. Ronald esteve lá recentemente e disse que tudo continuava tão perfeito como quando foi inaugurada. Eu e uma tia minha estaremos lá neste fim de semana. Nenhuma mulher esteve residindo em Rearston Hall desde que a mãe de Ronald faleceu — disse a moça.

— Sophie — respondeu Wilmer em voz de sussurro, tendo-a nos braços, naquela dança inesquecível — lembre-se... eu... eu... espero que você seja muito feliz. Tenho certeza de que você o será.

A moça percebeu uma certa intensidade na expressão de Wilmer, que não deixou de surpreendê-la.

— Isso me parece até engraçado — disse ela com certo enfado.

— Mais engraçado do que você pensa, Sophie — tornou ele, numa entonação de voz e com um ar que ainda mais a preocupou.

Quando pararam a música, voltaram à mesa do restaurante e ela continuou:

— Ronald voltou a falar-me uma dessas noites acerca de famoso colar de esmeraldas chamado "A Felicidade dos Rearstons". Ele me disse que, segundo o costume da família, toda noiva de um Rearston deve usá-lo, embora não seja o verde a cor da felicidade.

— Está nervosa por isto?

— Não, evidentemente. Eles já o usaram por muitos séculos e, segundo parece, não aconteceu ainda nada de alarmante. Irei vê-lo neste fim de semana.

— Felicito-a pela firmeza de espírito, minha querida. Estou muito contente com isto. — Ergueu seu copo e saudou-a cordialmente: — A sua saúde e a de todos os seus.

Depois de breve silêncio, perguntou-lhe a moça:

— Por que nunca se casou, Wilmer?

— Penso que não teria muita sorte com casamento — respondeu sem vacilar.

— Mas... por que diz isso? — insistiu ela.

Não respondeu. Limitou-se a fazer um esto de indiferença com os ombros, embora sua linda interlocutora descobrisse em seu olhar uma causa remota, de indefinível interpretação.



Sir Ronald chegou a Rearston Hall um pouco depois de meio-dia e alvoroçou os seus empregados, na maioria muito idosos, determinando através de ordens severas que todo o palácio estivesse pronto e em condições de receber os convidados no dia seguinte. Pela manhã, porém, estava ele ao pé do fogo, no vestibulo, visivelmente contrariado. Parecia mais um fazendeiro do que um membro do corpo diplomático. Aquêl aspecto de decepção se modificou de seu rosto quando um dos empregados veio anunciar a chegada do inspetor de polícia.

— Muito me alegro, inspetor, por ter vindo. Já faz muito tempo tivemos aqui um roubo. Agora, novamente, registramos a violação do nosso cofre. O despenseiro Crossley achou-o assim.

— Não o forçaram — disse o detective examinando o cofre.

— Não. A fechadura estava aberta. No mínimo, o ladrão obteve uma chave igual à nossa.

— É trabalho de profissional, Sir.

— Também penso assim.

— Tem uma lista dos objetos desaparecidos?

— Há apenas um objeto furtado, o colar de esmeraldas conhecido como "A Felicidade dos Rearstons".

— De muito valor, Sir?

— Sim. Estava segurado por três mil libras. Felizmente, ontem à tarde mandei à Casa Poland, em Bond Street, várias jóias para novas montagens e modernização.

— Estava o cofre fechado a noite passada, Sir?

— Eu próprio o fechei. Depois coloquei a chave onde sempre a coloco, lá em meu gabinete. Ela ainda lá se acha.

— Irei comunicar-me com a Yard. Pode descrever-me o colar?

— Pois não! Ele muitas vezes ilustrou



páginas de arte de revistas, e eu tenho uma cópia em meu gabinete, que posso fornecer-lhe.

★

A jovem canadense estava deslumbrada com o palácio, com encantadoras lareiras, janelas, e especialmente fascinada pelas magníficas escadarias.

— Muitas vezes pensei em vender esta casa, Sophie, — disse Sir Rearston, — mas agora, que a encontrei, estou contente por não ter realizado esse intento, querida.

— Oh! Mas você não podia fazer isto! — exclamou a jovem.

— Sim, mas você compreende; isto aqui até há pouco não passava de uma carga de muita despesa sem utilidade para mim, que pouco vinha até cá; além disso não possuo parentes próximos.

— Não está pensando novamente em vendê-la só por causa do colar. Seria uma insensatez.

— Insensatez — concorda ele. — Certo, sendo você, Sophie, uma criatura moderna, não vai ficar preocupada com aquela velharia.

— Não diga tal!

— Minha querida, não vá dizer que...

— Olha, Ronny, sei tudo acerca do colar. Mas, antes do mais, esta região da Inglaterra está cheia de tradições e de lendas. A respeito do colar, ouvi de meu avô coisas muito antes de você m'as contar, ou mesmo de eu sonhar que, um dia, ia ver com os meus próprios olhos esta mansão. Eis por que motivo me interessei tanto pelo que você me contou sobre tudo isto.

— Tive oportunidade de conversar com o vigário a respeito de sua família, Sophie. Não há, agora, nenhum representante da família Woolland em Rearston, pois seu avô foi o último. Entretanto muitos figuram como marceneiros e ferradores.

— É, talvez, por isto que eles fazem carros agora — disse a moça a sorrir. — Contudo, depois de achar todas estas coisas acerca de meus antepassados, não ficará surpreso se eu estiver contrariada com o acontecido em torno do colar, não?

— De certo modo, Sophie, estou contente com este seu sentimento.

★

Logo que se esgotou aquele rápido fim de semana, estando Sophie desapontada com o insucesso acerca do famoso colar de esmeraldas que ela ia usar como noiva de um Rearston, voltou para a cidade, indo sem demora ao escritório de Wilmer Hancock em Bond Street.

— Sinto muito a perda que sofreu Ronald — disse o visitado.

— Perda do Ronald? Minha, minha a perda — corrigiu ela. — Ele está providenciando outras jóias para mim, mas o colar... Este não oerei mais. As mulheres de sua família o têm usado através de gerações. Só eu...

— Aquilo dá azar... Estava no seguro? — pilheriu Wilmer.

— Sim. Mas creio que não será reconstituído. Vi muitas fotografias dele. Que coisa admirável! Infelizmente nunca o usarei!

— E que belo conjunto as esmeraldas com os seus cabelos negros! — disse Wilmer, lisonjeiro.

— Ronny me disse que faria o possível e o impossível para conseguir-me uma duplicata; mas as esmeraldas nunca ficariam tão maravilhosamente belas como no seu velho e primitivo engaste. Ele está entristecido mais do que podemos imaginar, em-tectivo, com voz grave.

— Segundo tenho ouvido falar, havia no "Rearston Hall" muito mais velharias do que idéias; e, hoje em dia, mais valem idéias novas. E, ao que parece, você está muito mais transtornada do que faz crer — disse ele com um sorriso.

Sophie, como se não houvesse ouvido nada, apenas balbuciou, como se falasse para si mesma: "A Felicidade dos Rearstons"...

★

Não havia mais de dez minutos de marcha entre Bond Street e o Laurie Club; mas se tinha a impressão de que estavam em um mundo diferente. Esse estabelecimento era de caráter privado, exclusivo para seus sócios, cujo trajar dava a impressão de sólida respeitabilidade. Contudo, havia certas particularidades que davam a entender que nem tudo naquele meio era aristocracia e decência. As conversas entre alguns dos sócios não davam boa impressão. Naquele instante conversavam três parceiros e um deles, depois de olhar em volta, perguntou se o "Artist" já havia voltado. Depois um da trinca se referiu ao caso do colar.

O escritório de Silas Ahrenstein, comprador de pedras preciosas, era um desses cômodos vulgares, apenas chamando a atenção pelo desconunal cofre que, sozinho, o tomava quase todo. Ahrenstein estava sentado à sua mesa, examinando com o auxílio de uma lente, um monte de pedras. Exteriormente era considerado um próspero negociante, mas havia no ar alguma coisa contra ele...

A porta do escritório se abriu e um empregado anunciou:

— O inspetor Garrod está aí fora e precisa falar-lhe.

— Quem?... que deseja de mim? — perguntou Ahrenstein meio apreensivo.

— É assunto pessoal — respondeu Karl. E em tom mais confidencial: — É melhor recebê-lo sem demora.

O comprador de jóias lançou um olhar nervoso para o cofre.

Um minuto depois um senhor alto e com chapéu de feltro era introduzido no escritório. Possuía uma certa maneira de atitudes militares e se mostrava algo reservado.

— É o sr. Ahrenstein?

— Sim.

— Sou o inspetor chefe Garrod, da Yard.

— Em que posso ser-lhe útil, sr. inspetor?

— Temo ter recebido informes pouco agradáveis para o senhor; mas... o "Artist" está em Londres — esclareceu o detective, com voz grave.

O semblante do negociante não demonstrou nenhuma alteração sintomática, e o policial riu quando ele retorquiu:

— Será, talvez, mais perigoso para o senhor, inspetor, do que para mim.

— Não estou bem certo disso. Decidimos pôr de sobreaviso alguns cavalheiros e firmas, confidencialmente.

— Não temo nada. Meu cofre é tão inviolável como o do Banco da Inglaterra.

— Para gatunos vulgares, talvez que sim; mas não para o "Artist", capaz de arrombar ou violar qualquer cofre. E o senhor deve saber disso.

— Só há no mundo um homem que conhece a combinação que pode abrir este cofre, e este homem sou eu! Sem conhecer o segredo, só seria aberto com auxílio de dinamite.

— Cérebros são, às vezes, tão perigosos como a dinamite — retorquiu Garrod. — Quero avisá-lo de que não confie em nenhum cofre, onde o "Artist" estiver.

— Veja! — disse Ahrenstein a sorrir dirigindo-se para o cofre, movendo-lhe des-tramente o disco do segredo e abrindo-o imediatamente. — Veja esta fortaleza! É in-xpugnável sem conhecer-lhe o segredo.

— Não vejo a marca da fábrica — disse o inspetor. — É Yank?

— Sim.

— Parece muito bom — continuou o detective, observando o móvel. — O de "Rearston Hall" é um pouco diferente deste.

— Suponho que sim — respondeu Ahrenstein, que, ao ouvir o nome de "Rearston Hall", como que se alterou, o que não passou despercebido à argúcia do detective.

— Não há dúvida que os Yanks sabem fazer cofres de segurança — disse Garrod quando o joalheiro tornou a fechar. E prosseguiu: — De qualquer forma está o senhor ciente de que o "Artist" se acha em Londres, e penso que não veio para tratar da saúde.

Quando o inspetor se foi, Karl, que era uma espécie de assistente de Ahrenstein, perguntou:

— Que desejava ele?

— Veio prevenir-nos de que o "Artist" está na cidade. Por que essa gentileza da Yard?

— Sem dúvida por causa do caso Rearston.

— Bill Hawkes é o único que sabe de nossos segredos e ele é leal.

— Só mesmo mais tarde poderemos saber melhor das coisas.

— Ele foi a Amsterdam e já me telefonou de lá.

— Seja como for — disse Karl — não gosto dessas visitas da Yard aqui. Parece que estão farejando alguma coisa...

Na manhã seguinte Ahrenstein teve alguma dificuldade em abrir a porta de seu escritório, o que lhe pareceu estranho. A chave encontrara embaraços na fechadura. Ao entrar olhou as coisas em volta, sus-peitando; mas achou tudo em ordem. Karl o seguia.

— Vamos desembaraçar-nos dessas esmeraldas imediatamente — disse Ahrenstein ao movimentar o disco para abrir o cofre.



— Certo. — apiaudiu Karl.

Quando a grande porta se abriu, deram os olhos do joalheiro com uma fôlha de papel onde estava escrito: "Você foi advertido sobre a presença do Artist". Rapidamente, Ahrenstein abre a gaveta.

— Roubaram!

Karl debruçou-se para ver. O patrão estava livido como um cadáver. E abria gaveta e mais gaveta também vítimas do audacioso ladrão. Depois de recobrar um pouco o ânimo, exclamou:

— Vou ao escritório de Bill Hawkes. E' ele o único homem, depois de mim, que sabia onde estava guardado o colar de esmeraldas. Ele simulou ausência em Amsterdam para despistar-me. Vou até sua casa.

Esse Hawkes era também comprador de jóias e tinha um escritório num subúrbio. Estava a examinar um relógio quando Ahrenstein chegou afobado.

— Que o traz aqui?

— Alguma coisa desagradável, Bill. O colar se foi.

— Que quer dizer com esse se foi?

— Quando abri o cofre hoje pela manhã encontrei isto!

Ahrenstein lhe passa o bilhete deixado pelo ladrão e conclui:

— Ninguém em Londres, se não você, sabia onde estava guardado o colar.

Bill pega no pedaço de papel e exclama:

— Inerível! E' como se fosse o "Artist" em pessoa!

— Mas como diabo teria ele sabido da combinação do meu cofre? Com certeza você andou a bater com a língua nos dentes.

— Eu?! Não seja tolo. Além disso, que sei eu da combinação do seu cofre? Se houve culpado foi você mesmo, que andou falando. A quem esteve contando coisas? Diga!

— O inspetor chefe Garrod esteve ontem à tarde lá em nosso escritório para prevenir-me que o "Artist" estava em Londres...

— Inspetor Garrod? Não há ninguém na Yard com esse nome.

No rosto de Hawkes se estampou o maior espanto e uma idéia o envolveu. Olhou firmemente o colega roubado e perguntou:

— Esse detective Garrod tinha uma pequena cicatriz logo abaixo do olho, com a forma assim como uma meia lua?

— Justamente... notei isso.

Hawkes sorriu.

— Que ingênuo! O tal inspetor chefe era o "Artist" em pessoa, seu bobo!

— E eu... — suspirou o roubado — e eu fui abrir o cofre à sua vista e o ladino pescou imediatamente o segredo e abriu o cofre!

★

Sophie estava fazendo, ainda, na cama a sua refeição matinal, quando a criada lhe trouxe a correspondência e um pequeno registrado. Antes de abrir o pacotinho, ela rasgou os envelopes e leu as cartas. Ao desembrulhar o invólucro não conteve uma expressão de contentamento. No fundo de um estojo forrado de lã estava... o colar de esmeraldas. Nervosa, procurou qualquer carta, bilhete ou simples frase com a explicação do fenômeno. Nada encontrando que esclarecesse o fato, pegou do telefone e discou um número.

(Continua na pág. 50)

A VIDA DE GALILEU

(GALILEU GALILEI — 1564-1642)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

UM jovem estudante de medicina estava ajoelhado na Catedral de Pisa. No vasto auditório reinava o silêncio, quebrado apenas pelo retinir molesto de uma corrente. Um sacristão acabava de encher de óleo uma candeia suspensa, e descuidadamente a deixara balouçando no ar. O tique-taque da corrente a oscilar interrompeu a oração do estudante e desviou-lhe os pensamentos numa direção muito afastada das práticas devotas.

De repente ele se pôs em pé, com espanto dos outros fiéis. O ritmo da lâmpada em oscilação iluminara-lhe a mente como um raio de luz. Parecia-lhe que esse ritmo era regular, e que o rechinante pêndulo empregava exatamente o mesmo tempo em cada uma das oscilações, embora a distância entre estas diminuísse cada vez mais.

Seria correto o testemunho dos seus sentidos? Nesse caso dera-se um milagre. Tinha de correr a casa e averiguar imediatamente se fora vítima de uma ilusão ou se descobrira uma das grandes verdades da natureza.

Chegando a casa, procurou dois fios do mesmo comprimento e atou-lhes dois pedaços de chumbo do mesmo peso. Amarrou então a outra ponta de cada fio a um prego separado; estava pronto para fazer a experiência. Pediu a seu avô, Muzio Tedaldi, que o ajudasse. "Quero que o senhor conte os movimentos de um dos fios enquanto eu conto os do outro".

O ancião deu de ombros. "Mais uma das maluquices de Galileu", resmungou de si para si. Mas consentiu em ajudá-lo.

Galileu tomou os dois pêndulos, afastou um deles a uma distância de quatro mãos e o outro a uma distância de duas mãos da perpendicular. Depois largou-os ao mesmo tempo. Os dois homens contaram as oscilações dos fios e cotejaram as suas notas. Os totais eram exatamente os mesmos — cem oscilações em cada caso. Os dois fios, apesar da grande diferença entre os pontos de partida, tinham chegado ao mesmo ponto simultaneamente.

E assim, no movimento oscilatório de uma candeia de igreja, Galileu descobriu o princípio rítmico da natureza que é hoje aplicado na contagem das pulsações humanas, na medição do tempo pelos relógios, nos eclipses do sol e no movimento das estrelas.

II

Galileu estava sempre fazendo experiências. Ainda em criança, recusava-se a confiar na autoridade alheia. Queria submeter tudo ao exame dos seus sentidos e da sua razão. Filho de um mestre de música, desde a infância mostrou interesse na "música das esferas". Era, no dizer de seu pai, um astrônomo distraído que enxergava estranhas visões e ouvia sons misteriosos. Na escola, enquanto o mestre procurava explicar a importância da preposição latina ou do verbo italiano, o espírito do jovem Galileu flutuava entre as nuvens, na esteira do balãozinho que o pai lhe comprara como presente de aniversário. Nas horas vagas fazia os mais variados instrumentos, imitações toscas de carros, moinhos, barcos — qualquer coisa que os seus olhos particularmente agudos observassem durante os passeios diários.

Aos doze anos foi enviado à escola monástica de Vallombrosa, esse "ensombrado vale onde os peregrinos deixam a alma num beijo". Ali, sob a influência dos monges beneditinos, Galileu por algum tempo acariciou a idéia de entrar para a ordem religiosa. Mas seu pai desencorajou o plano e tirou o filho de Vallombrosa. Tinha outros projetos — queria que Galileu fosse mercador de panos.

Galileu, sem embargo, também tinha lá as suas idéias. Insistia agora em seguir uma carreira científica. Aspirava a espe-

cializar-se em matemática — campo de ação que, nesses tempos de indiferença científica, prometia uma vida inteira de pobreza e obscuridade. Por fim, pai e filho chegaram a um acordo. Galileu entrou na Universidade de Pisa para estudar medicina.

E para mergulhar, secreta e fervorosamente, no estudo da matemática. Sob os textos médicos de Hipócrates e Galeno trazia escondidas as obras de Euclides e Arquimedes. E nas horas vagas realizava experiências com instrumentos fabricados por ele próprio.

Os professores não tardaram a inteirar-se dos seus estudos e experimentos. Expressaram desaprovção. Era nada menos que heresia um estudante pensar por si mesmo. Todos os problemas científicos — declaravam os professores — tinham sido definitivamente resolvidos por Aristóteles. Sempre que um estudante se atrevia a levantar uma objeção contra algum asserto dogmático, o professor encerrava a discussão com uma frase de Aristóteles: *Magister dixit*, o Mestre falou. E pronto. Mas ali estava um jovem bastante arrojado para confrontar os dogmas dos seus professores com as suas observações pessoais. Devia pôr-se um freio àquela audácia — tanto em consideração pelo bom nome da universidade como no interesse da alma do próprio estudante. Escreveram ao pai de Galileu, e o velho músico advertiu ao filho que ouvisse os seus professores e deixasse de se aventurar no desconhecido.

Mas Galileu não lhe deu atenção. Fizera uma descoberta profunda — o fato de que "a ciência da matemática é a linguagem da natureza". E estava agora pronto a consagrar sua vida ao estudo dessa linguagem.

III

Os professores de Galileu recusaram-lhe o diploma de médico. E assim o moço deixou a Universidade de Pisa com a fama de incapaz para a medicina e de "desequilibrado malabarista de números inúteis". Mas a sua habilidade em lidar com números lhe granjeava brilhante reputação entre alguns dos maiores matemáticos da Itália — Giuseppe Moletti, padre Cristoforo Clavio e Guidubaldo del Monte — homens a quem participava algumas das suas observações científicas, e que o honravam com o título de "Arquimedes do seu tempo".

Mas o Arquimedes do seu tempo encontrou na matemática um mau substituto da medicina. Pois nesse período havia muitos doentes, mas poucos curiosos. Galileu procurou arranjar alguns alunos entre a nobreza e descobriu que quase ninguém estava disposto a trocar pão e manteiga por números abstratos. Felizmente, porém, vagara a cadeira de matemática da Universidade de Pisa, e Galileu pôde conseguir o posto — em grande parte devido ao fato de que ninguém mais se interessava em obtê-lo. Pois o salário não passava de 60 escudos (cerca de 65 dólares) por ano.

A fim de ganhar o suficiente para a sua subsistência, começou a praticar a medicina nos momentos disponíveis. Mas esses momentos eram poucos. Pois ele andava mais ocupado que nunca em seus experimentos. Era seu propósito — dizia — reexaminar as doutrinas científicas de Aristóteles em vez de aceitá-las como verdades incontesteáveis. O melhor meio de chegar à verdade científica — sustentava ele — não era decorar os livros de Aristóteles, mas estudar o Livro da Natureza.

Os estudantes ouviam-lhe as dissertações com sorrisos mal dissimulados, e os professores o cumulavam de anátemas. Com que fim queria aquele moço atrevido tirar das estantes os volumes sagrados de Aristóteles, substituindo-os por uns ridículos

cordões, pedaços de chumbo, alavancas, círculos, ângulos e planos? Isso eram brinquedos de crianças, e não instrumentos para o grave estudo dos problemas do mundo. "Que ponha fim a esses disparates" — ameaçaram — ou lhe dariam uma lição que nunca havia de esquecer.

Mas Galileu recusou pôr fim aos seus experimentos, de modo que resolveram cumprir a ameaça. Contra os ensinamentos de Aristóteles, ele afirmara que dois pesos diferentes, caindo ao mesmo tempo da mesma altura, chegariam simultaneamente ao solo. Isso era absurdo — insistiam os professores. "Só um idiota poderá crer que uma pena e uma bala de canhão desçam no espaço com a mesma velocidade". Era chegado o momento de desmascarar aquele disputório, para eterna vergonha de Galileu. Em presença de toda a faculdade e corpo discente, obrigá-lo-iam a fazer uma demonstração pública das suas estúpidas teorias.

Galileu aceitou o desafio com o máximo prazer. O lugar escolhido para a demonstração foi a Torre Inclinada de Pisa. No dia marcado, os professores vestiram suas longas túnicas de veludo e dirigiram-se à Torre. Os estudantes e muitos habitantes da cidade, já os tinham precedido. Era uma turba ruidosa e folgazã, pronta para assistir ao descrédito de um homem. Coisa curiosa: nunca entrara na cabeça de ninguém verificar pessoalmente o simples fenômeno da queda dos corpos. *Magister dixit*. Aristóteles falara; portanto, que necessidade havia de dar tratos à cabeça?

E assim a assistência continuou a apurar enquanto Galileu subia os degraus da Torre Inclinada. Levava em uma das mãos uma bala de dez libras, e na outra um projétil de uma libra. Chegou o momento. Galileu soltou as duas balas do alto da torre. Um grito de mófa — e depois um murmúrio de espanto. O inacreditável aconteceu! As duas massas de ferro tinham partido juntas do alto da torre, desceram juntas no ar, e juntas chegaram ao solo.

Galileu demonstrara a sua teoria. Mas alguns professores teimavam em afirmar que ele estava enganado. A despeito do testemunho dos seus olhos, continuaram a advogar as doutrinas de Aristóteles. E a perseguir Galileu.

IV

Sem se deixar desanimar pela perseguição, Galileu persistiu no seu ensino

independente — e na sua vida independente. Era preceito acadêmico em Pisa que os professores usassem a túnica, não apenas nas salas de aula, mas também nas ruas. Galileu desobedecia a esse estatuto, pois considerava-o extremamente ridículo. As típicas lhe estorvavam os movimentos, afirmava ele. Queria sentir-se livre, tanto mental como fisicamente. "As vestimentas convencionais, assim como as idéias convencionais, são uma invenção do diabo". Mais de uma vez foi obrigado a retirar do seu magro salário com que pagar as multas pelas repetidas infrações da regra. Por fim as autoridades universitárias perderam a paciência com aquele jovem rebelde que se atrevia a desafiar as idéias e costumes aceitos na época. Ele não era um homem indicado para guiar a juventude, concluíam. Tinham de encontrar algum pretexto para demiti-lo da universidade.

O pretexto não tardou em apresentar-se. O príncipe Don Giovanni de Medicis, filho bastardo de Cosmo I, inventara uma draga com que pretendia limpar o porto de Livorno. Enviou-se a Galileu um modelo da máquina para ser submetido ao seu exame. O parecer de Galileu — que depois se verificou ser correto — foi desfavorável. A máquina, disse ele, era extremamente engenhosa, e tinha apenas um defeito: não podia funcionar. Exasperado com essa "afronta" à sua dignidade, Don Giovanni exigiu que se destituisse Galileu por incompetência. As autoridades universitárias acederam prontamente. Os estudantes, instigados pelos professores, juntaram suas vozes ao coro geral de latidos e Galileu foi escurado da Universidade de Pisa.

Mas ele tinha os seus amigos — Moletti, Clavio, Guidubaldo, outros matemáticos e físicos que lhe acompanhavam as brilhantes experiências e sabiam apreciá-las. Com o auxílio de alguns desses amigos, pôde conseguir uma posição melhor na Universidade de Pádua. Seus honorários subiam agora a quase 200 dólares por ano — uma quantia fabulosa para Galileu.

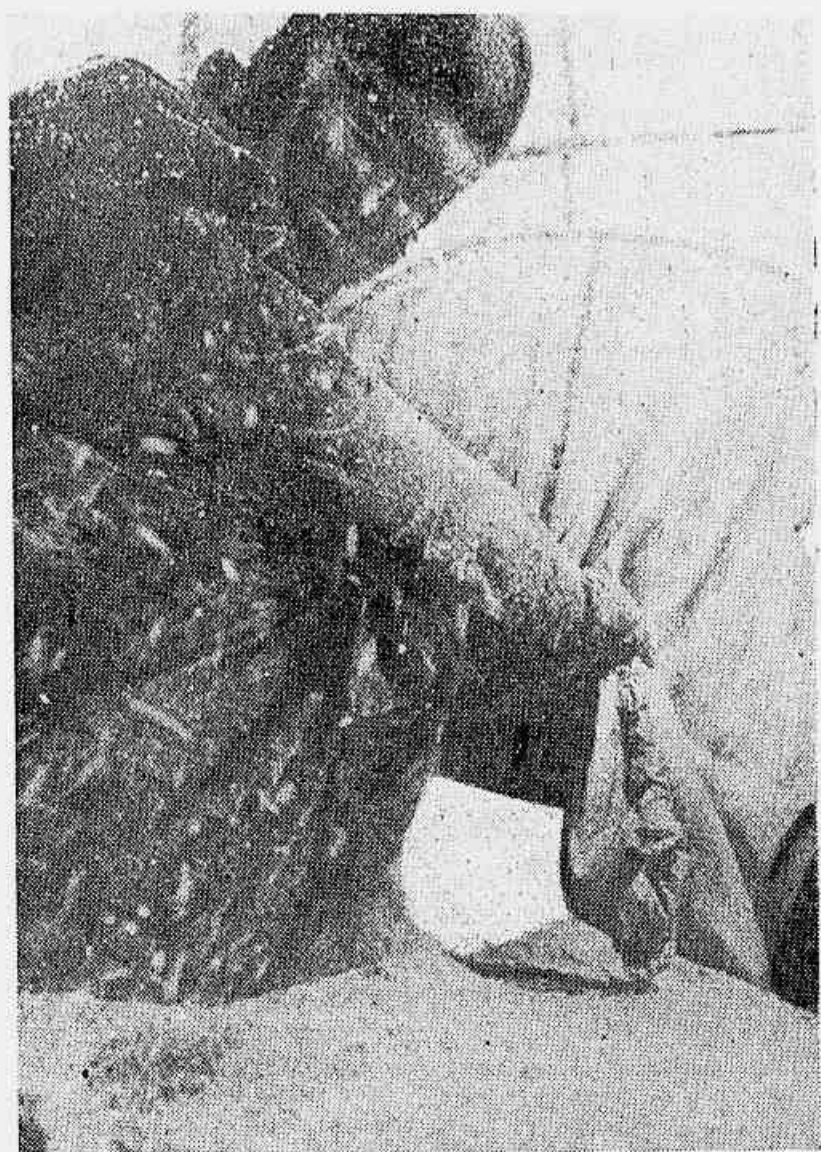
Ainda mais agradável que o aumento de salário, porém, era a sua liberdade. Em Pádua, ele podia falar sem a interrupção de miados e assobios. Quando galgou o estrado para dar a primeira aula (7 de dezembro de 1592), foi recebido com uma ovacão. Tanto mestres como alunos lhe prediziam um esplêndido futuro naquele

(Continua na pág. 50)



GALILEU

VIDA E MORTE DO CAPITÃO SCOTT



Oates, um dos componentes da caravana de Scott, resolve abandonar seus companheiros. Foi um gesto de desespero extremo que não foi possível evitar



Cap. Scott tenta inutilmente reanimar Evans, um de seus melhores amigos. E ele testemunha a morte trágica do amigo nos seus próprios braços



Abraçado ao corpo de Wilson, o Cap. Scott escreve a última frase de seu diário: "Pelo amor de Deus! Olhem pelo que resta de nossa gente..."

A morte do famoso explorador britânico Robert Falcon Scott e de seus companheiros de jornada, de volta de uma excursão ao Polo Sul, no ano de 1912, foi uma das maiores tragédias de que se tem memória em toda história das explorações polares até então.

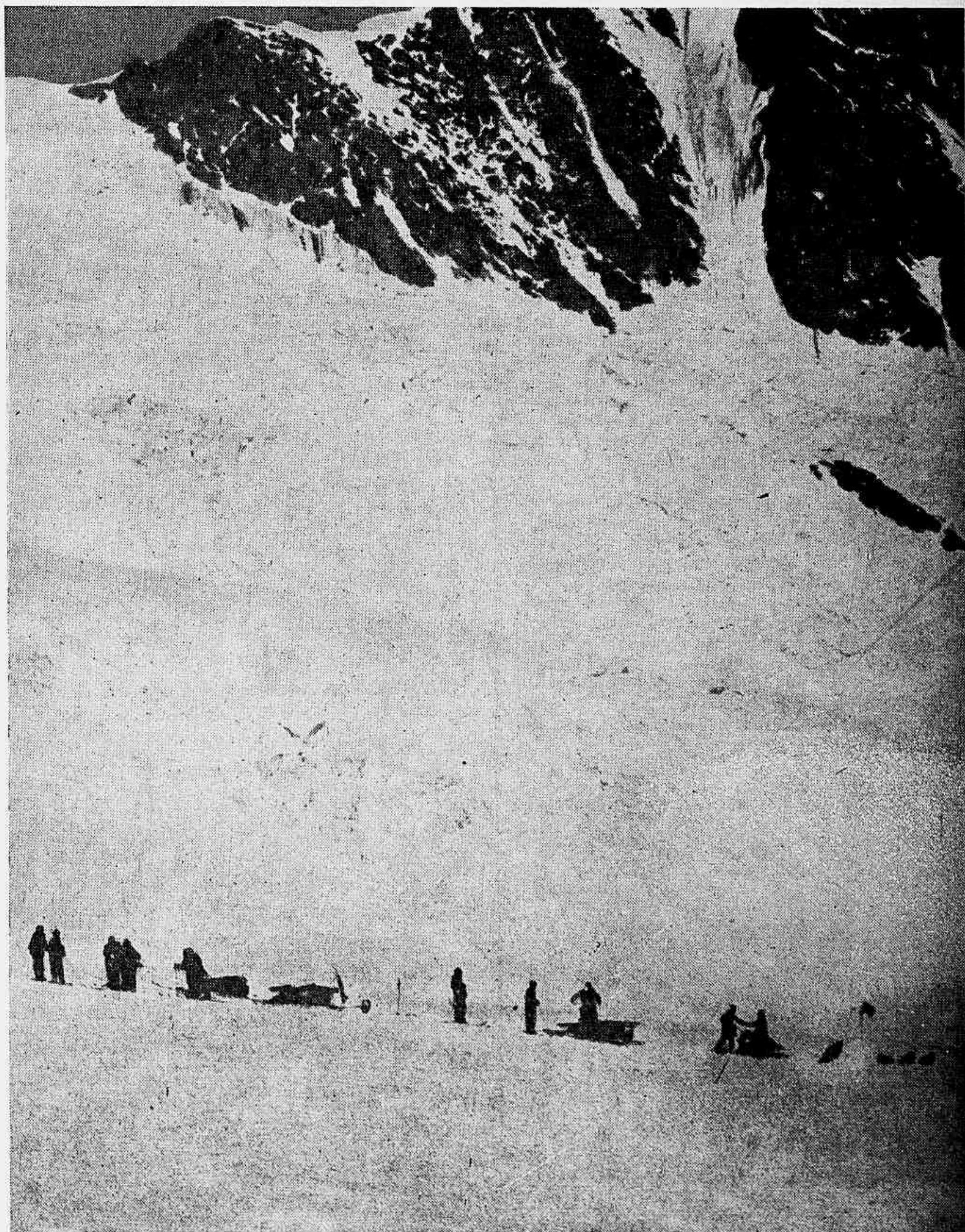
O famoso diário de Scott até hoje é conservado como testemunho daquela imensa tragédia.

Anuncia-se para breve uma película da "Gaumont British", produzida por J. Arthur Rank, estando o astro John Mills no principal papel, baseado na vida desse explorador inglês, sob o título de "Scott of the Antarctic", tendo sido as principais cenas filmadas no Polo Antártico e nas encostas geladas da Noruega e Suécia.

Scott era realmente um grande homem. Possuía uma excepcional capacidade de resistência física, a par de sua vontade férrea. Era por demais ambicioso e obstinado para interromper alguma coisa depois de começada, mormente no campo de atividades que escolhera. Pessoalmente, no entanto, era um homem de alma boa, simples e carinhoso. Para a sua grande jornada ao Polo Sul, Scott cometeu um erro de consequências funestas, ao subestimar a quantidade de viveres e combustível necessários ao empreendimento que tinha em mira. Mesmo ao ser advertido por seus companheiros da temeridade que era prosseguir viagem com os poucos recursos de que dispunha, Scott, recusou-se terminantemente a regressar, ainda que isso representasse a morte para ele. Na viagem de regresso do Polo, Sul, ele viu morrer, em seus braços Evans, um de seus mais dedicados amigos. Os dias iam-se passando e os suprimentos cada vez escasseavam mais. Um outro componente da caravana, Oates, cujos pés já se encontravam quase que completamente arruinados pelo gelo, resolveu abandonar os companheiros, desaparecendo para sempre numa noite tempestuosa. Depois, morreram Bowers e o dr. Wilson, seu amigo particular e médico da expedição.

E Scott, aniquilado também, se deixou vencer pela fadiga, terminando sua aventureira existência, abraçado ao corpo de Wilson, escrevendo ali mesmo a última frase de seu diário:

"Pelo amor de Deus! Olhem pelo que resta de nossa gente..."



A' esquerda: — O verdadeiro capitão Scott, no seu quartel de inverno, em McMurdo Sound, nos gêlos do Polo Sul (1912). Ao alto: — Uma cena do filme, em que aparece o Cap. Scott despedindo-se de seus amigos, antes de iniciar a trágica jornada

JANE WYMAN

CANDIDATA AO "OSCAR" DE 1948

DESDE que os críticos cinematográficos norte-americanos viram "Escrava do Silêncio", o novo drama da Warner, que aclamaram a brilhante atuação de Jane Wyman como a "pequena sudo-muda", pois a talentosa atriz compôs com tal realismo a sua caracterização, que não houve quem tivesse visto a película sem chorar pelo infortúnio de que ela foi vítima.

Imediatamente, outros estúdios começaram a enviar solicitações aos estúdios de Burbank pedindo-lhe a "estrela" empreitada para figurar em outros filmes dramáticos cujos papéis lhe seriam ideais. Nem é preciso dizer que a Warner, onde ela tem estado contratada desde o seu "debut" no cinema, não acedeu às conversas de ninguém, e Jane continua firme no seu posto, com grandes perspectivas em um futuro muito próximo.

O primeiro grande triunfo que "Escrava do Silêncio" deu à sua principal intérprete, Jane Wyman, foi o que, ao reunirem-se mais de 500 críticos para votar no Certame Anual que celebra o diário gremial de New York "The Film Daily", esta película ocupou o segundo lugar entre as dez proclamadas como as melhores do ano, sendo superada apenas por outra grande produção, "O Tesouro de Serra Madre". Mais tarde, o eminente crítico do "New York Times", Mr. Bosley Crowter, incluiu "Escrava do Silêncio" em sua seleção das dez melhores produções de 48.

O Bureau de Revisão Nacional, que está composto de membros dos mais distintos Clubes de Senhoras, em seu concurso anual para eleger as dez melhores fitas de 48, também incluiu "Escrava do Silêncio" entre elas, e fez referências especiais a Jane Wyman, por sua talentosa atuação na mesma.

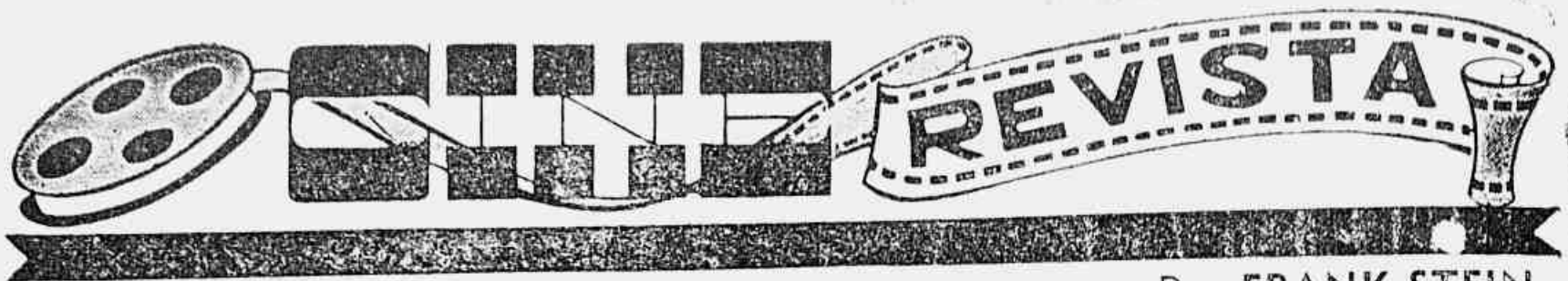
Entretanto, na Inglaterra se reunia a Tribuna Fílmica que encabeça o diário de Londres, "Daily Express", e no qual figuram personalidades de destaque, como o diretor da Real Academia de Artes Dramáticas, o diretor da Galeria de Arte Nacional e supervisor das películas para o Rei; o diretor do Museu de "Vitória e Alberto", que leva esse nome em honra à Rainha Victoria e ao Príncipe Consorte; um famoso escritor, uma atriz, que é comentarista de rádio, e dois críticos profissionais completam esse Tribunal que proclamou a Jane Wyman como a melhor atriz do ano por sua atuação em "Escrava do Silêncio", e que outorgou um prêmio de 4.000 dólares que corresponde a essa honra que recebeu Jane, que, tão logo se enterrou de que essa quantia lhe seria enviada, a deu, em seu nome e em nome de todos os que trabalham ao seu lado nesse filme, à Academia de Artes Dramáticas de Londres, para que se institua uma matrícula de honra, com a qual se premiará cada ano o aluno ou aluna que mais se tenha distinguido.

Tão unânime foi a sua aclamação, tanto da imprensa, do público como das associações culturais, para o filme, e em especial para a excelente atuação de Jane Wyman, que já se predisse que Jane receberá o "Oscar" da Academia de Hollywood por ter sido a melhor atriz do ano, e que "Escrava do Silêncio" será novamente proclamada como uma das dez melhores películas de 1948.

Este foi, pois, o ano glorioso de Jane Wyman e, quanto à sua arte, estamos certos de que seus triunfos compensaram, em parte, os seus aborrecimentos causados por seu recente divórcio, também ocorrido este ano.



Jane Wyman numa cena violenta de "Escrava do Silêncio", da Warner



Por FRANK STEIN

AS "REPRISES"

O problema dos "reprises", parece-me, não é bem um problema. É puro antagonismo de interesses comerciais, onde a arte cinematográfica serve de veículo aos exploradores inescrupulosos. Como numa guerra moderna, a terrível batalha tem diversas frentes: de um lado é o americano que não cede um centavo a menos pelos seus filmes; de outro, é o exibidor que não arreda pé de suas condições, forçado, segundo diz, pelos indecisos e incertos tabelamentos da desacreditada C. C. P.; e de um terceiro, novas e ambiciosas companhias europeias e sul-americanas forçando as portas do mercado brasileiro, cedendo a quaisquer imposições, por menos lucrativas que estas sejam. E o resultado de tudo isso é o degradante panorama a que estamos assistindo. Dois meses já se passaram, nesse promissor mil novecentos e quarenta e nove, e as películas de bom gosto, as obras de arte do cinema, continuam encostadas, aguardando uma solução que satisfaga a todos os interesses. Enquanto isso, películas medíocres são lançadas em três ou quatro cinemas, "reprises" infestam nossas telas da Cinelândia, alastrando-se pelos bairros, geralmente mal escolhidas, ocupando "circuitos" de 10 a 12 cinemas de uma vez. Vez por outra, um bom filme é lançado, sorrateiramente, em um único cinema, no centro privando a maioria do público de aplaudir-lo. E até as produções nacionais, antes desprezadas pelos exibidores, já dispensam a "lei de obrigatoriedade", por mais medíocres que sejam. O movimento subterrâneo é o único desconhecido do público. Ninguém sabe, ao certo, o que se passa por trás dos bastidores, onde as intrigas e os interesses particulares travam violentas lutas de morte, empunhando as cifras dos lucros exorbitantes. As vítimas, como se sabe, são sempre os espectadores, esses desconhecidos...

Alan Ladd, o astro de "Código de Honra", começou a trabalhar com a idade de oito anos, varrendo uma "bomboniere" às 4 horas da manhã, a fim de que o serviço ficasse pronto às 8 horas, quando seria aberto o estabelecimento...

★

Há 18 anos, um jovem "crooner" se casou com uma "estrela" de cartaz. Os "entendidos" não tardaram a fazer a profecia de que o enlace não duraria muito tempo. Acontece que o "crooner", que outro não é senão Bing Crosby, deu uma festinha em casa para comemorar o seu 18.º aniversário de casamento, sendo a sobremesa preparada por uma excelente mãe de família, que outra não é senão a "ex-estrela" Dixie Lee. E a cegonha não para de fazer visitas...

★

Interpretando em "Alma Negra" o tipo cínico e sem caráter de "Mark Bellis", Ray Milland vive um dos melhores papéis de sua carreira artística, e, na opinião de vários críticos norte-americanos, supera o seu desempenho do papel de "Don Birnam", em "Farrapo Humano", que lhe valeu o "Oscar" da Academia. Sua companheira nessa película é Ann Todd e, como ambos são ingleses, que se entendam...

★

"A Luz é Para Todos", "Ama-Sêca Por Acaso" e "Sublime Devolução" foram escolhidas como as melhores fitas no concurso anual do "Film Daily", no qual votam jornalistas, cronistas cinematográficos e comentaristas de rádio.

Pessoalmente, só discordamos da primeira

★

Uma das mais importantes produções de Samuel Goldwyn para o corrente ano será uma nova versão cine-

NOTÍCIAS

matográfica de "Pimpinela Escarlata", filme que foi feito em 1935 com o grande ator desaparecido Leslie Howard. O escrito será modernizado, para dar mais importância à "estrela" feminina da história, e certamente Goldwyn está em negociações com a RKO, a fim de obter a artista Jane Greer para esse papel.

★

Já se encerraram as negociações segundo as quais Irving Cummings Junior produzirá "It's Only Money", para a RKO, com um elenco encabeçado por Frank Sinatra, Jane Russell e Groucho Marx, sendo a direção de Mr. Cummings, que regressa à atividade, depois de um período de afastamento motivado por doença. Irving foi o realizador de musicais, como "The Dolly Sisters", "Hit Parade", etc.

★

Foi idealizada e posta em prática uma "tabela" de maquiagem para se registrarem os sucessivos graus do aspecto com que o ator Robert Ryan aparece durante uma luta de box da película "The Set Up". Ryan tem que lutar quatro terríveis "rounds", antes de derribar seu antagonista. Como a fita registra, passo a passo, os 80 minutos da vida de um campeão de box, foi necessário tirar sessenta fotografias do artista, cada uma de um quarto de minuto, para se saber qual era o seu aspecto durante toda a luta, de modo que, se fôsse necessário, por motivo de repetição, os peritos em maquiagem saberiam, a qualquer momento, qual seria a aparência do rosto do ator.

★

Richard Leo, o homem que morre para ganhar a vida, vai mais uma

vez morrer na tela, em sua mais recente atuação. Leo é ator de caráter chinês, que se especializa em papéis de vilões japoneses, e foi escolhido pelo produtor Herman Schlem para representar um guarda sadista, numa prisão militar japonesa, na película "The Clay Pigeon", em que também aparecem Bill Williams, Barbara Hale e Richard Quine. Leo morre de morte violenta em quase todas as 86 películas em que já trabalhou.

★

O sucesso de "Ama-Sêca Por Acaso" foi tão surpreendente que a Fox aproveitou a ocasião para fazer uma continuação da história. Assim, teremos Clifton Webb novamente, em Mr. Belvedere Goes To College", dirigido por Elliot Nugent. Shirley Temple e Tom Drake fazem o par juvenil. E é pena...

★

Já está pronto o primeiro filme americano de Valentina Cortese, a "estrela" italiana que a 20th. Century Fox contratou. É "Thieves Market", onde a linda "estrela" de "Um lanque na Itália", que há sete meses preparava-se para o seu "debut" em Hollywood, aparece ao lado de Richard Conte. A direção é de Jules Dassin, que nos deu o admirável "Cidade Nua".

★

Diz o "Motion Picture Herald": — "Sem nenhuma dúvida, "Na Cova das Serpentes", representa um acontecimento importantíssimo na luta de Hollywood para conseguir realismo e transmitir às massas os problemas humanos. Olivia de Havilland tem o maior trabalho de sua vida. Leo Genn está esplêndido como o médico. Litvak foi admiravelmente feliz em criar a desejada atmosfera e o toque de sua habilidade enriquece o filme com importantes valores".



O SEGUNDO CASAMENTO DE TYRONE POWER

A vida amorosa de Tyrone Power bem poderia fornecer assunto a um grande "best-seller", pois ele parece brincar com as setas de Cupido. Não foram poucas as celebridades que dele se aproximaram, com sua isca, para pesca-lo. Mas Tyrone, embora não pareça, é um rapaz "difícil". Não se deixa agarrar assim com tanta facilidade...

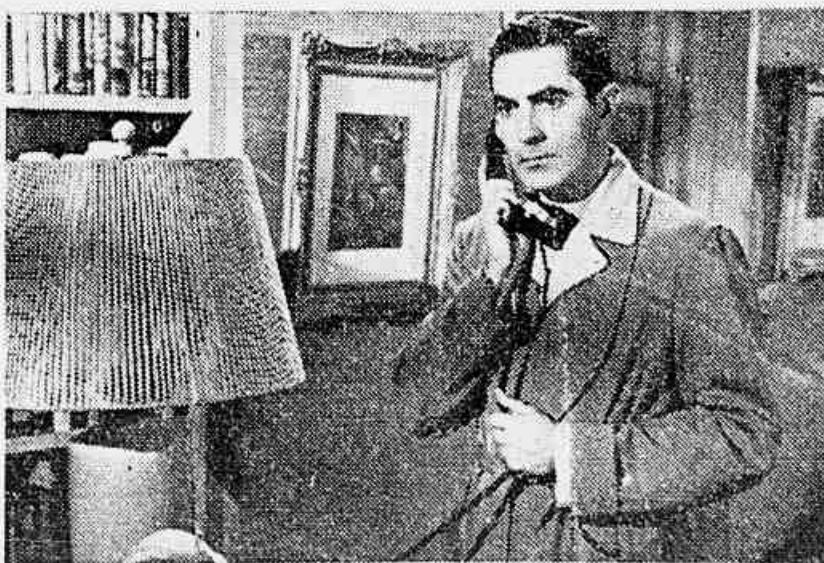
Quando ingressou no cinema, era ainda um rapazinho novo, talvez tivesse uns vinte e quatro anos. Imediatamente pôs-se a flertar com as próprias "estrelas" com quem contracenava em seus filmes. Talvez a iniciativa partisse delas, ninguém sabe. O fato é que estava na moda a publicidade dos namoros, e os mexeriqueiros de Hollywood aproveitavam qualquer pretexto para um comentário venenoso. Isso ajudava os estúdios, que exploravam o fato para o próximo lançamento de suas películas. Publicidade ou não, não podiam deixar ter um fundo de verdade as notícias que propalaram de seus romances com Loretta Young, Betty Grable e Sonja Henie. Hoje Loretta está casada com o major Thomas Lewis, Betty ouve o pistão de Harry James, e Sonja, de quem não tivemos mais notícias, se está casada, não deixou de manter o seu compromisso com seus patins — "até que a morte nos separe"... Tyrone continuava solteiro, e talvez se vangloriasse com os amigos de que nunca se casaria. Até que "um belo dia" (e esse dia sempre chega), conheceu Anabella, aqui mesmo no Rio de Janeiro, e foi iniciado "mais um de seus romances", na pitoresca e poética ilha de Paquetá. Se foram os efeitos da paisagem ou os encantos pessoais da linda atriz francesa, só o próprio Tyrone pode responder. O fato é que foram juntos ao altar. Os telegrafos cruzaram o espaço de lado a lado e, em poucos minutos, o mundo inteiro tomava conhecimento de seu casamento, um dos mais discutidos da cinematografia. E como é hábito, em Hollywood, um casamento ser simples pretexto para um divórcio, as más línguas, ao mesmo tempo que noticiavam o casamento, faziam seus prognósticos, marcando a data da separação. Mas o casal Power-Anabella enfrentava tudo serenamente, e vivia muito feliz. O tempo avançava. Veio a guerra e Tyrone partiu. Sumindo, temporariamente, do cartaz, cessaram as notícias a seu respeito. Quando um jornalista casualmente encontrava-se com Anabella e lhe pedia informações a respeito de seu marido, ela nada respondia, e o seu silêncio trazia suspeitas que se convertiam em comentários. As coisas não iam lá muito bem. Tyrone Power regressou. Renovou seu contrato na Fox e foi indicado para fazer "O Fio da Navalha", baseado numa história de Somerset Maugham. Isto lhe deu a "chance" de visitar mais uma vez o Rio de Janeiro, para fins de publicidade. Foi nesta segunda visita que conheci Tyrone Power pessoalmente. Seu tipo, fisicamente, nada o diferenciava do que era na tela. Mas me pareceu um tanto antipático, e a todos que o viram, pelo seu retraimento, pelo seu olhar estranho, pela sua conversa seca, limitando-se a dar respostas. E uma coisa o aborrecia extremamente: não admitia que lhe fizessem perguntas a respeito de sua esposa Anabella, sobre quem já corriam os boatos de divórcio. O homem ficava mesmo zangadinho e fechava a cara. Talvez não quisesse se lembrar do passado, e talvez, com justos motivos, não quisesse externar a sua vida particular, que somente a ele pertencia, e ninguém tinha nada a ver com isso. Afinal de contas, só a ele competia resolver seus problemas privados — e por que tanta insistência sobre um assunto que não queria conversar? Daí não dizer "sim" nem "não" — quando lhe pediam confirmação dos boatos de divórcio. O fato é que regressou a Hollywood, deixando um ligeiro rasto de antipatia por onde passava. Rasto que foi sendo apagado, lentamente, com as exibições de seus filmes, "O Fio da Navalha", "Capitão de Castela", "O Bêco das Almas Perdidas". Tyrone Power deixava de ser o mocinho bonito para tornar-se um ator, revelando mesmo possibilidades de tornar-se um. Seus "fans" continuavam fiéis, sua correspondência aumentava dia a dia. Ainda era um ídolo. Veio o divórcio. E, imediatamente, um novo idílio o esperava. A loura Lana Turner, que mal terminava o seu "flirt" com Turhan Bey, entrava na galeria das cortejadas por Tyrone. A coisa parecia que estava sendo levada a sério. Eram vistos frequentemente em "night-clubs", e os presentes que Lana recebia demonstravam bem o seu afeto. Quando Tyrone foi ao México, para umas cenas de "Capitão de Castela", Lana não se contentava de enviar-lhe telegramas — e ia, às vezes, visitá-lo pessoalmente. Até que, bem, até que...

Súbito, a imprensa mundial dedicava uns ligeiros tópicos a um romance do novo "astro". Outra vez, uma "estrela" de cinema. Não era uma celebridade, mas, dentro da sua especialidade, posar dentro de maiôs, tinha muito poucas rivais, e a Metro sabia perfeitamente disso. Linda Christian era o seu nome. Como das outras vezes, o "caso" tomava feições cada vez mais sérias. Falava-se até em casamento. Estando ambos de viagem para Roma, os telegramas vinham da Itália e se espalhavam pelo mundo. Cada vez mais fortes os laços de amizade entre os dois, e, numa certa noite de luar napolitano, talvez dentro de uma romântica gondola, Linda Christian deu o "sim". E ali mesmo, em Roma, na Igreja de Santa Francesca, perto do fôssco de leões de Nero, foi efetuado o compromisso matrimonial. Este era o segundo casamento de Tyrone, e o primeiro de Linda. Ele com 34 anos e ela com 24. Não se tem notícia, até hoje, de um casamento tão concorrido. Cerca de 5.000 mulheres se comprimiam em frente à igreja para ver o "astro" e 1.000 policiais tentavam manter a ordem, não evitando, ainda assim, que houvessem muitos feridos. Tyrone Power declarou que se o seu casamento não fosse reconhecido na Califórnia, em virtude de um atraso na entrega de seus papéis de divórcio, casar-se-ia outra vez. Linda Christian, pouco antes de entrar na igreja, disse, simplesmente: "Não dormi a noite inteira. Sou imensamente feliz!" E assim efetuou-se o segundo casamento de Mr. Tyrone Power. Foi entusiasticamente bem recebido pelos seus milhares e milhares de "fans". Não sabemos o que dirão os comentaristas venenosos. O seu público cresceu ainda mais. Linda Christian tornou-se famosa da noite para o dia, e terá, finalmente, sua "chance" se desejar continuar no cinema e a Metro perceber a grande "bilheteria" que tem na mão.

De nossa parte, desejamos a ambos muitas felicidades e que este casamento dure para o resto da vida. E não podemos nos furtar ao prazer de declarar publicamente que Tyrone Power é um felizardo. Vocês também perceberam?



Como em um filme em série, Linda Christian é o "segundo episódio" na vida de Tyrone. A' esquerda: Cenas do próximo filme de Tyrone, "O Toque Mágico", dirigido por Henry Koster para a 20th. Century Fox, com Anne Baxter





ECOS DO GRANDE PRÊMIO RAMIREZ

Por ocasião da disputa do Grande Prêmio Ramirez, a prova máxima do turf uruguaio, o Jockey Club Brasileiro enviou ao país amigo uma comitiva presidida pelo Sr. Rubens Antunes Maciel, a qual, como as demais delegações estrangeiras, foi recebida com um banquete realizado no Hotel Danavero, de que a foto acima reproduz um aspecto, onde se vê alguns dos membros

ilustres personalidades, o embaixador da Inglaterra, a senhora Alves de Almeida, o Sr. Rubens Antunes Maciel, a sra. Bartle Santos, esposa do presidente da República do Uruguai, o Sr. Gusman Vazquez, presidente do Jockey Club de Montevideo, e a sra. Brunet, correspondente a esse grupo de Basileia, a delegação do Jockey Club Brasileiro, liderada pelo diretor do seu clube, acompanhado no mesmo hotel um banquete do qual nos

dá um flagrante a gravura abaixo. Estão presentes, entre outros, o presidente da delegação brasileira e Senhores Rubens Antunes Maciel, o presidente do Jockey Club de Montevideo, o embaixador do Brasil no Uruguai, a Senhora e Sr. Bartle Santos, a Senhora dr. Paula Jisarti, o embaixador Macêdo Soares, o desembargador Cândido Loleo.





A mulher americana não aderiu ao ombro arredondado, como o confirma Virginia Mayo, a beleza máxima de Samuel Goldwyn

O CIUME "Se minha mulher não fôsse tão ciumentata, minha vida seria um paraíso"... é o que muitos homens dizem... E' possível que algumas das vezes eles estejam exagerando, apenas para fazer "cartaz", porém, é muito provável que, na maioria das vezes isto seja verdade. Realmente nada é mais desagradável — se bem que alguns se sintam envaidecidos com isso, do que o ciume; êsse ciume doentio que leva muita gente boa à atitudes vulgares e deselegantes. Se às vezes êsse ciume tem fundamento, noutras não é senão produto da imaginação de quem não tem muito o que fazer. Se as mulheres compreendessem o pouco que

lucram com seus ciumes e suas cenas, naturalmente procurariam se controlar. Em primeiro lugar, nunca soubemos de homem algum, com largas tendências a conquistas, que se tenha modificado pelos ciumes da mulher; talvez se tenha tornado mais discreto, isto sim... Teria procurado fazer as coisas de maneira a que ela não viesse a saber, a fim de evitar cenas... Mas curar-se, nunca! Em segundo lugar, o ciume é uma demonstração de falta de confiança em si própria, na sua habilidade, na sua atração, etc. Só um anormal continuaria com as suas aventuras tendo dentro de casa uma mulher cem por cento mulher... Finalmente, o ciume é perfeitamente controlável como

qualquer outro dos nossos sentimentos ou instintos... Se passassemos a dar inteira liberdade a êstes, quanta coisa condenável poderia surgir... E' dever de toda pessoa educada e civilizada, manter uma atitude decente e um controle sobre sentimentos e instintos, entre os quais o ciume deveria estar incluído. Muitas vezes, com uma aparente indiferença, a mulher consegue muito mais do que poderia conseguir com a expansão dos seus ciumes. E' o ciume que tem levado a infelicidade a muitos lares, o que já é bastante para fazer refletir aquelas que têm por hábito fazer cenas por qualquer cinco minutos que o maridinho se atrase para o jantar... O. B.

Noz Bastidores Femininos



Em cetim verde garrafa deverá ser executado este elegante modelo de Schiaparelli. Notar a originalidade do bolero

Cocktail

Marcelle Landowska é quem nos apresenta este elegantíssimo figurino em tafetá brocado cinza chumbo. Chapéu de palha rosa com plumas do mesmo tom

Dois notáveis modelos, um em seda de dois tons, o outro em seda azul com originais drapeados no corpo e na saia





A esquerda — Com extraordinária arte, Maggy Rouff drapeou este modelo em seda cor de chumbo. Chapéu de Gilbert Orcel. Em seda cinza, grande decote, sala reta ampliando dos joelhos para baixo, é o modelo de Jean Dessès

PARA as elegantes reuniões, reunimos nestas páginas algumas das mais recentes criações francesas, desenhadas especialmente para este inverno. São modelos distintos e bem originais que mais uma vez vêm confirmar a já conhecida supremacia de Paris como centro absoluto da elegância feminina.



Modelo tipicamente parisiense, executado em seda branca com bordados irregulares em toda a sua frente. A blusa é drapeada e transpassada. Uma fita azul marinho arremata o decote, terminando em laço sobre os quadris. Babado "godet" assimétrico na sala

CORVOS

NO CORREDOR

Conto de THERESA DE ALMEIDA

Os corvos estenderam um lençol negro lá no alto do corredor, sobre um corpo imóvel exposto ao sol quente. A peonada custou a saber o que era. Primeiro pensaram que fosse algum animal.

— De longe, assim, e bem no meio de um corredor, quem podia pensar que fosse um cristão? Ainda mais que pelas redondezas nunca houve bandido, nem nunca a gente encontrou ninguém estirado no chão, morto, num corredor com tanto movimento.

Mas era uma manhã de domingo. Pouca gente passara. Sábado, sim, é que não se podia contar quanta carretinha, quanto tropeiro, quanto pião passavam por ali, rumo a um baile ou tocando a trotinho para estar o dia inteiro na alguma venda. Nos sábados a negra Quica já sabia: fazia duas panelas de feijão e duas de arroz para o jantar, que era certo chegar gente até pela meia-noite, com fome, pedindo pouso também, "que ia prá umas penceas a tantas léguas de distância". Depois vinha o domingo mormacento, silencioso e parado. Imóvel como as árvores, como o céu, como os pássaros num meio-dia de verão. E à noitinha começava o movimento dos que voltavam para os galpões, para recomeçar na segunda-feira a lida de todos os dias.

Mas era domingo, quente e parado. E o corredor, lá no alto, parecia ainda mais parado com aquela cobertura negra a esconder um corpo que podia ser de gente, como podia ser de um animal qualquer, morto de peste.

Foi quando o patrão viu e não se conteve.

— Vocês precisam ir lá. E se é algum vivente? E se não está bem morto? E depois, se é mesmo algum bicho morto de peste a gente tem de enterrá, queimá, fazê o diabo prá não pegar no rodeio que está tão lindo! Tchê, Honório! Dá uma chegada aqui!

— Pronto, patrão!

— Tá vendo aquilo lá?

— Sim, senhor. Um mundaréu de corvo na carniça.

— Tu encilha teu cavalo e vai com Herminio vê o que é. Levem uma pá, porque se é bicho vocês façam um buraco e queimem, que eu não tou prá amanhã ou depois o gado i peitando sem a gente saber como é que começou.

— Tá bem. — Honório coçou a cabeça. — O patrão sempre com as novidades dele! Onde se viu enterrá bicho? Era até pecado! E como coisa que a peste não viesse quando Deus mandasse! Podia se fazer até benzedura, como do outro ano, que não adiantava!

Mas foram, que o patrão não era dêsse de dizer uma coisa e depois voltar atrás. E levaram um susto quando os corvos bateram as asas pesadas e se afastaram para mais longe, ficando a olhar, dispostos a atacar novamente a carniça, mal o pessoal sumisse estrada a baixo.

— Chê! É o Nicácio!

— Não me diz! Puxa! Até que um dia acabaram com a casca dêsse diabo! Mas... bem que o coitado era bom!

Os dois ficaram olhando, sem saber o que sentir, olhando para o corpo de adaga espetada no peito, órbitas vazias, pele rasgada, arrepiados de nójo.

— Tu espera aqui. Não deixa os corvo se meterem de novo, que eu vô lá na estância falá com o patrão. Credo! E a gente pensando que era bicho peitado!

— Escuta! Leva o baio, coitado!

Honório voltou. E, como éle, todos os peões ficaram sem saber o que sentir, pois Nicácio era bom e era ruim. Muito garganta, muito contador de "cuentos", muito dono de namorar china alheia, e ao mesmo tempo bom companheiro, homem de tirar

a peonada toda na garupa, de ajudar todos a fazer qualquer serviço, pronto sempre para amansar o patrão quando éle estava nos seus dias azedos.

A gente não sabia mesmo o que sentir, quando se soube que era o Nicácio quem estava lá no alto do corredor, velado pelos corvos, pelo domingo parado e pelo vulto do Herminio, que de longe parecia um moirão a mais no aramado. A gente não sabia o que sentir, porque para cada coisa boa que éle tivesse feito, outra coisa ruim vinha em seguida. Para o Honório, mesmo! Uma vez salvara-o das águas furiosas do passo das Três Pedras. Quase uma semana depois dançara toda a noite com Rosinha, noiva de Honório. Nicácio era assim. Ajudava meio mundo, mas china que aparecia na frente dele não tinha dono. Era sempre corredor por onde éle também podia passar: era sempre uma tapera qualquer onde também éle tinha o direito de armar pouso. Os peões brigavam, mas o que Nicácio ouvia num dia, esquecia no outro, e estava pronto para salvar, na primeira oportunidade, o tipo que lhe ofendera dias atrás. E salvava, mesmo correndo perigo, como naquela vez em que a tropa disparou num campo aberto, já perto de Rosário.

Nicácio era um tipo gozado! A gente nunca sabia o que ia sair daquela boca. Se uma praga, ou a risada comprida. Nem o que éle ia fazer quando se chegava prá gente. Podia oferecer um cigarro, como podia dizer alguma coisa que ofendesse. Era louco? Era sem-vergonha? Agora ninguém pode saber. Só Deus! Ou, quem sabe, o diabo. Até nisso a gente fica em dúvida, porque o homem era tão bom, como era mau. Vai ser difícil resolverem isso lá em cima!

Nicácio havia chegado à estância numa noite chuvosa de agosto. E ficara porque andava com vontade de trabalhar.

— Qualquer coisa servia — dissera éle — porque se eu gosto, continuo. Se não, toco prá diante.

Porque éle era assim mesmo. Gostando, ficava; não gostando, o patrão que tivesse paciência e procurasse outro, que éle não estava para ficar num lugar só porque os outros quisessem. Ia embora, tomando qualquer rumo e até onde o baio aguentasse. Já saíra da outra estância, vizinha à estância da Pedra, por isso mesmo. Não gostara! O patrão pediu.

— Precisava de gente! Seus peões tinham saído pouco a pouco, um prá fazer isso, outro prá fazer aquilo, e ficara só com dois. Nicácio ia lhe fazer falta! Tivesse paciência, esperasse mais uns dias!

Mas Nicácio se fez de surdo, e logo que o patrão saiu, esperançoso de que Nicácio resolvesse ficar, que a chuva estava apertando e não era para qualquer um se meter na estrada. Nicácio se foi, de freio e pelégo na mão, em busca do baio. Encilhou-o em silêncio, deu "até logo" para a peonada e para o patrão que estava mas-cando raiva, abriu a porteira e sumiu dentro da noite que chegara muito cedo e dentro da chuva forte que encharcava tudo. Foi embora. Só dias depois é que seu Bento soube que Nicácio ficara logo adiante, na estância do seu Joca. (— Ô chiru infeliz! Desgraçado! Mal agradecido! Sair daqui prá ir meia légua prá diante!)

Nicácio chegou, conversou com o capataz, depois com seu Joca, e por ali ficou, de peão caseiro; depois, como chegasse outro, foi para o serviço de campo.

Nunca se conseguiu saber nada de sua vida; nem mesmo seu sobrenome.

— Sou Nicácio, no mais. Gualpeca não tem nome de família, patrão.

— E que é que tu tem feito por aí?

(Continua na pág. 49)

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA
Selecionado pela REVISTA DA SEMANA

Oswaldo da Cunha



Três novos modelos para as folias de Momo são aqui apresentados: por Rita Hayworth em "Carmen" (Columbia); Nelly Daren em

CARNAVAL

"Não me digas adeus" (San Miguel), e Martha Toren, da Universal-International. Todos três são bem sugestivos e atraentes





DE HOLLYWOOD

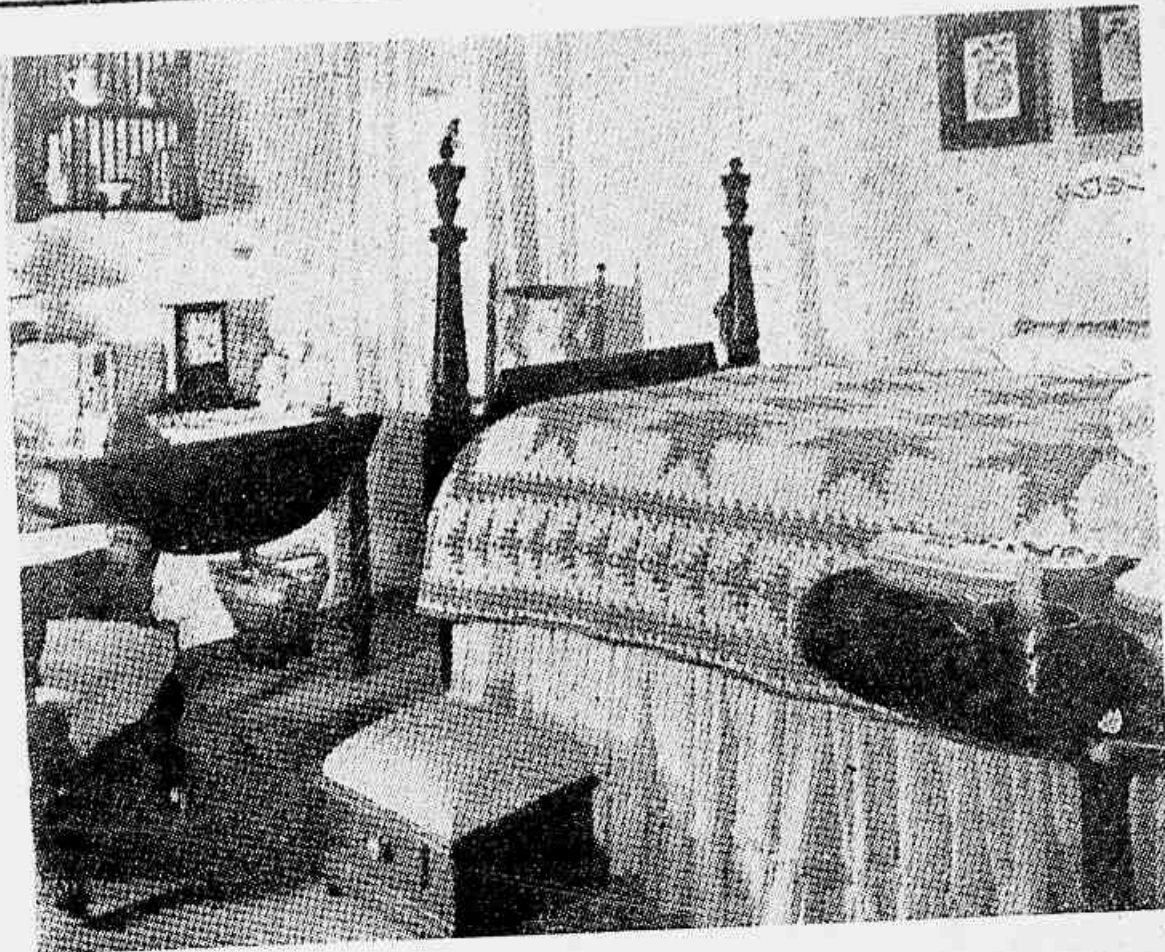
Hollywood continua nos enviando suas sugestões para modas, em todos os setores, temos aqui de Evelyn Keyes, da RKO, três modelos para diferentes ocasiões. **Ao alto** — Modelinho em fustão com "basque" em bordado inglês. **À esquerda** — "Duas-peças" em "shantung" verde com incrustações em estampado verde e branco. **Em baixo** — Corpete de renda preta e saia de organdi branca com barra de renda preta.



LISTRAS



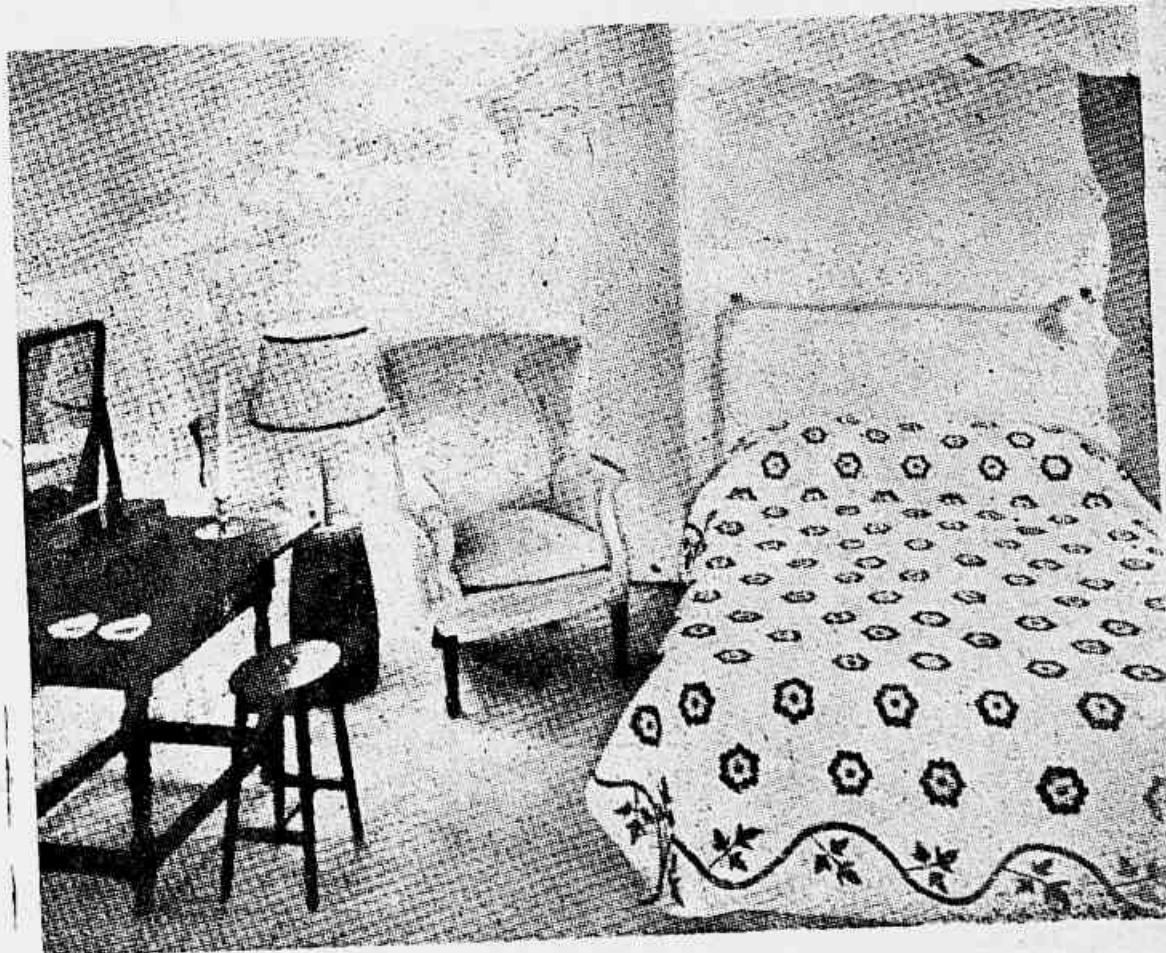
As listras, como os "pois", estão sempre em moda. As primeiras se prestam melhor para vestidos esportivos e podem formar originais desenhos como aqui nesta página indicamos.



INTERIORES

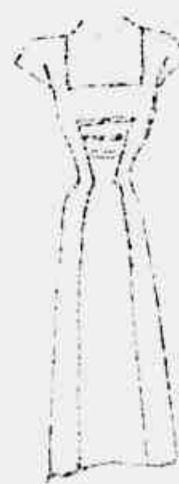


As colchas de crochet saíram dos baús das nossas avós, para guarnecer as nossas camas. Algumas vão até o chão, outras deixam, no entanto, ver um babado em "voile" ou "cassa" que é colocado por baixo. São usadas também numa só cor ou em duas ou mais cores, formando originais desenhos, como as aqui apresentadas.



VESTIDOS

Estampados



ELES estão sempre em moda; têm ainda a vantagem de servir não só para o verão como para a meia-estação, razão porque são bem aceitos pela maioria das mulheres. Estes modelos podem ser executados simples e sóbrios e também mais rebuscados, de linhas assimétricas e drapeadas. Nesta página apresentamos alguns exemplos do que afirmamos.



Cabelos CURTOS



○ S cabelos ainda permanecerão curtos... Esta é a ordem dos "figaros" de Paris... Nossas cabeleiras continuarão, portanto, sacrificadas para dar lugar aos penteados curtos que a moda exige. Para ajudá-la, aqui estão as mais recentes criações dos cabeleiros franceses.



No interior do templo, duas características se fazem notar: a ausência de crucifixos e imagens de santos. Apenas o tabernáculo, guardando a Bíblia, e o castiçal do Apocalipse. À esquerda, o símbolo do Evangelista João — cognominado a "Águia de Patmos"

A NOVA JERUSALEM, RELIGIÃO DO FUTURO?

UMA IDÉIA COMPLETA DO "OUTRO MUNDO" ★ EMMANUEL SWEDENBORG, O FUNDADOR ★ O QUE É A NOVA DOCTRINA E A CONCEPÇÃO QUE FAZ DO CÉU E DO INFERNO ★ "É O INFERNO MELHOR DO QUE O CÉU?" ★ "COMO SE VAI PARA O INFERNO..." ★ NO CÉU NÃO HÁ SOLTEIROS ★ O GENERAL MENDONÇA LIMA, UM DOS DIRIGENTES DA NOVA SEITA NO BRASIL ★ VISITA AO SANTUÁRIO DO BAIRRO DE FÁTIMA

Reportagem de W. GUARNIERI

★

Fotos de A. VIEIRA



O MUNDO DOS ESPÍRITOS OU O "OUTRO MUNDO"

Você quer saber como é o "outro mundo", amigo leitor? Então leia:

"O aspecto da terra espiritual é variado; há ali montanhas, colinas, vales, rios e regatos. Crescem ali ervas, flores, arbustos e árvores de toda espécie, relativamente os mesmos que os do mundo em que vivemos. As aves, lá voam também nos ares, os animais caminham na terra e os seres espirituais que vivem neste mundo

Para ser adepto da Nova Religião é necessário estar em condições de compreender os pontos principais da doutrina. Quando crianças, recebem o batismo, porém, ainda não podem ser considerados como verdadeiros adeptos, senão depois de atingida a idade de discernimento, quando então recebem o sacramento da confirmação

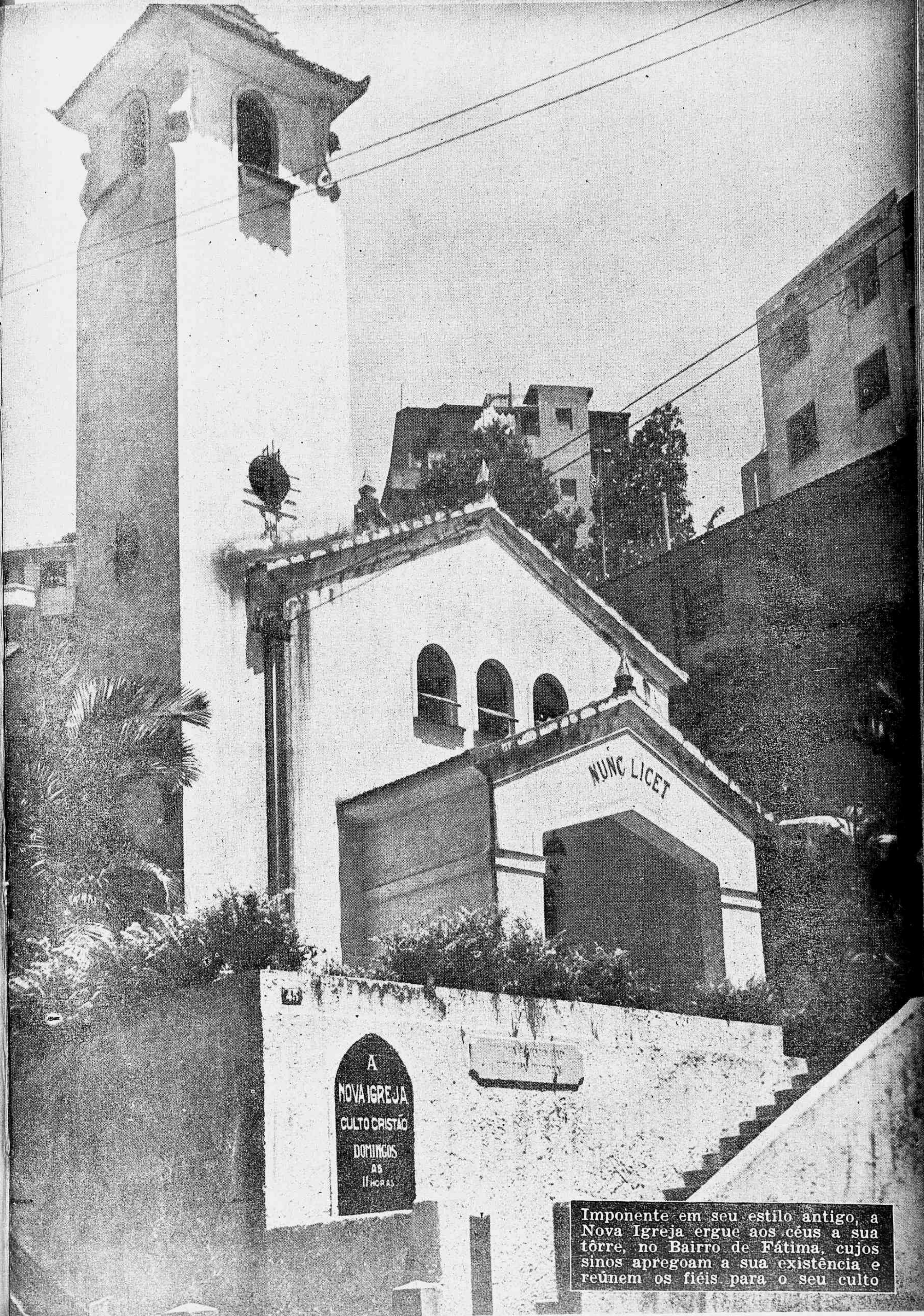
têm as suas habitações, os seus jardins e os seus campos. Vêem em torno de si paisagens magníficas e contemplam os céus acima de suas cabeças... — eis o que é o "outro mundo"!

Pelo menos assim o descreve o Reverendo Cauncey Giles — um dos maiores exegetas dos escritores de Emanuel Swedenborg, o fundador da Nova Igreja ou A Nova Jerusalém.

A crer no que diz o Reverendo Giles, quase nenhuma diferença apresenta desse "vale de lágrimas" em que estamos vivendo... Todavia, antes que o leitor se ponha a conjecturar sobre a conveniência da gente se transferir para lá, convém adverti-lo — mesmo porque — é ainda o Reverendo quem nos explica: — "...é um mundo muito mais distinto, mais substancial e mais real para nós do que este mundo é para nós, e contudo, não é

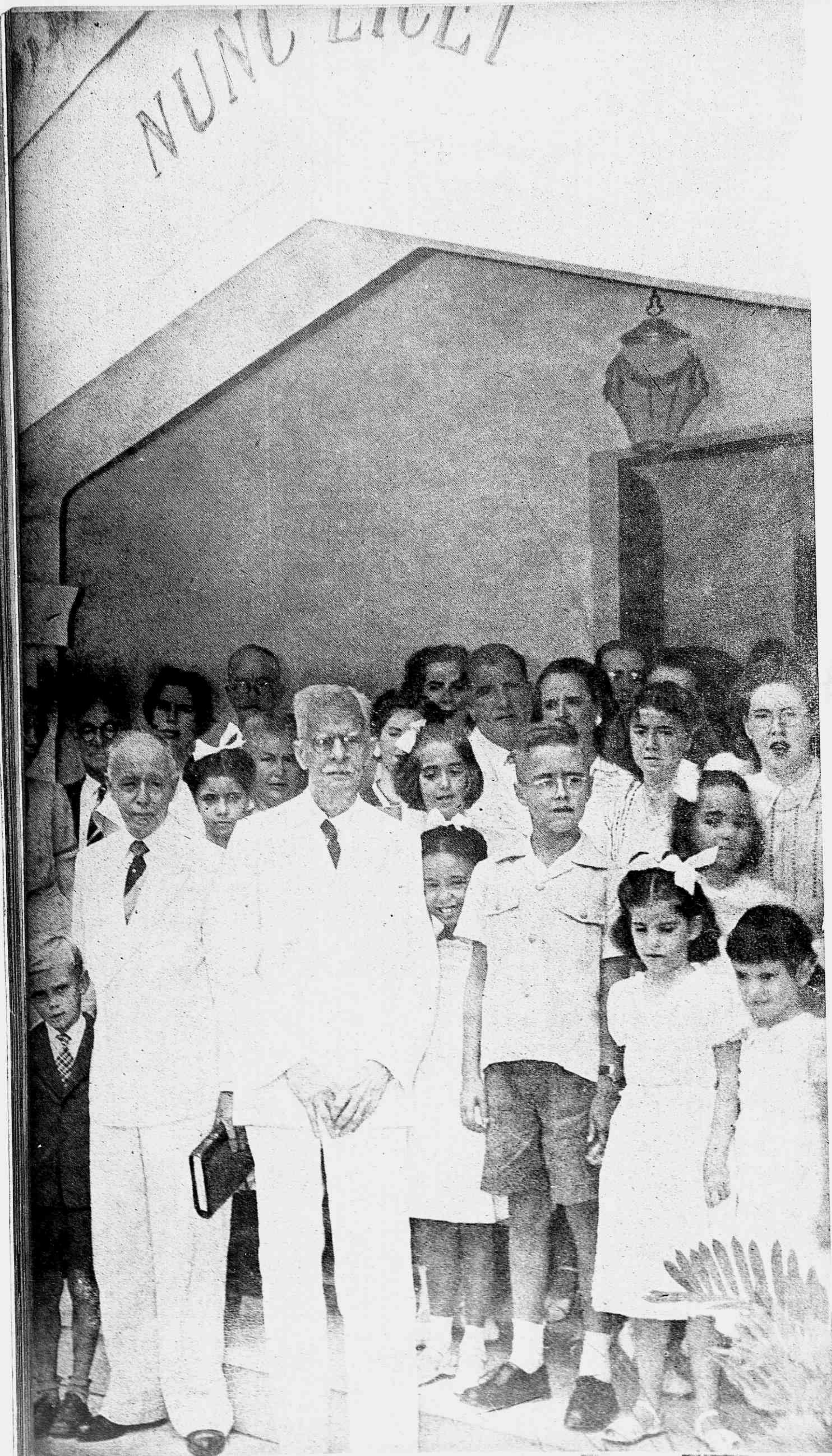
Alguns pontos da nova doutrina

- ★ O Senhor, em seu Evangelho, anuncia em termos claros a Sua Segunda Vinda, isto é, Seu reino espiritual ou o estabelecimento de uma Nova Igreja, que se efetuará quando a antiga for destruída; porque é essa destruição que se deve entender pela "consumação do século" e pela "abominação da desolação", de que se fala em Mateus, XXIV.
- ★ Swedenborg teve a missão de nosso Senhor para publicar os "Arcanos Celestes", "O Céu e o Inferno" e o "Apocalipse", que é a chave desse grande acontecimento e o complemento das sagradas Escrituras.
- ★ A revelação que veio por intermédio de Swedenborg é para ajudar os homens a se desembarçarem dos males que os oprimem e das trevas que falsas doutrinas tinham projetado sobre todos os assuntos de religião.
- ★ O espírito do homem aparece na outra vida na forma humana, inteiramente como no mundo em que hoje vive; ele goza também a faculdade de ver, ouvir, falar e sentir e possui eminentemente toda faculdade de pensar, querer e fazer.
- ★ A vida do homem depois da morte é a vida do seu amor e a vida de sua fé, aqui na terra. Tal ele viveu aqui, tal ele viverá lá, também; tal é a vida que permanecerá nele pela Eternidade.
- ★ Que o homem vive depois da morte, é o que ensina o Verbo (Bíblia) quando n'le se diz, por exemplo, que "Deus não é um Deus de mortos, mas sim de vivos" (Lucas, XVI, 22, 23); e que "Abraham, Isaac e Jacob estão no céu" (Mateus, VIII), e que "Jesus disse ao ladrão: 'Hoje estarás comigo no paraíso'" (Lucas, XXIII).
- ★ Todas essas passagens provam que não há ressurreição da carne e que o homem ressuscita logo depois da morte.



A
NOVA IGREJA
CULTO CRISTÃO
DOMINGOS
AS
11 HORAS

Imponente em seu estilo antigo, a Nova Igreja ergue aos céus a sua torre, no Bairro de Fátima, cujos sinos apregoam a sua existência e reúnem os fiéis para o seu culto



A esquerda — Aos domingos, no templo da Nova Jerusalém tem lugar o culto cristão. Cerimônia breve, sendo todo ele celebrado em português. A direita — O culto cristão, sendo todo ele celebrado em português. A direita — O culto cristão, sendo todo ele celebrado em português. A direita — O culto cristão, sendo todo ele celebrado em português.

SWEDENBORG FUNDA A NOVA RELIGIAO

Emmanuel Swedenborg, o fundador da Nova Jerusalém, nascido em Estocolmo, filho de um bispo luterano, tendo, desde muito cedo, lhe mergulhado no espirito uma rara curiosidade intelectual, que o levou vitoriosa-

mente pela A vastidão poéticos de humanistic matemático em Filosofia excursão de uma revisão bórico".



O general Mendonça Lima, com um livro na mão, e um grupo de adeptos do novo culto, à porta do Templo da Nova Jerusalém. A inscrição que é uma advertência: "E ele..."

A
NOVA IGREJA
CULTO CRISTÃO
DOMINGOS
AS
11 HORAS



NUNC LICET



À esquerda — Aos domingos, no templo da Nova Jerusalém tem início, às 11 horas, o ofício da Santa Comunhão. Cerimônia breve, sendo todo ele celebrado em português. À direita — O comendador Henry Leonardos material... — e essa revelação nos conforta um pouco mais...

SWEDENBORG FUNDA A NOVA RELIGIAO

Emmanuel Swedenborg, o fundador da Nova Jerusalém, nascido em Estocolmo, filho de um bispo luterano, tendo, desde muito cedo, lhe mergulgado no espírito uma rara curiosidade intelectual, que o levou vitoriosa-

mente pelo campo das letras, das artes e da ciência. A vastidão de seu gênio abrangia, por igual, talentos poéticos de escol, uma vocação de elite para os estudos humanísticos, bem como dons superiores de raciocínio matemático e de observação prática e objetiva. Doutor em Filosofia aos 22 anos, percorreu toda a Europa e a excursão de estudos, e, aos 28 anos, fundava em Upsala uma revista científica sob o título de "Dédalo Hiperbóreo".

aguarda, à entrada do Templo, a chegada dos fiéis. A inscrição em latim, cuja tradução — "Agora é lícito" — significa, conforme nos disse o comendador que "agora é permitido, pelo raciocínio, desvendar os mistérios da

Mas foi em 1743, quando em Londres, após as visões do mundo dos espíritos, que a individualidade privilegiada de Swedenborg se afirmou de modo extraordinário, iniciando então a série de mensagens preñhes de misteriosa sabedoria, e que constituem o patrimônio doutrinar da Nova Igreja.

O QUE E' A NOVA DOCTRINA

A nova doutrina fundamenta-se na gigantesca obra

dêse filósofo, toda ela escrita em latim, tendo traduzidas para o português apenas três livros: "Tratado da Vida", "O Céu e o Inferno" e "A Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste".

A nova religião acha-se acomodada entre o catolicismo e o espiritismo. E' cristã, porque reconhece em Jesus Cristo o Supremo Deus da Sabedoria e do Amor, manifestado como Deus Uno, numa trindade de atributos (Pai, Filho e Espírito Santo). E' profundamente e

TEGEMENRTOTAD
ETITEN TETPAN



Do lado — O general Mendonça Lima, com um livro na mão, e o comendador Henry Leonardos, cercados de adeptos do novo culto, à porta do Templo no Bairro de Fatima. Ao alto, à esquerda — A inscrição que é uma advertência: "E ela não caiu porque foi edificada sobre a rocha".

À direita — Da obra vastíssima de Swedenborg — o fundador da Nova Igreja — toda ela escrita em latim, apenas três livros foram traduzidos até agora para o português. No clichê, três exemplares de obras de alguns intérpretes do filósofo

SÍNTESE DA NOVA RELIGIÃO

- * Aceita como Deus Único a Jesus Cristo, em quem estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- * Tem como regra de vida os Dez Mandamentos dados a Moisés, no monte Sinai, nos quais está condensado tudo aquilo que o homem deve evitar, para alcançar a vida eterna.
- * A fé que a doutrina prescreve aos crentes não é uma fé cega, mas uma fé racional. Não há adeptos constrangidos: a fé na doutrina tem de ser aceita livremente, segundo a razão de cada um.
- * A regra de ouro da Nova Igreja Cristã além dos Dez Mandamentos, é constituída pelas palavras de Jesus Cristo: "Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo".

O gal. Mendonça Lima e o comendador Henry Leonar-
dos, ambos pertencentes ao mesmo grau, dirigentes da
Nova Igreja em no Brasil, cabendo, porém, ao último,
a direção geral — como chefe da Igreja em todo o país

ritualista, divergindo, entretanto, do espiritismo por não conceber a reencarnação. Reconhecendo, embora, que o seu fundador — Swedenborg — ao realizar sua obra o fez por inspiração celestial, a Nova Igreja desaconselha a prática da invocação dos espíritos, sob alegação de que os homens podem ser mal orientados em sua conduta nesta terra, por espíritos embusteiros — uma vez que no Além, ao que parece, não existe um policiamento muito severo, que impeça a vinda desses maus elementos...

CÉU E INFERNO DIVIDIDOS EM CLASSES

"O inferno foi dividido em sociedades do mesmo modo que o céu — explica Swedenborg — e também em tantas sociedades quantas há no céu, por que cada sociedade no céu tem uma correspondente no inferno, e isto acontece por causa do equilíbrio..."

Esse equilíbrio é explicado pelo filósofo em outro capítulo: "...não é um equilíbrio como entre dois que combatem com o corpo, mas sim um equilíbrio espiritual, do falso contra o verdadeiro, do mal contra o bem. Do inferno exala continuamente o falso precedente do mal e do céu dimana continuamente o vero do bem..."

Se não houvesse esse equilíbrio, se as forças do mal superassem as do bem, aí então poderia ocorrer o perigo "da destruição do próprio Criador".

COMO SE VAI PARA O INFERNO...

Emmanuel Swedenborg, em uma de suas obras, nos mostra esse caminho: "...Um dia foi-me representado um caminho que conduz ao céu e que conduz ao inferno. Era um caminho largo, que se dirigia para o norte, e nele caminhavam muitos espíritos... mas à certa distância via-se uma pedra bastante grande, onde terminava esse caminho largo. Dessa pedra partiam então dois caminhos, um para a esquerda e o outro para a direita..."

E, ao chegar a essa encruzilhada, o filósofo identificou o destino que tomavam os espíritos; a nosso ver de maneira um tanto estranha, porém justificável, uma



Esta águia, moldada em bronze, é o símbolo do Evangelista João — cognominado a "Águia de Patmos". Nessa tribuna é onde se coloca o pastor, para a leitura da Bíblia — que repousa entre as asas da águia



Subindo a rua das Graças, o segundo prédio a esquerda é onde se encontra erguido o único templo da Nova Igreja aqui no Rio, localizado no Bairro de Fátima

vez que Swedenborg não viveu em nossos agitados dias... Leiamos-lo:

"...o caminho que conduz a esquerda era apertado ou estreito, o caminho que ia para a direita era largo e espaçoso; quando chegavam à pedra, os bons iam para a esquerda... e entravam no reino dos Céus... enquanto que os maus iam para a direita... e se precipitavam no inferno..."

NINGUÉM VAI PARA O INFERNO POR CASTIGO

Um dos pontos curiosos dessa nova religião é a concepção de céu e inferno — curiosa para nós, que aprendemos a temer o inferno, como castigo celestial — e a desejar ardentemente o Céu, como um verdadeiro maná...

Swedenborg, porém, ensina mui diferentemente.

Os homens, ao transpor os humbrais da Eternidade, são guiados unicamente pelo instinto próprio e procuram ao chegar ao "outro mundo", voluntariamente aquilo que os agrada.

Um cidadão que, aqui na Terra, sempre procedeu corretamente, praticou o Bem, cumpriu todos os mandamentos de sua religião, e nunca se interessou por

experimentar a prática do Mal, sempre viveu (ou melhor sobreviveu, na opinião do repórter) como Puritano, nunca chegou tarde em casa... etc., esse escolherá, evidentemente, o Céu.

Por que é ali que ele melhor se identifica. O seu espírito — durante a permanência neste Planeta, com a vestimenta corpórea, integrou-se, de maneira definitiva, naquele ambiente — que é o ambiente celestial. Ali é que ele se sentirá bem. O que não aconteceria, por exemplo, se escolhesse o inferno.

Pois lá no inferno, a coisa é muito diferente. Os espíritos que lá estão — e os que para lá se dirigem — são justamente os que aqui neste Mundo, jamais se interessaram pela prática do Bem; tiveram sua vida toda devotada ao Mal, não tomaram conhecimento do que lhe ensinava a Igreja, sempre viveram (e estes viveram mesmo, na opinião do repórter) desregradamente, chegando de madrugada em casa... etc. O Puritano, lá no inferno, se sentiria mal. Deslocado. E então vai procurar o seu ambiente.

O homem escolhe o Céu, porque isso lhe agrada; da mesma maneira que escolhe o inferno, porque ali é que ele se identifica melhor — segundo a sua vontade;

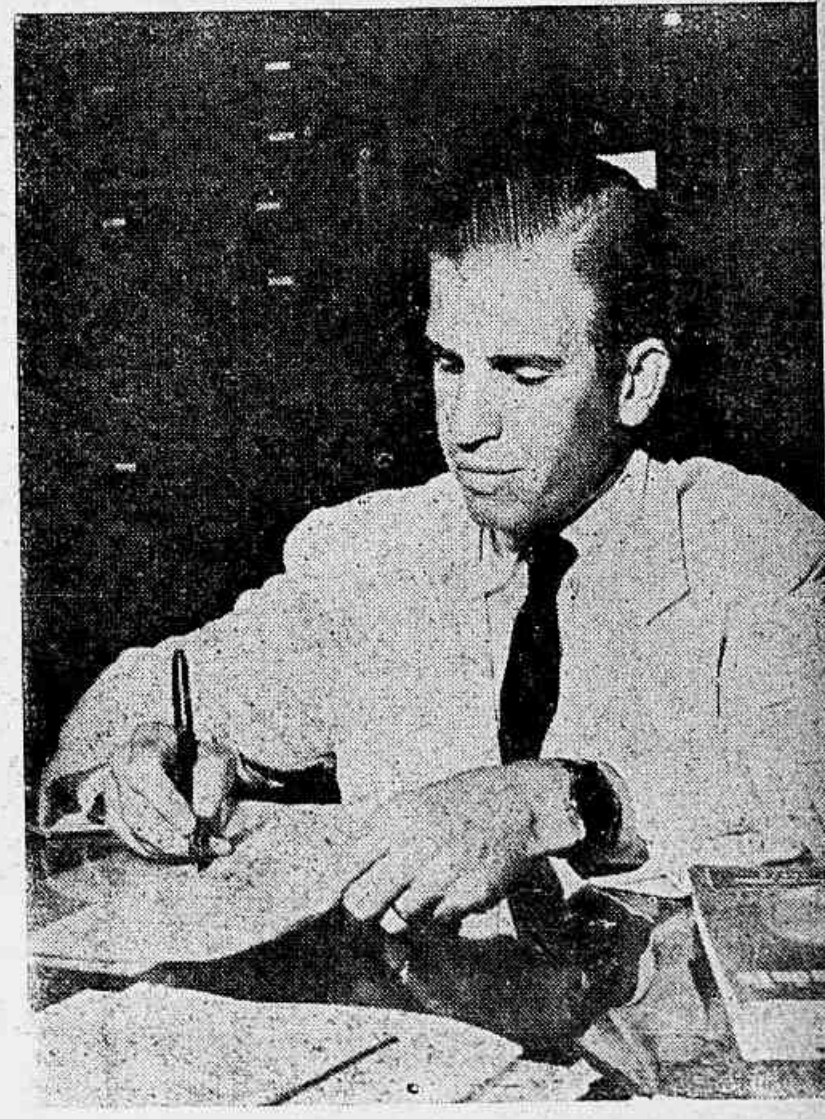
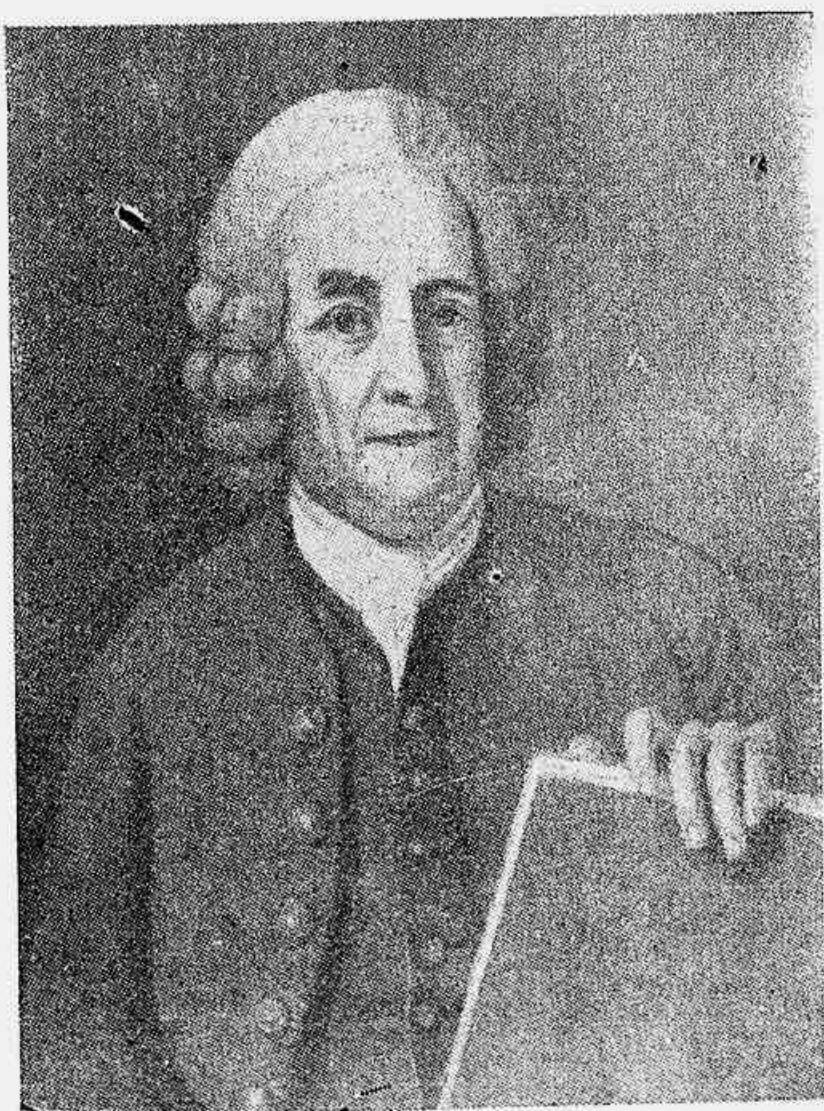
e nunca merecendo o Céu, como prêmio ou o inferno, como castigo.

E' assim — conforme ensina Swedenborg (em linguagem de repórter) — que a gente vai para o Céu ou para o inferno...

QUANDO CHEGOU AO BRASIL A NOVA DOUTRINA

A nova doutrina foi introduzida no Brasil pelos idos de 1893, e desde então começou a ter um crescimento lento e seguro, como devem ser as coisas predestinadas à Eternidade. A verdade vence sem alarde. Desde aquele memorável ano os ministros e adeptos da Nova Igreja vêm trabalhando porfiadamente, na sombra, animados apenas do propósito de que estavam edificando algo que viria tornar a humanidade melhor e do qual a posteridade se iria orgulhar um dia. Foi em 1942 que a Nova Jerusalém tomou um outro impulso. Capacidades empreendedoras e realizadoras, como a do Comendador Henry Leonardos e do general Mendonça Lima, assumiram a direção do novo culto. Hoje em dia a Nova Igreja já tem a sua casa de oração própria,

(Continua na pág. 52)



Da esquerda para a direita — Emmanuel Swedenborg, fundador da Nova Jerusalém. Nasceu em Estocolmo, filho de um bispo luterano. Em 1743, quando, em Londres, após as visões do mundo dos espíritos, iniciou a série de mensagens — por inspiração celestial — que constituem o patrimônio doutrinário da Nova Igreja. O interior do santuário, vendo-se a Bíblia aberta e, ao fundo, o castiçal do Apocalypse do Evangelho de João. Não há crucifixos nem imagens de santos, nesse templo singelo. Eis aí o sr. José Lopes de Figueiredo, funcionário público, que se vem destacando pelos seus aprofundados estudos da doutrina de Swedenborg. Talvez venha a ocupar muito em breve, um importante posto na Nova Igreja — o de Cardeal do Rio de Janeiro



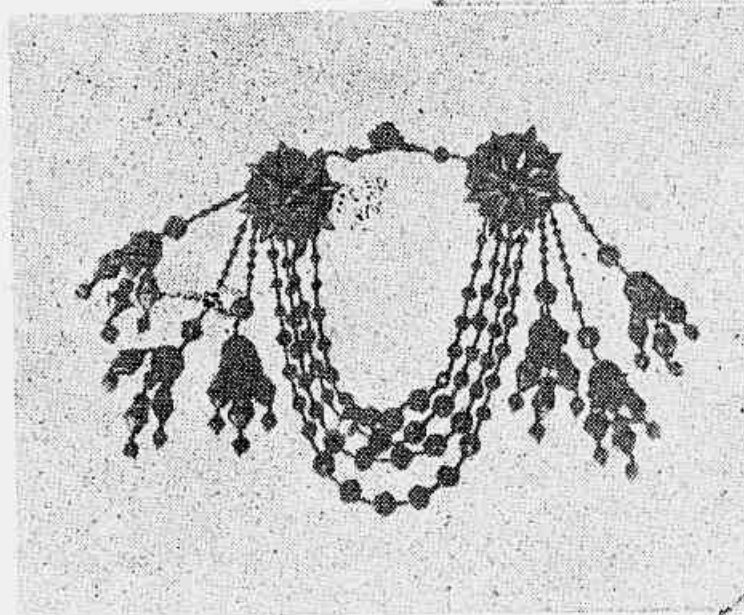
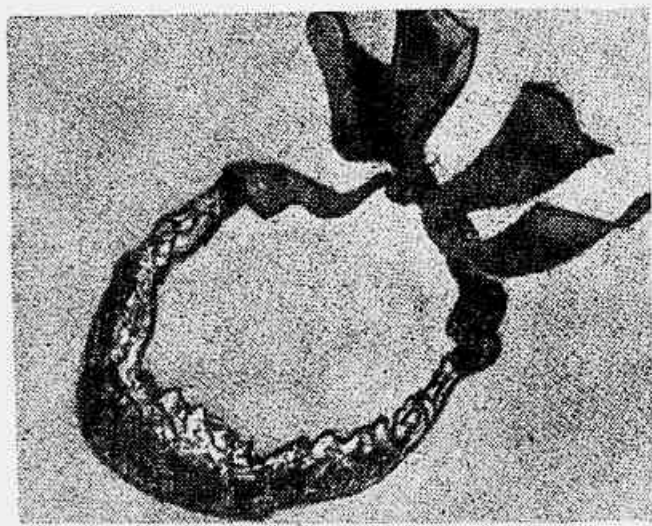
O branco domina nas praias de França. Vemos aqui dois exemplares

DETALHES E NOVIDADES



De muita originalidade é este chapéu para a noite em cetim preto e branco

Uma só alça é a novidade aplicada aos trajes de praia



Original colar feito em cristal colorido

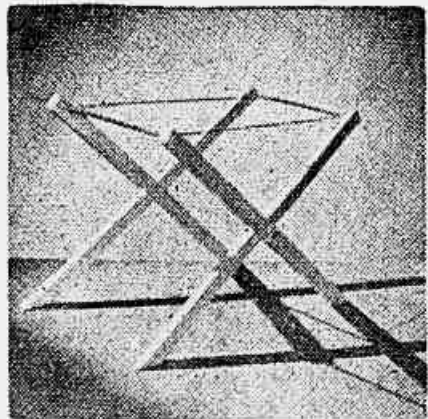
Para a cabeça este adereço em renda e fita lhe dará mais jovialidade e graça



Blusa em "lingerie" com nervuras e incrustações de rendas

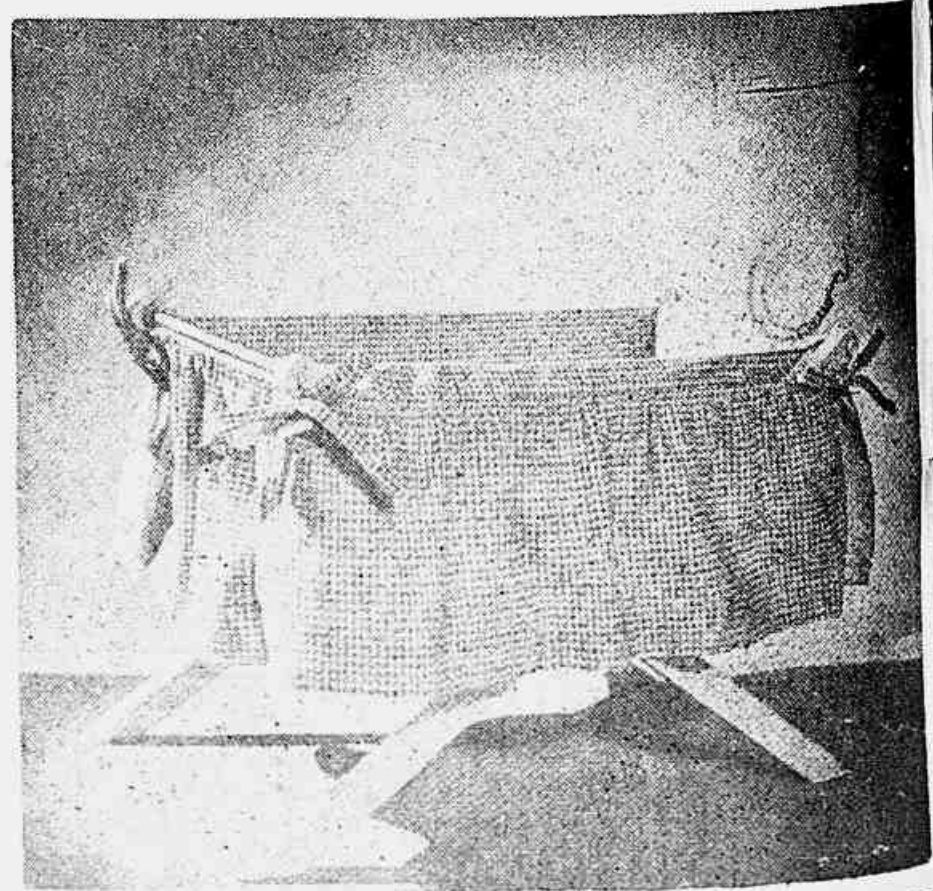
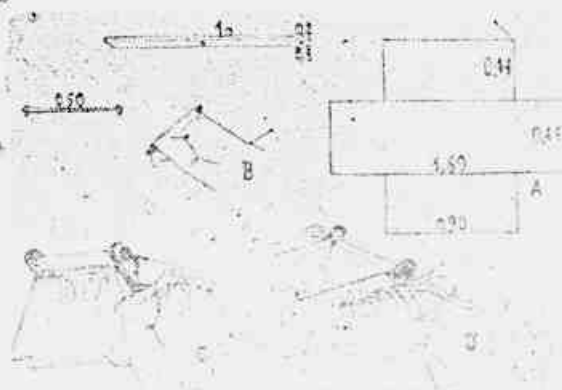


Interessante e original é este "maillot" de duas cores, todo feito em "tricot"



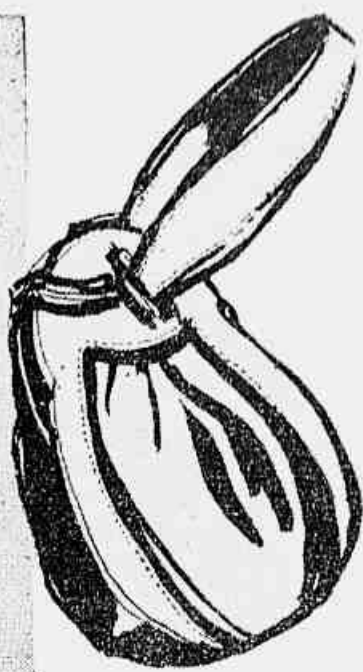
UM BERÇO PRÁTICO E ECONÔMICO

Interessante e prática é esta sugestão que submete aos seus apreciadores. Trata-se de um berço que alia a facilidade de sua confecção à simplicidade de suas linhas. Apresentamos aqui os principais detalhes necessários à sua confecção.





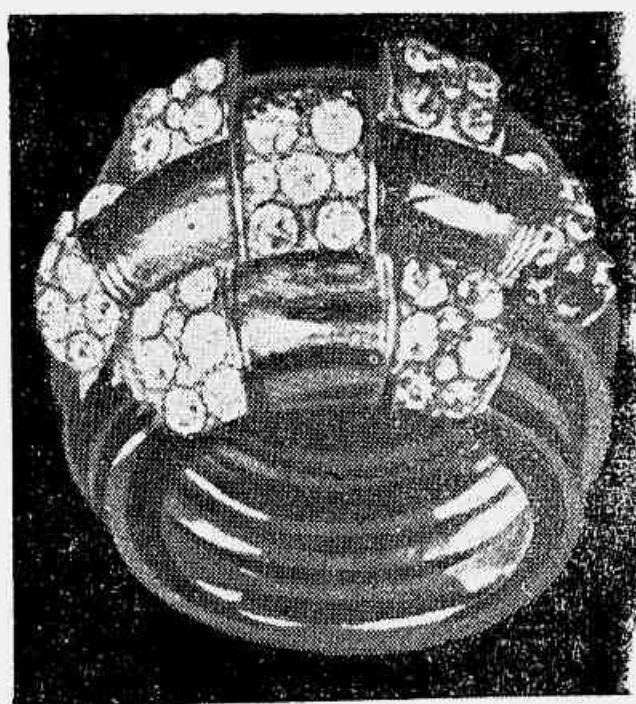
Para enfeitar seu penteado, experimente um cordão de ouro com cubos pretos e letras douradas formando o seu nome



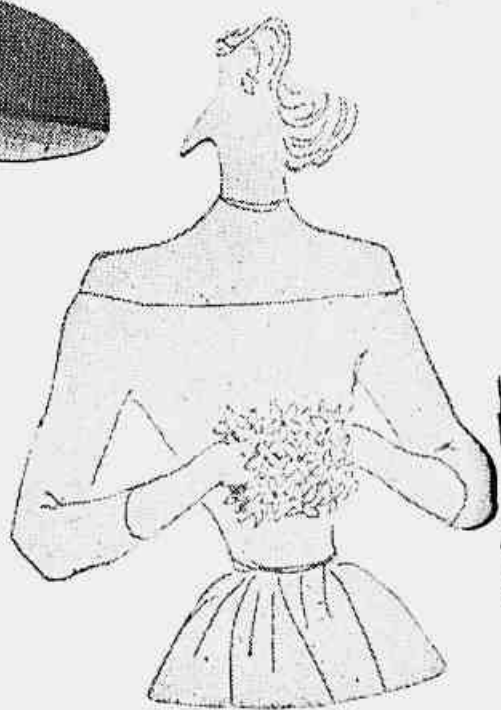
Bolsa de couro muito macio, com alça "apinhada" por um "elips"



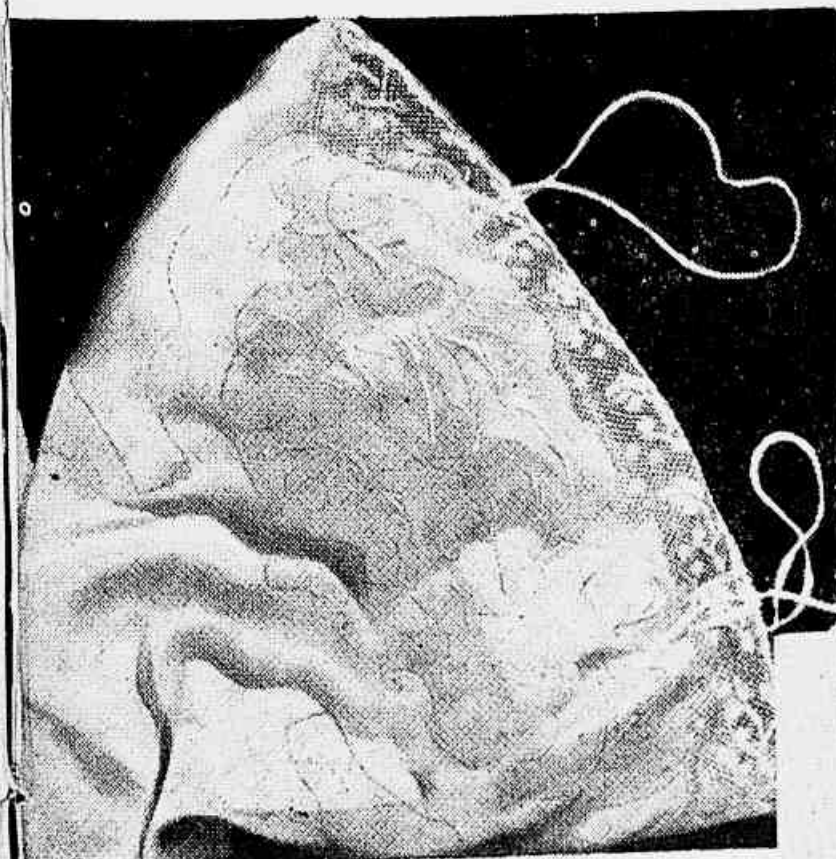
Um sapato para festas de rara elegância. Frente bordada em lindas pedras



Linda pulseira em ouro e pedras

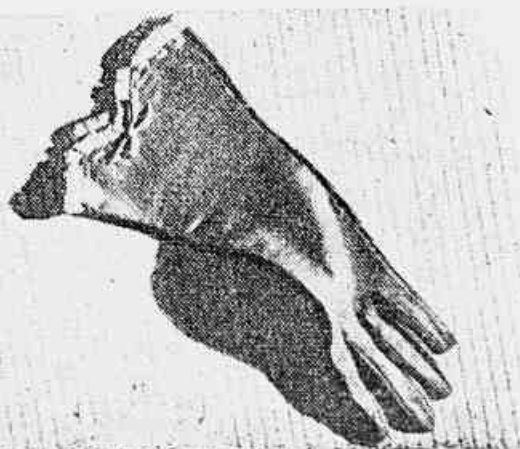


Para o seu primeiro baile optamos por um "pouff" de margaridas, que lhe dará muita graça



Incrustações do mesmo tecido e rendas verdadeiras enriquecem esta combinação

Aqui está um par de luvas brancas com bordas brancas e laço também branco



YARDLEY



English Lavender

Delicado e refrescante, o perfume da Água de Lavender de Yardley tem uma individualidade com a qual nenhuma outra fragrância pode ser comparada

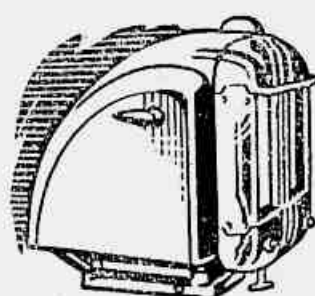


Agora Yardley vem novamente da Inglaterra

Agente Exclusivo para o Brasil: Leo L. Prochownik, Rua Sorocaba 55, Rio de Janeiro

YARDLEY - 33 OLD BOND STREET - LONDON

GERADORES



DIVERSOS
MODELOS

**WINP
POWER**

A GASOLINA OU A VENTO

Peçam catálogos

SECÇÃO de ELETRICIDADE

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/56



O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

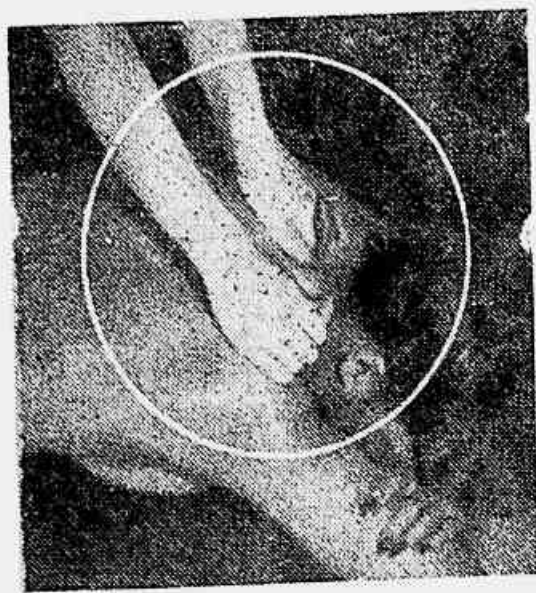
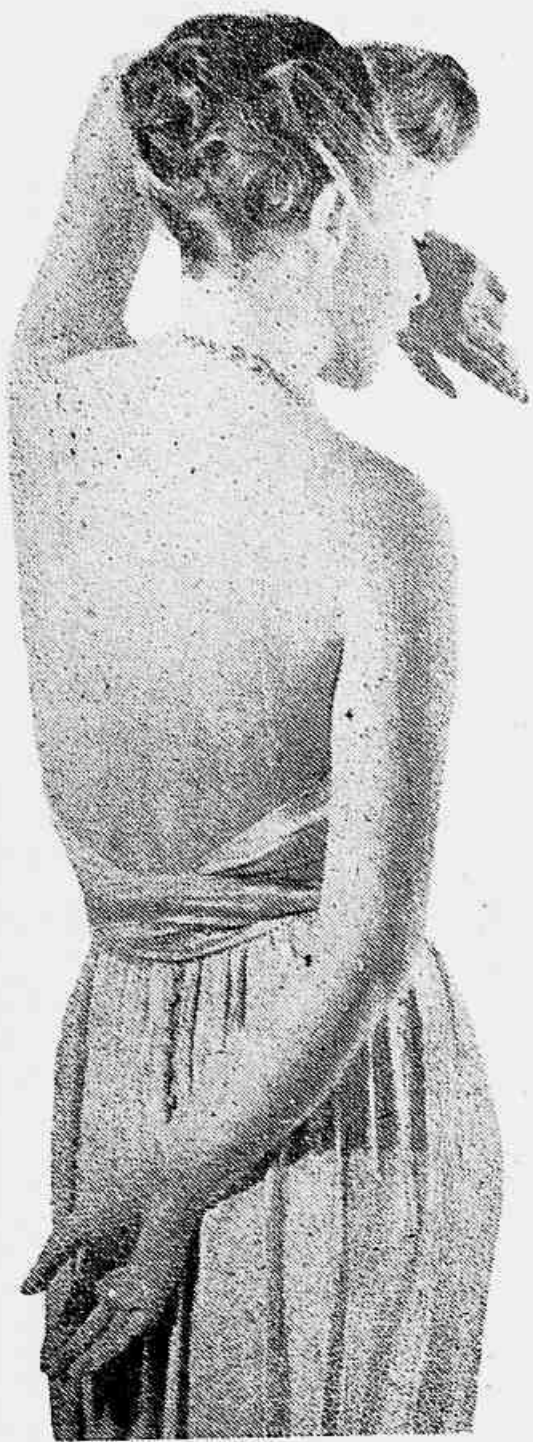
A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

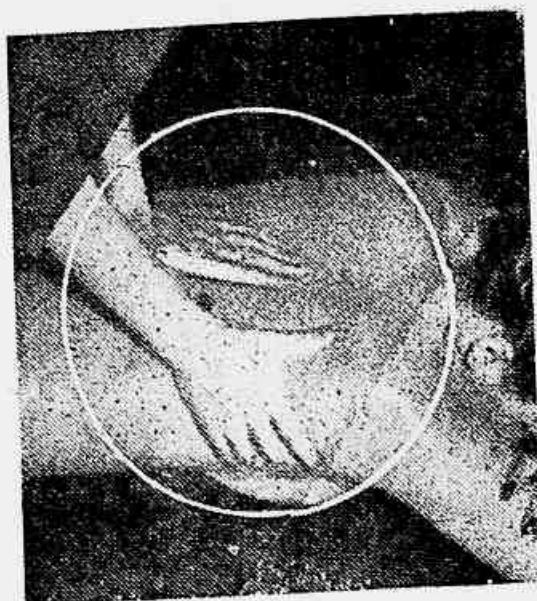
SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

OS GRANDES DECOTES



zes são a ginástica e a massagem. Existem exercícios próprios para magras e gordas, mas é preciso que a massagem complete o trabalho. A

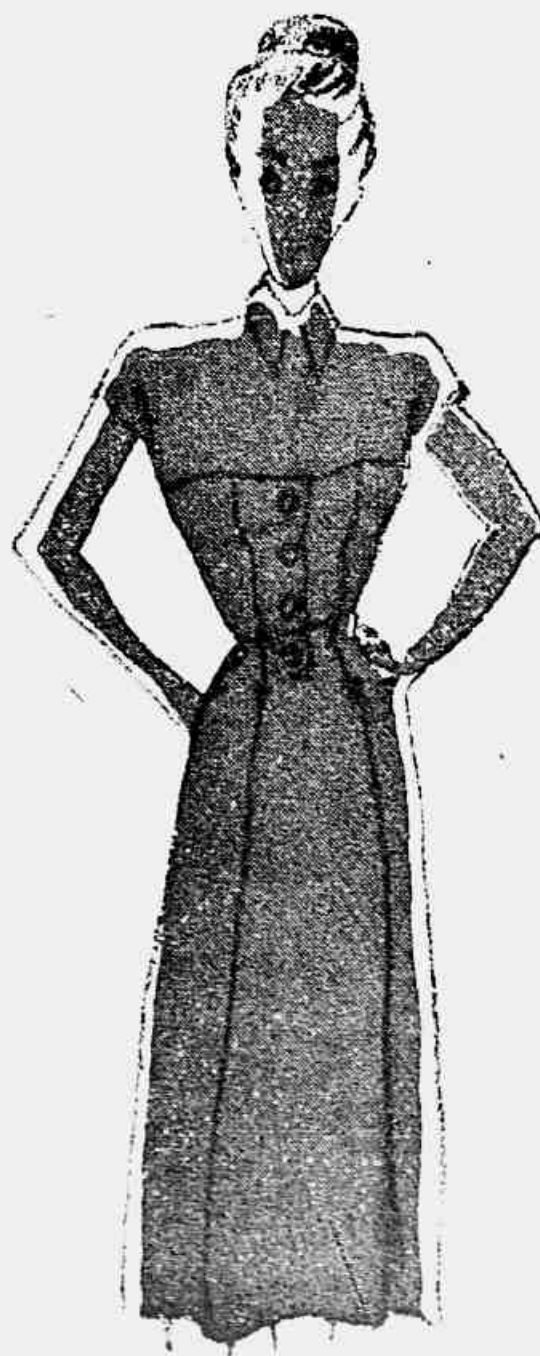
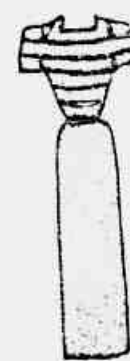
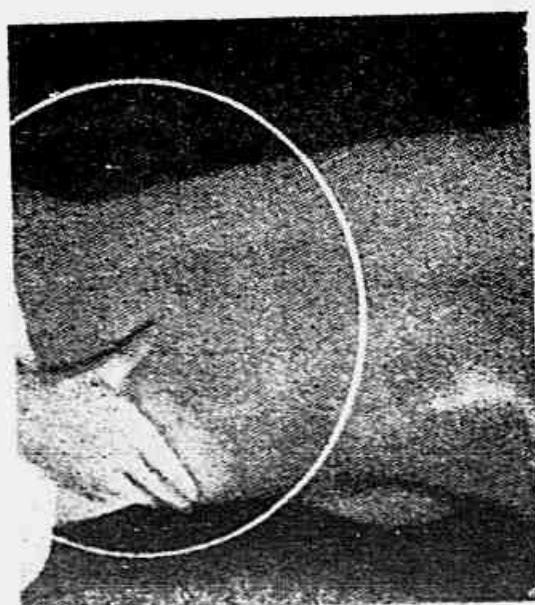


DECIDIDAMENTE, a moda continua a impor os decotes generosos nas costas. Na verdade são muito elegantes, porém é necessário que a parte descoberta cor-



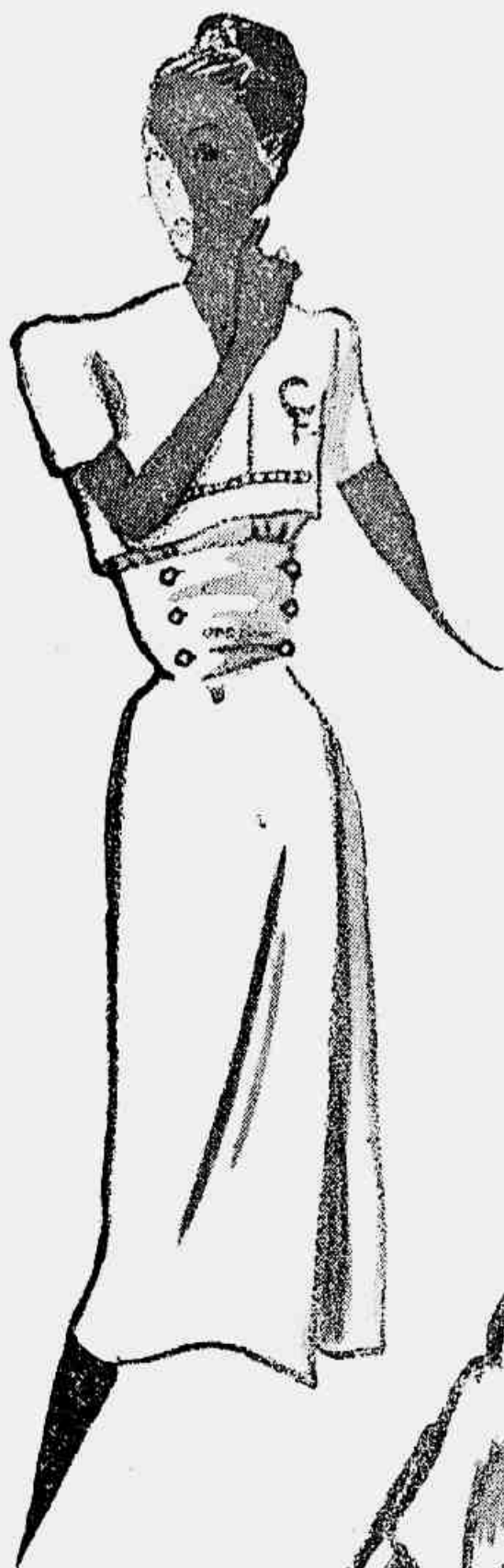
responda a essa elegância. As costas deverão ser impecáveis, livres de manchas e de gorduras excessivas. Também a magreza é um fator que contribui para tirar a beleza das costas, de maneira que é preciso que aquela que realmente tenha vontade de estar sempre ao rigor da moda, faça também algum sacrifício próprio, despenda algum tempo e disponha de boa vontade, para não prejudicar a beleza de um decote grande. Os meios mais efica-

massagem das costas deverá ser praticada por mãos hábeis; qualquer pessoa poderá aprendê-la; a fim de que os resultados sejam satisfatórios, deverá começar na nuca e terminar na cintura, conforme indicam as nossas ilustrações. Se você não dispõe de meios financeiros para frequentar uma boa massagista, procure, entre suas amigas, uma que tenha "jeito" para isso, aprenda você também e assim uma poderá prestar à outra os mesmos serviços. Tudo depende de boa vontade, é claro.

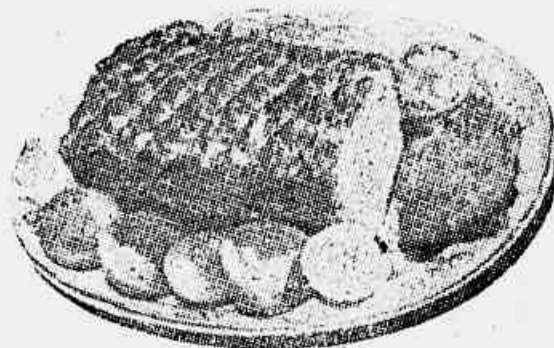


Graciosos e elegantes são os modelos que apresentamos nestas duas páginas, simples nas suas linhas nem por isso deixam de ser atraentes e sugestivos, pois, justamente graças à sua simplicidade têm o dom de rejuvenescer. Deverão ser executados de preferência em shantung ou linho.

MODELOS LIGEIRO



week-end NA COZINHA



A apresentação dos pratos influi muito no apetite dos que estão à mesa. Uma comida, por mais apetitosa que esteja, não entusiasmará muito se for "jogada" no prato de qualquer maneira

PANQUECAS DE BATATA

Cozinhe três batatas grandes em água e sal e passe-as pelo espremedor. Junte sal e pimenta, 1 colher de chá de farinha de trigo, 2 colheres de queijo ralado e por último 3 claras batidas em neve. Frite às colheradas, espalhando bem a massa na frigideira.

ESCALOPINHOS

Corte bifes de filé mignon ou alcatra condimente-os com sal, alho socado, pimenta e oregano. Passe-os em farinha de rosca, ovos batidos misturados com 1 colher de chá, de farinha de trigo e sal e novamente em farinha de rosca e frite-os em óleo. Sirva acompanhados com verduras passados em manteiga.

FORMINHAS COM SARDINHAS

Bata 3 ovos inteiros, junte sal, 1 colher de queijo, 1/4 de copo de leite, 1 colher de sopa, rasa, de farinha de trigo, 1 lata de sardinha em tomates, salsa picada e azeitonas sem caroços. Misture bem, deite em forminhas untadas e leve ao forno para cozinhar.

QUADRADINHOS DE MILHO VERDE

Rale 16 espigas de milho verde, lave as espigas raladas com 1 1/2 copos de leite e junte-se ao milho

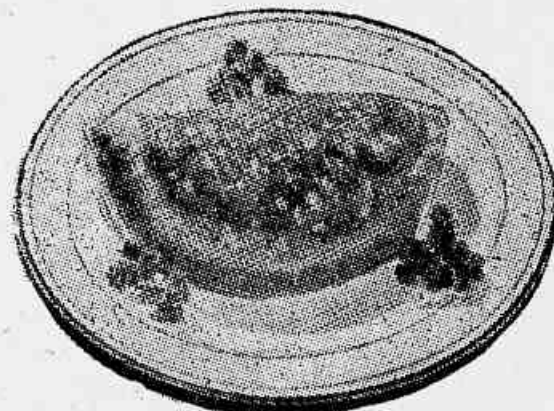
ralado. Passe por peneira. Adicione bastante açúcar, 1 colher de chá de manteiga e leite de 1 côco. Leve ao fogo em caçarola, mexendo bastante até engrossar. Despeje em tabuleiro untado e deixe esfriar e depois corte-os em quadradinhos e passe-os em canela.

TIJELINHAS DE MAÇÃS

Cozinhe 12 maçãs, passe-as pelo passador, junte 10 colheres de açúcar e 150 grs. de biscoitos de champagne bem esmagados. Adicione 1 colher de sopa de manteiga, 6 ovos inteiros e 100 grs. de queijo ralado, "Prata". Misture tudo, deite em tijelinhinhas untadas e leve ao forno quente.

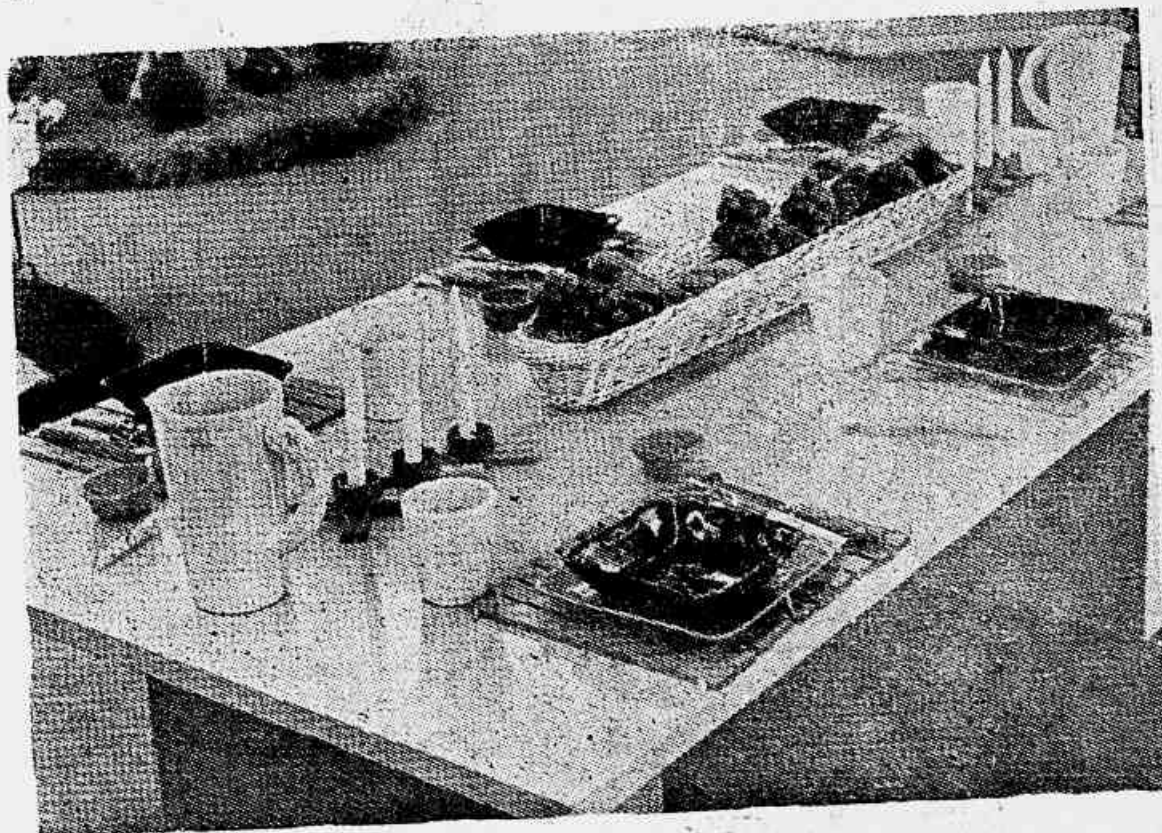
PUDIM DE AMEIXAS

Cozinhe 12 maçãs, passe-as pelo pouco de canela em pau, 150 grs. de ameixas pretas. Logo que fiquem bem macias, passe-as pela peneira. Junte 6 colheres de açúcar mascavo, 1 cálice de "rum", 1 pires de farinha de trigo (pires pequeno) e 6 gemas.



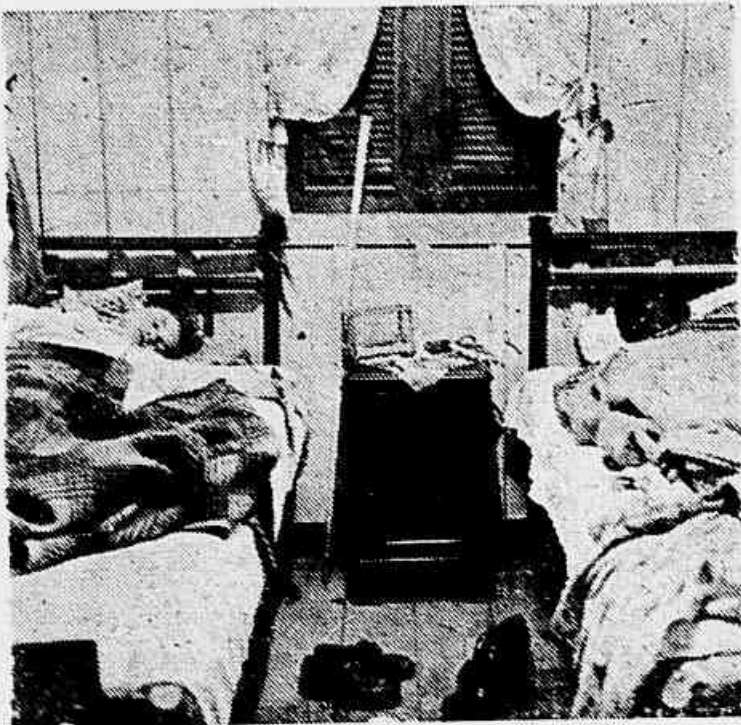
A última refeição deverá ser mais leve do que o almoço, a fim de que a digestão não venha a ser prejudicada durante as horas de sono

SAIBA QUE... Para que a galinha perca o seu mau cheiro, é aconselhável lavá-la, antes de abrir, com sabão de côco e depois, pedaço por pedaço, água de limão. ★ O caruru é uma erva excelente para a alimentação da criança. E' mais útil do que o espinafre que muitos consideram de grande valor. ★ A clara de ovo batida em neve com pouco açúcar, dá um ótimo "glacé" para cobrir bolos.



Sobre uma mesa em laqué bege, louça marrom, sobre um "serviço" de madeira ligado com cordas. No centro, cesto retangular, contendo frutas

MODERNISMO OU COMODISMO?



A simplicidade e a pobreza dos aposentos das crianças não justificam a ausência de asseio e arrumação

ENTENDEM muitos que educação moderna é dar inteira liberdade à criança, entendem muitos também que tal modernismo facilita, sobremaneira a missão dos pais. E' só soltar os filhos e... pronto! Eles que se arranjam como bem entenderem, porque a liberdade que lhe deram foi para isso mesmo, para que se arranjassem desde cedo e assim aprendessem por si mesmos o que é a vida. Prático e

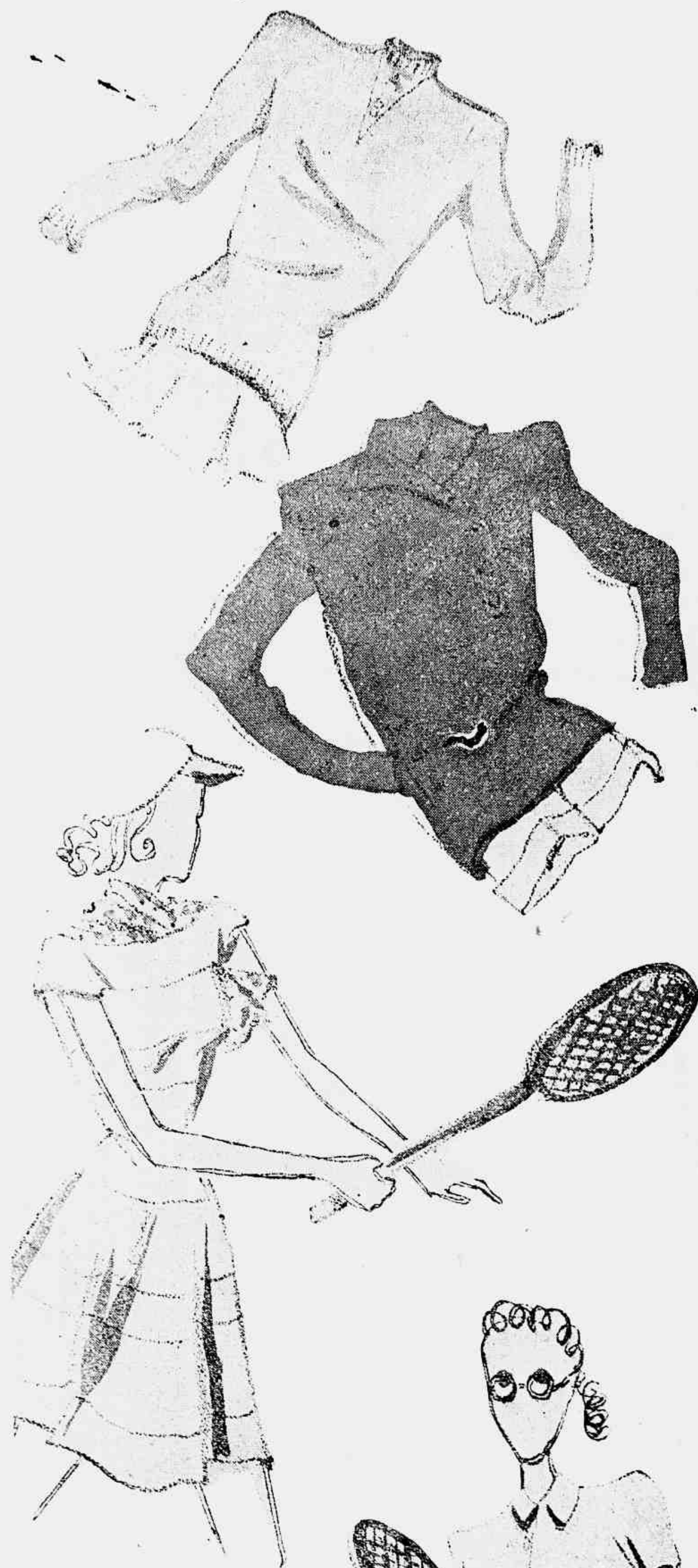
cômodo, não acham? "E depois não me venham dizer que não acompanhamos a época", dirão eles ainda. "Vêem? Nossos filhos têm liberdade para fazer aquilo que desejam!"

Mas nós é que os entendemos muito bem. Agora terão mais tempo para os seus joguinhos, suas visitinhas e suas conversinhas. Quanto aos filhos, soltos inteiramente, o que é que se pode esperar? Nada mais, nada menos do que o que por aí se vê: mocinhos e mocinhas que vivem a vida prematuramente; caçaisinhos adolescentes que se agarram, sem nenhum pudor, nos bancos das praças públicas ou nos cinemas; rapazolas que iniciam, desde cedo, o caminho do vício; garotas que se transformam, da noite para o dia, em criaturas experientes...

Quando chega a época em que realmente deveriam viver, já estão cansados, desiludidos e esgotados; pouca coisa de útil ainda poderão fazer. Tudo porque os pais não souberam interpretar devidamente o sentido de "educação moderna". Não souberam ou não quiseram... O que de fato se compreende dentro de "educação moderna" é um sistema de compreensão, camaradagem, dedicação e amor. Um sistema que permita aos filhos seguirem as suas próprias inclinações, exteriorizarem os seus sentimentos e pensamentos, criarem a sua própria personalidade, sob uma orientação baseada nos bons exemplos.

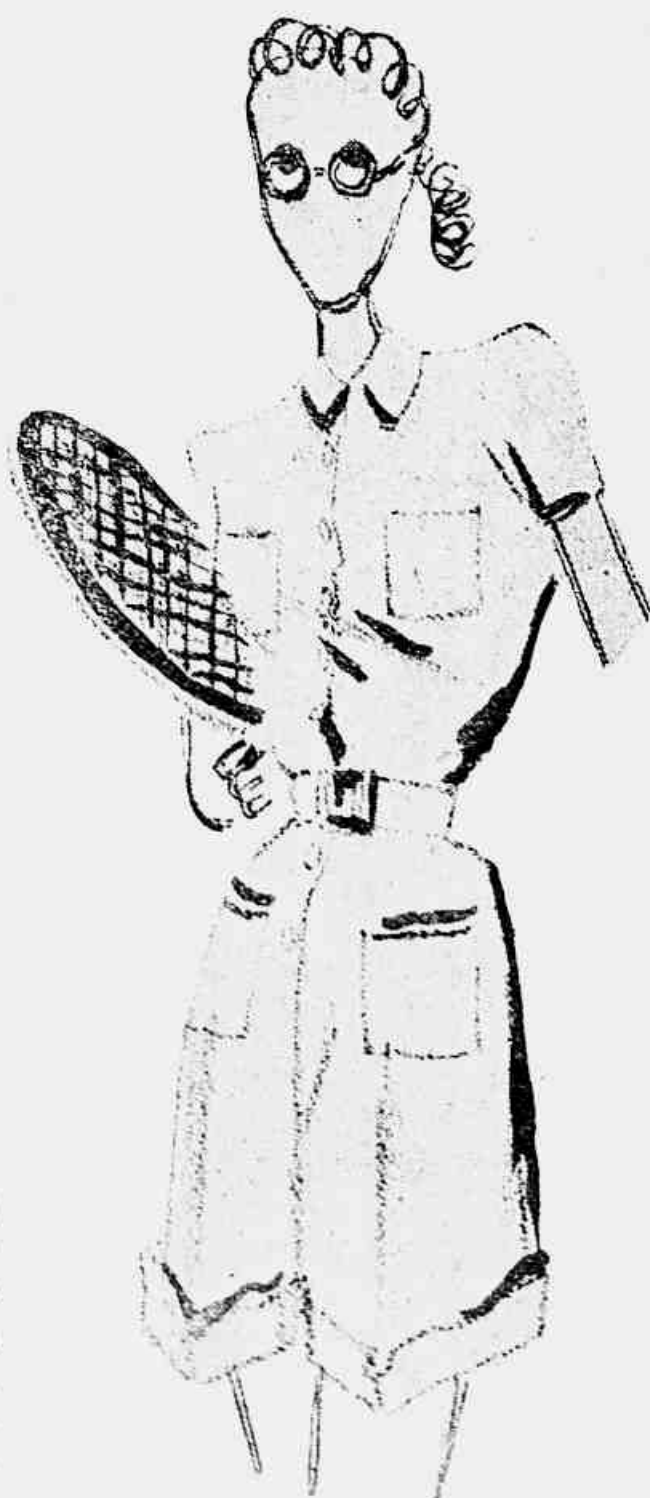
CONSELHOS ÚTEIS

O castigo corporal não educa. Revolta e humilha.
★ Com gritos e ameaças nada se obtém da criança. Ela reagirá da mesma forma. ★ O bom exemplo é a melhor fórmula para bem educar a criança.



Sugestões para o Tennis

MESMO quando se pratica o esporte, deve haver lugar para o bom gosto e elegância. Para as que jogam o tênis, selecionamos, especialmente, estes práticos e confortáveis modelos, todos eles elegantes e de fácil execução.

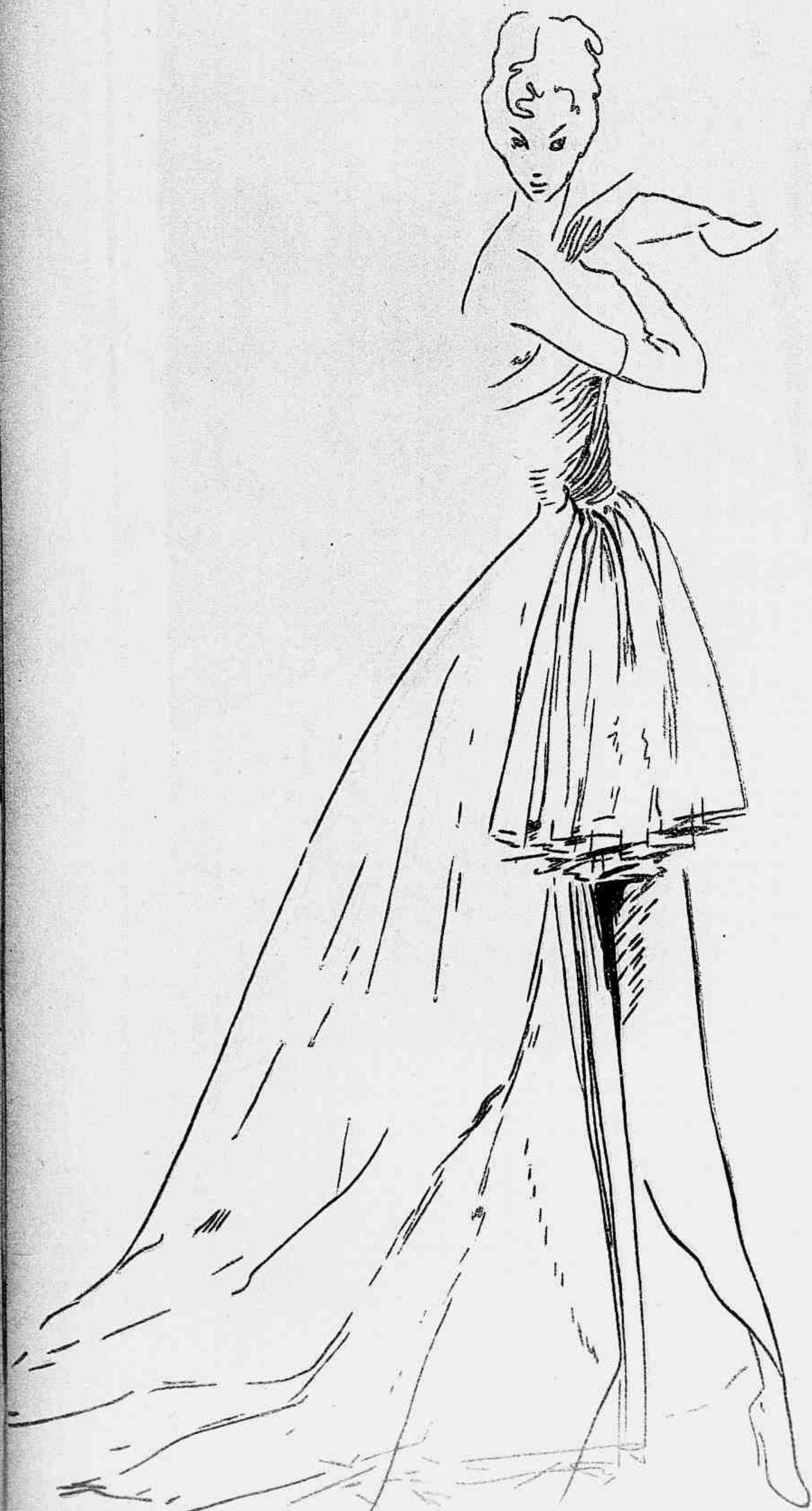




A mulher verdadeiramente elegante, não tem hora marcada para ser elegante; ela o é em qualquer tempo, em qualquer ocasião, o que revela mesmo nos seus momentos de intimidade. Um "robe" distinto e "chic" é coisa que ela não dispensa. Entre os "robes" que aqui apresentamos, figuram criações de Lanvin e Mad Carpentier.

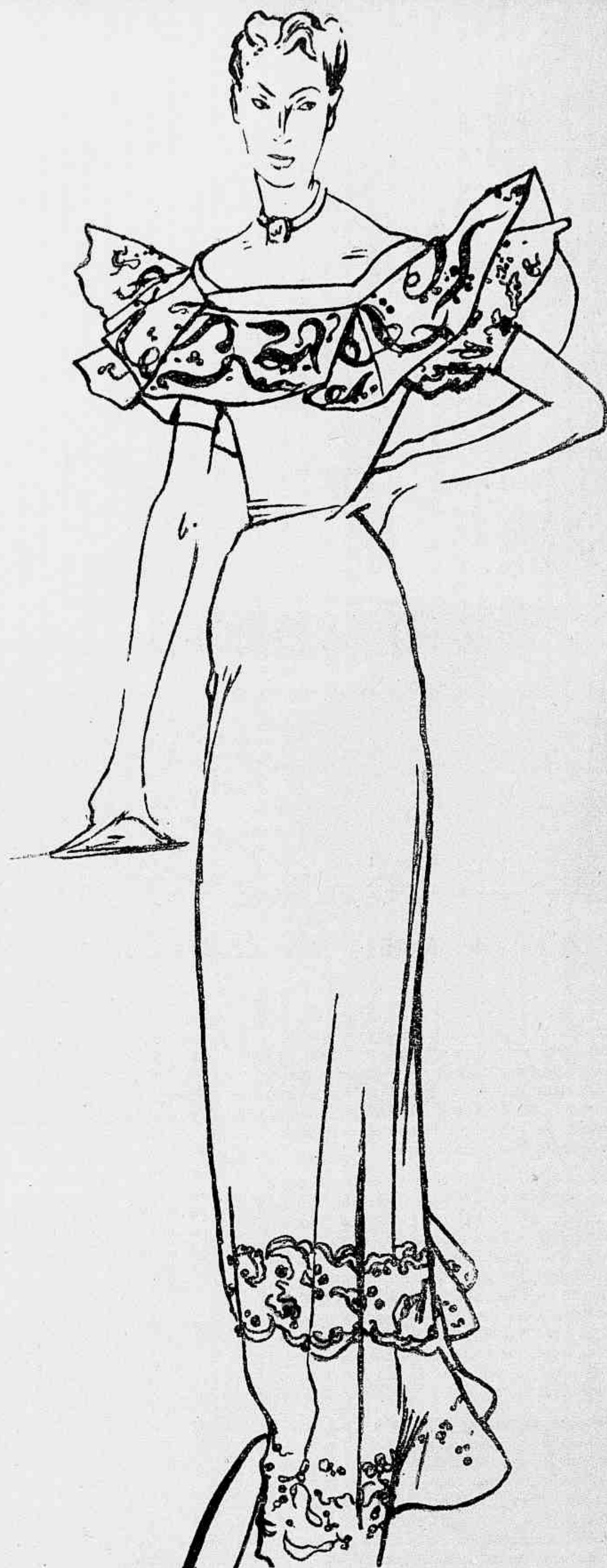
Elegancia íntima





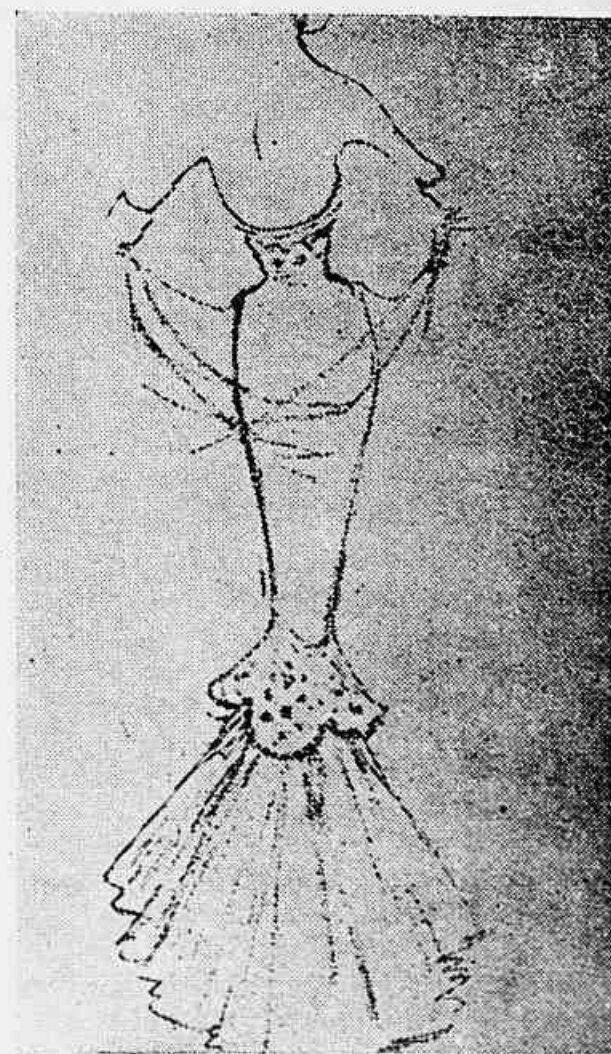
PARA você que prefere os vestidos de baile à fantasia, apresentamos aqui algumas alegres e originais sugestões para noite, próprias para os alegres bailes do nosso Carnaval. Os modelos aqui apresentados, são criações de famosos nomes franceses e destacam-se pela originalidade e elegância de suas linhas. Deixamos, pois, a critério do seu gosto apurado a escolha daquele que mais lhe agrade.

Ao alto — Pierre Balmain é o criador deste notável modelo. Em seda preta, corpo justo, decote sem alças. Capa em plumas, saia alargando abaixo do joelho também guarnecida de plumas. Em baixo, à esquerda — Modelo em "tulle" preta, uma original criação de Paquin. O efeito de saia dupla dá a este modelo muita originalidade



PARA OS BAILES DE

Caravana



Ao alto, à esquerda — Jeanne Lafaurie apresenta este notável modelo em jersey branco, decote drapado estilo império, grande "apanhado" de rosas caindo do decote até abaixo da cintura. À esquerda — Em jersey preto, gola de organdi do mesmo tom, bordada em "paillettes" verde. O mesmo trabalho na saia. Criação de Jean Patou. Finalmente am baixo, de Marcel Rochas, em tafetá preto, com "écharpe" e babados na saia em "tulle" no mesmo tom. Bordados em "paillettes"



Conto de MARIA DA CONCEIÇÃO DE SALES COÍMBRA



Ilustração de A. PACHECO

— Alice, preciso que me auxilies com a firmeza e a serenidade das tuas resoluções. Bem sabes que sempre fui uma pequena fantasista, indecisa e tímida. Riaste de mim todas as vezes que saíamos juntas... Ela levava horas escolhendo um vestido ou um par de sapatos e acabava arrependendo-me da compra.

O mesmo sucede com relação ao destino. Creio que não soube escolher o meu caminho. Oh, Alice, já não me conheço! Não distingo os meus sentimentos. Não sei o que desejo. Urge, entretanto, imprimir à minha vida um rumo definitivo. Quando alguém envereda por um atalho sombrio, por que não se desvia e não vai procurar o sol? Se não fossem, entretanto, estas pérolas que tenho ao alcance das mãos, não me parece que estaria assim irresoluta.

Sempre adorei as pérolas — adorei-as em silêncio, olhando-as furtivamente no mostruário das joalherias. Sonhava com elas, sentindo-lhes em sonhos o tépido contacto. Seria loucura, mas teria dado a metade da existência por um colar de pérolas, mesmo que ainda fossem menores do que estas que tenho diante dos meus olhos!

Pensei em adquirir uma imitação. A timidez arguia-me: "gastar dinheiro em contas de vidro que a uma pressão mais forte se transformariam em pó? e que haviam de dizer os outros, que te julgam simples, modesta, sensata"? Todavia, quando Olavo me perguntou o que devia comprar-me como lembrança do primeiro aniversário do nosso casamento, indiquei um duplo fio de pérolas que me estavam tentando através da vitrina de uma casa de artigos de fantasia.

Meu marido fitou-me e, entre divertido e surpreso, ponderou: "Pedras falsas não lhe ficam bem, Lucinha".

Escolhi dois vasilhinhos de cristal para a penteadeira. Mas, durante o trajeto de bonde, do Largo de São Francisco à rua São Januário, fui repisando a minha decepção. Olavo não me conhecia. Não pressentia no meu ser o germen da validade em evolução. Casara-se comigo iludido, imaginando que eu me contentaria em tomar-lhe conta da casa e do filho, mantendo-os sempre limpos e atraentes, — para isso trazia-me flores todos os domingos, quando voltava do cinema com Paulinho. Oh, eu devia satisfazer-me com as sobras do banquete desfeito! Era quieta, apagada, não sabia pleitear os meus direitos.

Mantive-me de mau humor, muitos dias, impacientando-me com o pequeno, — que me chama tão gentilmente de "mamãe" — com Olavo e até com a velha Domingas, que nos serve com o mesmo sorriso bondoso e o mesmo "tutú à mineira" com que serviu aos meus sogros e a Olavo durante os dez anos do seu primeiro casamento. Ninguém em casa deu mostras de notar a irritação do meu gênio. Domingas continuou mimando-me como si eu tivesse a idade de Paulinho, e, domingo à tarde Olavo trouxe-

sa mesma noite abordei o assunto. Ele negou-me a autorização pedida. Disse que Eliana era indigna da minha amizade e que eu não mais falasse com ela, "passasse de largo" quando a avistasse. No dia seguinte os negócios exigiram a presença de Olavo em São Paulo. Gostaria de acompanhá-lo, como fazia a primeira esposa, mas à minha sugestão ele retorquiu que — "Domingas estava muito velha para tomar conta da casa e Paulinho não podia dispensar os meus cuidados".

Não estou acostumada a ouvir galanteios. Enrubesci como uma colegial quando o amigo de Raul me disse que nunca havia visto olhos iguais aos meus — "pareciam de veludo líquido". Depois do jantar Eliana insistiu para que eu fosse também ao Municipal, pois tinham comprado um camarote.

"Que loucura, não tenho sequer um vestido para réclamas de gala!" respondi.

Mas, Eliana levou-me ao quarto e abrindo o guarda-roupa, tirou do cabide um vestido comprido, de seda preta, recamado de lantejoulas. "Experimenta-o, ficará-te como uma luva", concitou.

Fosse porque recusando, temesse ofender a uma amiga que me prodigalizava tantos agrados, ou porque me sentisse empolgada pelo desejo de assistir a um grande espetáculo, enverguei o vestido de cetim e calcei uns maravilhosos sapatinhos de saltos à Luiz XV.

Quando me viu diante do espelho, embevecida — pois era uma Lúcia diferente, uma Lúcia bonita, sorridente e animada, que o cristal polido refletia — Eliana observou: "Falta-te agora um colar". E, tirando de uma caixa um fio de pérolas graúdas e brilhantes, fez menção de colocá-lo em torno ao meu pescoço. "Jóias falsas não lhe ficam bem"... Quem me havia feito essa admoestação? O vinho, que tomara ao jantar, confundia-me as idéias. Cheguei a crer, por um minuto, que a voz de Olavo repercutia ali, naquele quarto de luxo duvidoso.

"Não, Eliana, por favor, esse colar chamaria muita atenção sobre a minha pessoa", repliquei.

"Mesmo sem as pérolas chamarás atenção e receio que Fernando e Raul só tenham olhos para a tua beleza", gracejou Eliana.

Com referência a Fernando, o jovem madeireiro, essa previsão realizou-se. Seus olhos não se despregaram de mim, seguindo todos os meus gestos, acompanhando todas as minhas reações. Nunca havia assistido a uma ópera. Fiquei deslumbrada pela "A Traviata". Chorei com pena de Violeta. Fernando tomou-me as mãos e beijou-as.

Durante a ceia, enquanto bebíamos champanhe, ele me disse que daria tudo para fazer-me feliz e, se eu quisesse, tomaria um advogado para tratar do meu desquite e casar-se-ia comigo em Nova Iorque ou Montevideu. Dedicar-se-ia inteiramente a mim, levar-me-ia a todos os recantos bonitos do mundo, mostrar-me-ia

Indecisão

me cravos, como sempre. Menos deprimida saí, segunda-feira, para fazer compras. Quando ia entrando em uma casa de artigos para criança — Paulinho cresce de um dia para outro, está sempre precisando de roupa — defrontei-me com Eliana, aquela encantadora Eliana que sempre me fascinou com a graça picante dos seus gestos, o brilho, a exuberância da sua mocidade. Procurei evitá-la, mas, colocando-me ao ombro a mão enluvada, Eliana exclamou com aquela voz musical que é ainda um dos seus encantos: "Não me escaparás desta vez, Lucinha"! Abacei-a. Estava linda e sempre meiga, persuasiva, insinuante, dizendo que nunca me esquecera, que sentia saudades do nosso tempo de internato, das emoções da nossa adolescência. "Vamos tomar chá", convidou-me. E, notando o meu constrangimento: "Não tenhas receio de ficar comprometida, minha reputação não está assim tão abalada". Cedi. Fomos à Confeitaria Colombo. Eliana contou-me toda a sua vida. Desquitara-se do marido, que a maltratava. Vivia agora com um capitalista que a fazia sumamente feliz. "Logalizaremos nossa situação logo que Raul possa afastar-se do Rio", explicou. "Mas teu marido não será intransigente a ponto de proibir-te de ir à minha casa"... Prometi falar com Olavo e nes-

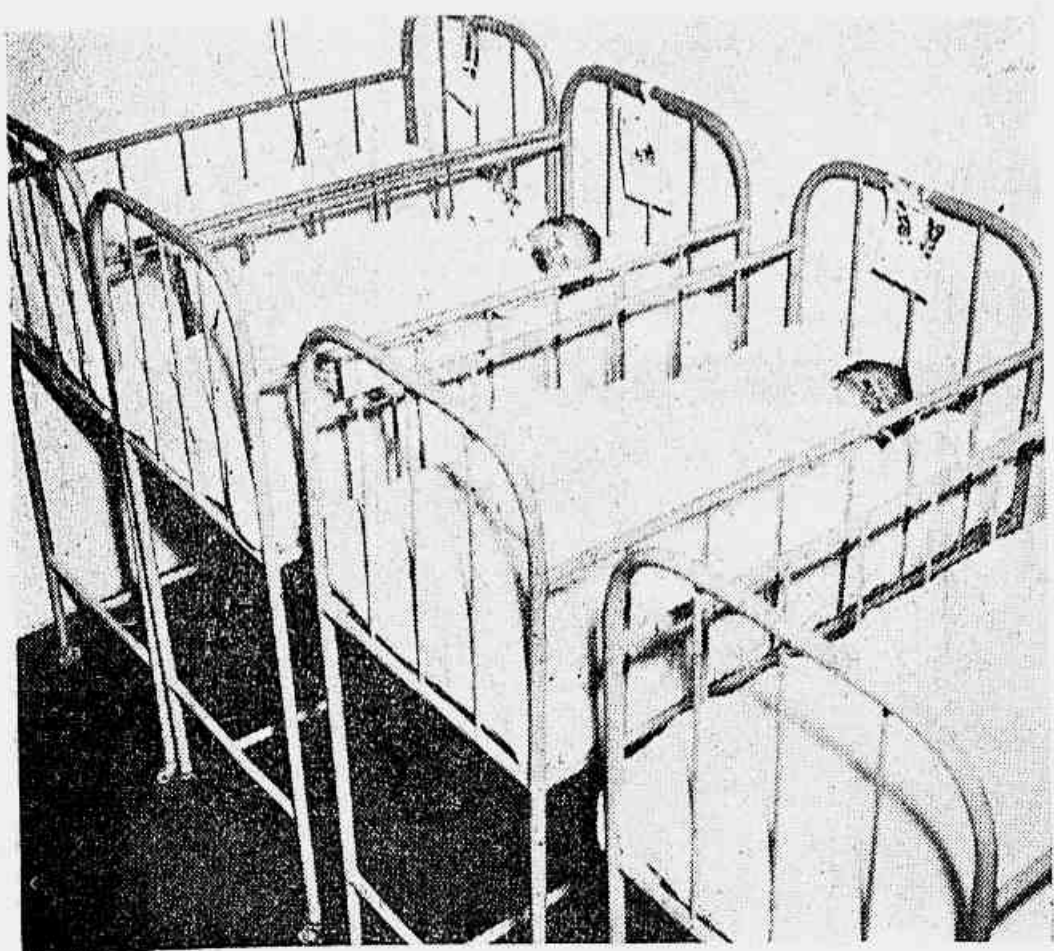
Absorvi-me na leitura, no tricot, na arrumação da casa.

Aquela rotina enervava-me. Fui ao cinema. E o destino colocou novamente Eliana em meu caminho. Ela estava em companhia de Raul, a quem me apresentou. Achei-o delicado, inteligente e amável. Ambos insistiram para que os acompanhasse até o apartamento. Comularam-me de gentilezas e fizeram-me prometer que voltaria dentro em breve.

Arrependida de ter desobedecido a Olavo, procurei esquecer Eliana e o luxo de que vivia cercada. Mas a pobreza da minha personalidade, dos meus móveis, dos meus vestidos, oprimia-me. Si ao menos Olavo gostasse de mim como gostara da outra! anélava. Mas Olavo não me escrevia e eu experimentava uma sensação confrangedora de solidão e abandono.

Quando Eliana telefonou dizendo que mandaria buscar-me de automóvel, para ir jantar com ela e Raul, hesitei nas acabei aceitando. "Que mal havia em procurar uma amiga de infância? interrogava a mim própria.

O casal não estava só. Raul apresentou-me um amigo, "jovem madeireiro do Sul, que partiria dentro de poucos dias para os Estados Unidos".



Berçário

CASA DE SAÚDE E MATERNIDADE GRAJAÚ

RUA VISCONDE SANTA IZABEL, 542
(Fim da Av. Júlio Furtado)
Tel. 38-1344

Localização privilegiada (em pleno Grajaú),
afastada de qualquer ruído.



Acesso fácil para veículos e pedestres pela alameda especialmente
construída para isso



O moderno e amplo edifício,
sede da Casa de Saúde e Maternidade Grajaú

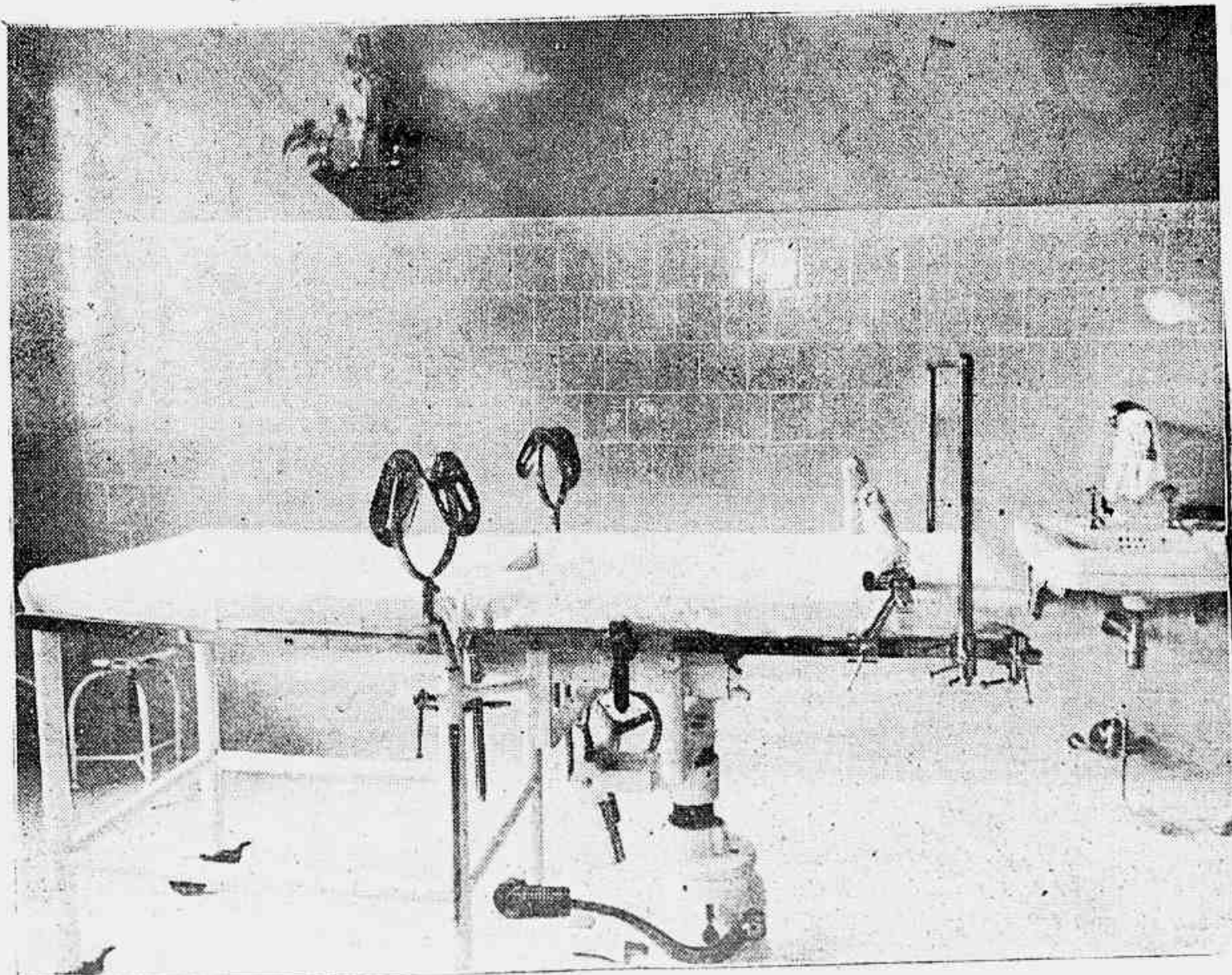
A Casa de Saúde e Maternidade Grajaú dispõe de completos recursos técnicos modernos e está capacitada para tratamento dos doentes de suas especialidades: — CIRURGIA, OBSTETRÍCIA e CLÍNICA MÉDICA (CARDIOLOGIA).

Atende mediante tabela fixa de preços para todas as intervenções cirúrgicas e partos. Possui serviço de PRÉ-NATAL.

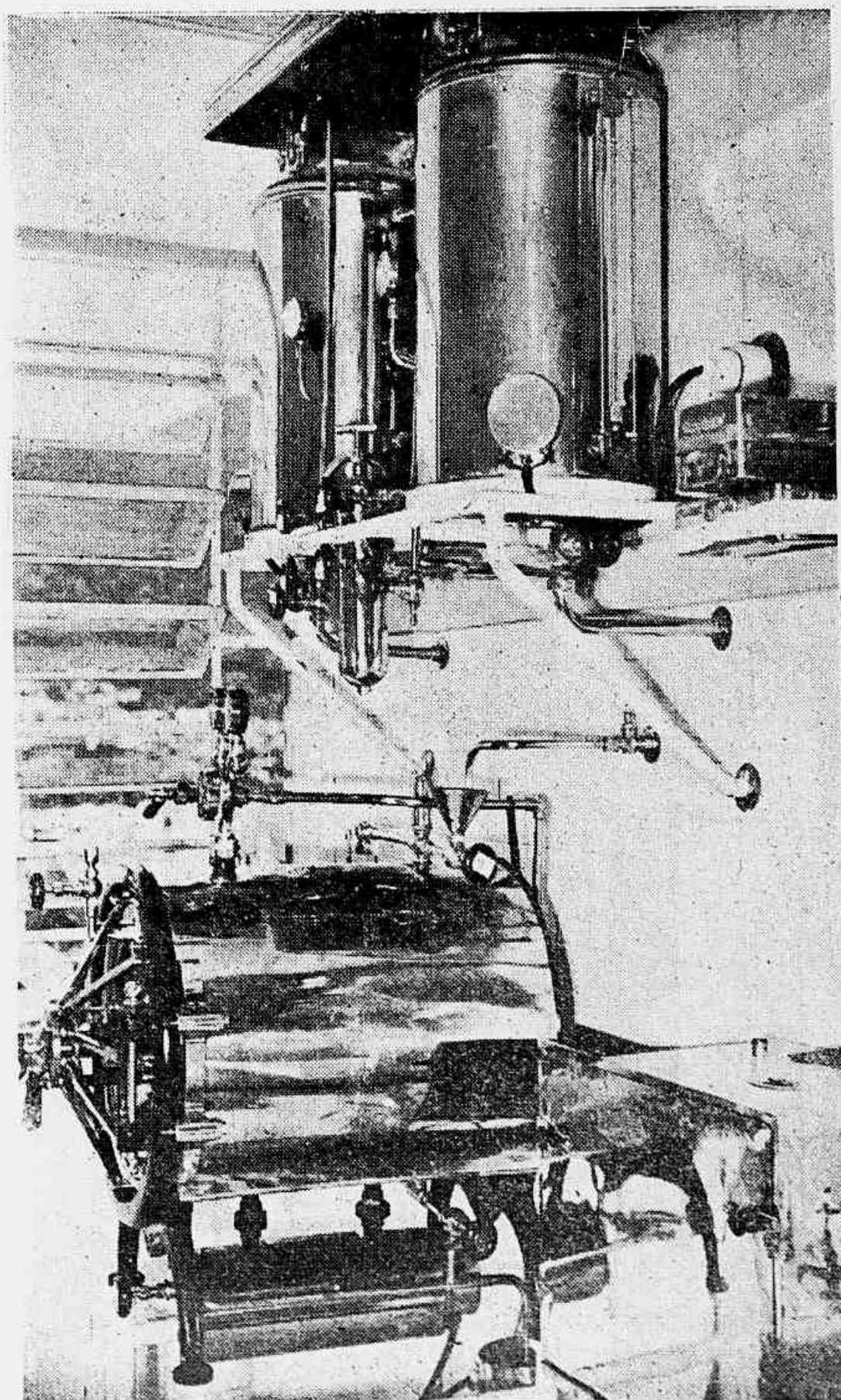
A disposição dos senhores médicos.



Sala de cirurgia



Sala de parto



Sala de esterilização

PÁGINAS SÔLTAS

"BIRDS OF AMERICA"

Foi vendido em leilão, no Sothedy, em Londres, um exemplar da obra de Audubon "Birds of America" (Pássaros da América), em sete volumes e que foi presentada à grande cantora sueca Jenny Lini, em 1850, pelo Corpo de Bombeiros de Nova York. No leilão alcançou a soma de 320 libras esterlinas. O livro foi publicado em Nova York entre 1840 e 1844.

O S.A.P.S. E A LITERATURA INFANTIL

O SAPS instituiu, faz pouco tempo, o "Prêmio de Literatura Infantil" no valor de Cr\$ 10.000,00, como estímulo às atividades literárias e artísticas dedicadas à vulgarização entre as crianças dos preceitos da boa alimentação. Concorreram 33 candidatos cujos trabalhos foram entregues à comissão julgadora, composta dos escritores Marques Rabelo, Dinah Silveira de Queiroz e do pintor Santa Rosa, tendo sido classificado em primeiro lugar o trabalho "Nanucha e a Floresta Encantada", assinado com o pseudônimo de Trancoso, pertencente aos autores Ruth Barbosa Monteiro de Carvalho e José V. Barbosa Monteiro de Carvalho. O "Prêmio SAPS de Literatura Infantil" será entregue com solenidade, dentro em breve, pelo major Umberto Peregrino, diretor daquela autarquia.

TRES BELOS LIVROS

"Epitalamio do Preto Trinidad", de Ramon Sender, considerado a maior expressão da literatura espanhola da atualidade, acaba de ser lançado no Brasil em edição nacional. Sender nasceu em 1902. Foi soldado na campanha de Marrocos aos 21 anos de idade. Era jornalista nas

OBRAS COMPLETAS DO BARÃO DO RIO BRANCO

Passou a 10 de fevereiro o 37º aniversário da morte do maior vulto da diplomacia brasileira de todos os tempos, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco. Esse gigante do Itamarati deixou imensa bagagem de produção na seara de sua especialidade, a diplomacia, o que somente agora o Ministério das Relações Exteriores vem trazendo a público através da coleção de suas "Obras Completas". Na data de 10 de fevereiro devia ter saído o nono volume com os "Discursos", o que não foi possível por motivos vários independentes da vontade e esforços do Itamarati. Logo que sair esse volume, outros se lhe seguirão, de forma que a população brasileira e, especialmente, os moços possam travar conhecimentos mais profundos e completos a respeito daquele que foi a maior glória de nossa pátria nos negócios exteriores, e que sempre colocou o Brasil como potência de respeitabilidade no conceito internacional.



O Barão do Rio Branco, num dos seus últimos retratos tirados no Rio de Janeiro



EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DE ALBERT CAMUS

FOI através de um anúncio publicado no "New York Times" que o nome desse escritor da Resistência Francesa, Albert Camus, atraiu as atenções do povo americano e, consequentemente, de toda a América.

Que se continha de tão curioso ou extraordinário nessa publicidade? Apenas estas frases: A peste vem! Chega a peste! Você estará com a peste dentro em breve!

Num país de milhões de leitores de jornais, revistas e livros, e com um povo profundamente impressionável como é o da grande nação da América do Norte, esse aviso assumiu caráter de calamidade. Uma senhora de avançada idade escreveu ao jornal uma carta em que dizia, a certa altura: "Os senhores não me amedrontam, absolutamente. Eu já vi isso no meu horóscopo. E ouçam! Será o fim do mundo, mui brevemente!"

Mas, felizmente, não se tratava de peste epidêmica que mata às centenas. Nada de "morbus", nem de "virus". A "Peste" anunciada era um dos mais interessantes livros do hoje famoso Albert Camus! Na França essa obra, grande romance, foi distinguida com o Prêmio dos Críticos, e nos Estados Unidos foi classificada como a melhor vinda à estampa depois da guerra. Um crítico



Albert Camus nasceu na Argélia em 1913; é hoje autor dramático, jornalista e romancista. Aqui o vemos, de cigarro à boca, conversando com os atores Jean-Louis Barrault e Maria Casarès, intérpretes de seus dramas

norte-americano chegou a declarar que o romance de Camus botava num chinelo a maior parte dos romances norte-americanos com motivos de guerra. Outros comentaristas literários encontraram na arte de escrever de Camus "um novo classicismo francês", asseverando que a França, depois de André Gide, não havia conhecido maior astro das letras, como o autor de "Peste".

Com efeito, Camus, depois das lutas subterrâneas contra o invasor alemão, além de seus artigos na imprensa e de livros, dá a público suas "Lettres à un ami allemand", através das quais já se manifestava em seu espírito uma profunda modificação no conceito humano de um literato e intelectual acerca do homem, da humanidade e de suas tragédias.

Sua concepção do mundo no pós-guerra é filosófica e doutrinária. Ele defende o sentimento de justiça, de verdade, sem que a inteligência tenha vergonha da inteligência. Admira o indivíduo de grandes ações e de grandes sentimentos, sem o que não lhe interessa a existência humana.

Camus com seu sensacional "Peste" está conseguindo libertar muita gente de preconceitos que torturam o nosso espírito, esses, sim, verdadeira "peste" a infeccionar a inteligência humana.

colunas de "El Sol", de Madrid, quando estreou com seu romance "Imân", em 1930, traduzido hoje para todas as línguas européias. Entrou na Revolução Espanhola ao lado dos republicanos, vendo fuzilados pelos inimigos a esposa e o irmão. Emigrou para o México e depois para os Estados Unidos, onde é hoje professor de Literatura na cidade de Novo México.

"Pávaro ferido", de Genolino Amado, repositório de crônicas, sequência de "Crônicas do Rio", gênero literário de leveza e encanto para todo aquele que deseja gozar de um oásis nas horas de lazer.

"Tabaré", de Juan Zorrilla de San Martín, poeta romântico do Uruguai, cuja inspiração lembra o indianismo de nosso imortal José de Alencar. A primeira edição de "Tabaré" data de 1885, sendo admirado por vultos da literatura mundial do porte de Renan, que o julgou o "Long-fellow" da América do Sul.

"MORRO DOS VENTOS UIVANTES"

Quem não conhece, no Brasil, o nome desse romance tão divulgado pelo filme do mesmo título? Pois saibam todos que sua autora, a genial Emily Bronte, recebeu em dezembro último as maiores homenagens de sua pátria, a Inglaterra, pela passagem do primeiro centenário de sua morte. "Wuthering Heights", que tomou em nossa língua o nome "Morro dos ventos uivantes", apareceu em 1874, mas somente recebeu as glórias da crítica e do público muitos anos depois.

"OS NUS E OS MORTOS"

Lembram-se do furor literário que alcançou "Nada de novo na frente ocidental", de Remarque, logo depois de terminada a primeira grande guerra? Pois agora temos uma réplica àquele êxito, com a obra de Norman Mailer, dos Estados Unidos, intitulada "The Naked and the Dead", ou seja, ao pé da letra, "Os nus e os mortos", comparada também ao famoso e imortal "Guerra e Paz", de Leon Tolstói.

O QUE MAIS SE LÊ NO BRASIL

Provocados por indagações jornalísticas, alguns representantes de editoras no Rio Grande do Sul informaram que no sul do País o gênero de livro que mais se lê é o de divulgação cultural, científica e político-social, vindo a ficção em segundo plano. Isso no sul. Que sucederá no centro, no nordeste e no norte? Ai está um fato que deve ser apurado, e que é fácil de verificar.

O FILÓSOFO ARTHUR KOESTLER

Muita gente leu e está lendo "O Zero e o Infinito", tradução portuguesa de "Darkness at Noon", de Arthur

Koestler; mas o seu livro de ansiosa expectativa é "Insight and Outlook", em cujas páginas o escritor pretende fazer amplo diagnóstico sobre a crise de nossa civilização.

Esse beletrista norte-americano já, de certo tempo a esta parte, vinha pendendo em suas batalhas intelectuais para a seara da filosofia, como se viu em "The Yogi and the Commissar". Agora ele se lança de corpo e alma nas regiões da filosofia. Brevemente nossas livrarias exibirão em suas vitrinas o último livro de Koestler sobre a situação humana da atualidade.

PRÊMIOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Em 1949 haverá maior número de prêmios literários instituídos pela nossa Academia de Letras. Além dos dez maiores encabeçados pelo "Machado de Assis", este no valor de dez mil cruzeiros, haverá mais três, de iniciativa do acadêmico Hélio Lobo. São de cinco mil cruzeiros cada um, e deverão constar de ensaios ou biografias sobre Lauro Muller, Martins Junior e Souza Bandeira. As inscrições estarão abertas até 31 de março próximo, sendo os prêmios entregues, possivelmente, a 29 de junho do próximo ano.

AS LETRAS SE ENLUTARAM

Trouxe-nos uma notícia triste o serviço telegráfico de Buenos Aires, há poucos dias. Morreu Carlos Obligado, escritor e poeta, presidente do Círculo de Escritores Argentinos. Carlos Obligado era de grande e poderosa força mental, e seu nome, desde muito, se tornou vastamente conhecido e admirado em toda a América do Sul. As letras americanas estão de crepe.

ARTUR RAMOS EM ALEMÃO

Médico e psicanalista, esse cientista brasileiro, apesar de moço, é hoje considerado um dos mestres de nossa antropologia, continuador das pesquisas e estudos afro-brasileiros de que foi pontifex o imortal Nina Rodrigues.

Artur Ramos já deu à estampa vultosa bibliografia sobre o negro brasileiro, aprofundando suas buscas até às origens da raça, ilustrando suas obras com documentário obtido no maior dos "habitats" do afro-brasileirismo — a Bahia.

Agora esse cientista patricio, filho de modesta cidade alagoana, Pilar, à margem da lagoa Manguaba, vê uma de suas obras, "As culturas negras no Novo Mundo", vertida para o alemão, através de uma editora de Zurich. A edição em alemão está otimamente apresentada e contém muitas ilustrações.

BROADCAST



OLÍVIA DE CARVALHO

RÁDIO-FLASHES

★ Horacina Corrêa, cuja atuação no cinema, teatro e rádio nacional, se tem feito sentir de modo eficiente, alivela as malas para uma viagem à França, contratada que foi por um empresário parisiense. ★ Pedro Veiga, conhecido produtor de novelas e rádio-ator da PRE-3, sofreu grave acidente automobilístico que, felizmente, não o privou de suas atividades artísticas. ★ O conjunto "Quitandinha Serenaders", de quem os rádio-ouvintes estão saudosos, firmou contrato com a Rádio Record, após uma ligeira excursão pelos Estados sulinos. ★ Oduvaldo Cozzi permanecerá à frente da equipe desportiva da Mayrink Veiga, desfazendo-se assim os boatos em torno de seu ingresso na Tupi. ★ A dupla Barreto e Barroso assinou contrato com a Rádio Tamoio, não mais retornando ao microfone mayrinkiano. Esses dois artistas vêm de empreender uma excursão ao interior do país. ★ Em prosseguimento às apresentações de histórias em capítulos, a Tupi acaba de lançar "Clúme". Também a Globo tem programada uma nova produção de Amaral Gurgel. ★ Mário Lago parece desgostoso com a PRA-9. O produtor de "Cavalcada de Estrelas", presentemente interessa-se pelo lançamento de um jornal. ★ Sílvia Caldas, dando mostras de sua presença, está participando dos "shows" da "boite" Casa-

blanca. Também Merlene candidata a "Rainha do Rádio", toma parte nesses espetáculos. ★ Genolino Amado lançará ao microfone PRD-5, nos primeiros dias de março, dois interessantes programas de finalidade educativo-cultural.

★ "Mensagem Musical", eis o título do programa que Luís Cosme dirige para a PRA-2. Trata-se de um cartaz dedicado aos assuntos ligados à música. ★ Regressou dos Estados Unidos, aonde fôra em viagem de recreio, a professora Ivone Garnier, responsável pelas aulas de francês irradiadas pela PRD-5 e PRA-2.

★ Anuncia-se a disposição de Lúcio Alves em não mais retornar aos Estados Unidos, a fim de assumir seu posto no conjunto "Namorados da Lua", do qual se desligara no ano próximo passado. ★ Amélia Ferreira parece disposta a trocar de prefixo, em virtude de se considerar preju-

dicada em sua carreira artística. E' que a conhecida rádio-atriz, segundo afirma, está fazendo papéis secundários. ★ Com a dissolução do elenco de Chianca de Garcia, Carlos Navarro voltou a participar do espetáculo rádio-teatral da PRE-3.

Votos por um beijo

Este ano, o concurso para a escolha da "Rainha do Rádio", desenvolve-se de um modo pitoresco, tamanha a atividade das candidatas ao almejado título. Lançando mão dos mais variados recursos, elas procuram cativar a simpatia do público-ouvinte, a fim de captar-lhes os votos que representam uma ajuda à construção da "casa do radialista". Dentre as candidatas, temos a destacar Emília Borba, criadora de "Chiquita Bacana", pelo estratagemma usado para aumentar sua votação, nesse renhido pleito. A exclusividade da nacional, valendo-se do prestígio que desfruta entre a marujada e vendo o auditório repleto de marinheiros, durante a apresentação do "Programa Cesar de Alencar", fez leilão de um beijo. Aquê que desse maior importância, teria, como teve, o direito de beijar a graciosa "estrelinha" da PRE-8. E no fim do "quem dá mais", a intérprete de "Escandalosa" viu valorizado em novecentos cruzeiros o seu beijo que, aliás, foi arrematado por um marujo. Se a moda pega...

Opinião

Verdade se diga, é qualquer coisa de notável a obra de Osvaldo Diniz Magalhães pelo rádio, semeando e difundindo entre as legiões de ouvintes, as suas aulas de ginásticas, ditadas ao microfone, o dinâmico professor é hoje um nome do qual se orgulha o "broadcasting" brasileiro, já por si tão raro de valores realmente positivos. O maior mérito de Osvaldo Diniz Magalhães está na constância de seus propósitos, na sabedoria de seus conselhos, na simpática maneira de ensinar a fazer ginástica. Consegue ser professor de física e moral ao mesmo tempo. — Anselmo Domingos.



BADU

Eles, fora do rádio

Aqueles que se interessam pela atividade artística de Badu, por certo desconhecem que o animador de "Chez Badoux", programa escrito por Antônio Maria, é um estudioso da fisiologia, exercendo sua meritória profissão num dos nosocômios do Distrito Federal. Aliás, com sua excelente veia humorística, êle consegue fazer do médico, uma criatura a quem os enfermos procuram confiantemente. E nesse particular, reside o sucesso da carreira médica daquele que ao microfone da Tupi consegue prender a atenção de milhares de ouvintes. Esculápio e humorista, Badu reúne o útil ao agradável.

OS "DONOS" DO RÁDIO

HÁ no **broadcasting** carioca uma classe a que se pode chamar "donos" do rádio. Sua predominância, conquanto limitada às pequenas emissoras, não deixa de causar atrasos à radiofonia. E' a erva daninha que viceja desafiadoramente, em prejuízo de todas as boas iniciativas. Os "donos" do rádio mandam e desmandam. Se alguém lhes cai no desagrado, valem-se do microfone para ataques pessoais, assacando toda sorte de verrinas, tal como se estivessem numa casa de cômodos. Caso contrário, não se fartam de tecer elogios às pessoas amigas, chegando ao cúmulo de descrever-lhes casos íntimos, como preâmbulo aos rapapés.

Mas não é só nesse plano que eles prejudicam a ação da radiofonia. Eles abrangem o setor comercial, escada de acesso em determinadas estações. A custa de ínfima publicidade,

em que proliferam os textos sobre "cachaça" e drogas para certas doenças, eles se vêem transformados, de um momento para outro, em locutores, cometendo verdadeira barbárie contra o idioma nacional. E não lhes digam nada, porque, do alto de suas tamancas, são capazes de atingir a honra pessoal de quem os combate, tamanho o grau de imbecilidade de que são dotados.

Sabemos de um rapaz que, ferido em sua vaidade pelas palavras de um cronista, não hesitou em transformar o programinha que "dirige" em campo de luta, iniciando absurda e injustificável campanha contra aquê. Tudo isso, unicamente, porque o cronista falou de uma entidade que fundou e presidiu. Daí o futuroso radialista, encarnando a entidade, no entremeio de uns textos sobre a excelência de uma cachaça, defendê-la com unhas e dentes.

Enfim, são os "donos" do rádio! — A. Migueis.

MÚSICAS PARA O CARNAVAL

"O PASSO DA GIRafa"

Marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira — Gravação de Aracy de Almeida (Odeon)

Todo o bicho tem seu passo
E' gato, é rato, é urubu,
Mas o passo da girafa
Abafa até o velho kanguru
Com dois metros de pescoço
Desengonçado, anda prá xuxu.

Devagar e sempre
Devagar e sempre
Devagar e sempre
Devagar, sempre é melhor
Devagar e sempre
Devagar e sempre
E é só por isso.
Que a girafa é a maior.

"CABROCHINHA"

Samba de Pedro Caetano — Gravação de 4 Ases e 1 Coringa (Odeon)

Você comprou seu pandeiro
E quer fazer confusão
Você gastou seu dinheiro
Está com toda razão
Mas deixa passar a cabrochinha
Não é sua, não é minha
Mas merece atenção especial
Porque ela é a vida do nosso Car-
[naval.

Deixa o cordão esticar — deixa
Deixa a cabrocha girar — deixa
Ela parece dizer fazendo letras no
[chão
Nós que sambamos na rua
E' que estamos com a razão

"FALAM DE MIM"

Samba de E. Silva, A. Silva e N. Rosa — Gravação de Zé e Zilda (Continental)

Falam de mim
Mas eu não ligo
Todo o mundo sabe
Que eu sempre fui amigo
Um rapaz como eu
Não merece esta ingratidão
Falam de mim, falam de mim
Mas quem fala não tem razão

Por ciúmes ou por despeito
Falam de mim
Não está direito
Procederem assim
Meu coração
Não merece esta ingratidão
Falam de mim, falam de mim
Mas quem fala não tem razão

"A CABROCHA RASGOU MINHA ROUPA"

Marcha de José Gonçalves e Oldemar Magalhães — Gravação de Zé e Zilda (Star)

Vem, vem depressa amor,
E' grande a minha dor
Eu vou morrer;
A cabrocha rasgou minha roupa,
Botou fogo no meu barracão,
Me deixou no meio da rua sem pão!
Ai! Eu estava tão ruim,
Ela não teve pena de mim!
A cabrocha rasgou minha roupa,
Botou fogo no meu barracão,
Me deixou no meio da rua sem pão!
Ai! Pobre de mim!
Fui dormir na porta de um bote-
[quim...

Artes PLÁSTICAS

Por ANGELUS RAVEL



NUPCIAS Senhorita Dalva Stela Santos cujo enlace matrimonial com o Sr. Ruy de Alencar, se realizou nesta capital no dia 22 de janeiro próximo passado sob os melhores auspícios.



COMUNHÃO Maria Alice, filha do sr. Ernesto Barbosa e sua esposa Sra. Paulina Barbosa, residente nesta Capital, no dia em que fez a 1.ª Comunhão.

Opiniões controversas têm suscitado nos círculos católicos dos Estados Unidos, a nova orientação dada pela Sociedade de Artes Litúrgicas, de Nova York, a seus componentes com o objetivo de modernizar a escultura eclesiástica.

Partindo de um grupo de artistas que, em Manhattan, se dedicam à escultura de imagens de santos, de onde têm saído, talvez, a maioria de imagens que ornamentam as principais Igrejas Católicas de toda América, esse grito do modernismo veio encontrar eco no apoio que lhe deu a referida Sociedade de Artes.

Uma comissão de técnicos e artistas plásticos foi selecionada para orientar os escultores nesse sentido, da qual fazem parte, além do Reverendo John La Farge, atual diretor do "Whitney Museum", Mr. Philip C. Adams, diretor do Museu de Cincinnati e Daniel Rich, diretor do Instituto de Artes de Chicago.

Essa comissão escolheu um grupo de quinze artistas, determinando a confecção de miniaturas de imagens com especificações que obedecem aos ditames da chamada arte plástica moderna. Entre esses artistas figuram nomes de acentuado relevo na arte, tais como: Ivan Mestrovic, Janet de Coud, Henry Rox, Helene Sardeau e Orazio Maldarelli. Quase nenhuma restrição foi imposta aos modernistas, apenas tendo sido advertidos de que o trabalho que iriam executar obedeceria a uma característica "essencialmente litúrgica, no sentido de libertar o trabalho de escultura de imagens do formalismo do passado".

A significação desse gesto, que mereceu o apoio da Sociedade de Artes Litúrgicas, implica no reconhecimento feito pela própria sociedade da existência de numerosos artistas que se dedicam à arte moderna, atualmente divorciados dos princípios que sempre têm norteado a escultura eclesiástica, e que no entanto "estão ansiosos por começar a trabalhar para a Igreja".

Efetivamente, muitos artistas se rebelaram contra o formalismo que se observava na escultura de imagens para os templos, criando eles próprios composições originais no gênero, e que vinham deixando de ser convenientemente aproveitadas — fato que sucedeu com alguns dos mais famosos artistas contemporâneos, tais como: Ronault, Picasso, Berkmann, Le Brun, Girard, Bonnard e muitos outros ainda.

Uma das razões talvez porque esses artistas tiveram sempre segregadas suas produções era de que a maioria deles observava o impulso que lhes determinava o seu senso artístico e nunca o convencionalismo religioso. Isso sempre favoreceu os artistas da arte chamada antiga, os quais mantinham aquele padrão de linhas, que estamos acostumados a ver em todas as imagens de santos que ornamentam as igrejas em geral, ao transmitir as suas obras as mais variadas expressões de suavidade, docura e o tom angelical tão difícil de se conceber possível entre os modernistas.

A singeleza dos traços e contornos da arte do passado, sempre constituiu o principal obstáculo, na escultura eclesiástica, à invasão do modernismo, cuja primordial característica parece consistir na rudeza e talvez mesmo quase brutalidade de expressões, com a acentuada angulação de seus contornos.

Muitos dos artistas modernos reconhecem nas principais características de sua arte, os inconvenientes acima apontados, alegando, não obstante, que a rigorosa disciplina imposta na confecção de imagens religiosas, pode ser considerada como de um ritualismo fora de propósito nos tempos atuais; ao mesmo tempo que lastima não tenha a Igreja até hoje manifestado desejos de aceitar as transformações pelas quais passou a arte plástica desde o início desse século.

Apenas esporadicamente — dizem — tem a Igreja admitido, o trabalho dos modernistas, como aconteceu com Ronault, incumbido da pintura de alguns "vitreaux" de uma Igreja no sul da França, a qual também consentiu na pintura de um mural de Bonnard, de uma maravilha de expressão verdadeiramente consagrada do grande artista que ele é. Henry Matisse também é um outro modernista que vem executando atualmente trabalhos de sua lavra na ornamentação de uma capela, não obstante a sua arte deixar de obedecer aos princípios das leis canônicas para aquela espécie de trabalho. Para uma Igreja da Inglaterra, Henry Moore criou uma composição sua — Nossa Senhora e o Menino-Deus, figurando também ali naquele templo um outro trabalho do modernista Graham Sutherland que, na sua obra "Crucifixion", embora expressando a aparente rudeza de sua arte, teve grande aceitação por parte do próprio clero católico.

De todas as composições apresentadas pelos quinze artistas escolhidos pela comissão da Sociedade de Artes Litúrgicas, as que mais se destacaram foram — "Nossa Senhora e o Menino-Deus", do renomado artista Ivan Mestrovic, e inúmeras outras imagens de santos, incluindo "Joanna D'Arc", da artista Helene Sardeau; "São Francisco de Assis", de Charles Umlauf; "Jesus", "São Antônio de Pádua", "São José", "São João Batista", "São Paulo" e "São Benedito".

Todas essas obras estão sendo exibidas atualmente na "Galeria Demotte", em Nova York, numa exposição organizada pela Sociedade de Artes Litúrgicas e dirigida por um de seus membros mais proeminentes — engenheiro arquiteto em Chicago — Barry Byrne.



Dois aspectos de "Nossa Senhora e o Menino-Deus", um estudo executado pelo modernista Ivan Mestrovic.

A VIDA DE EINSTEIN

(Continuação do número anterior)

Na verdade, ninguém desejava entender esse assombroso malabarista de idéias matemáticas. Certa noite, uma jovem apresentou seu noivo ao pastor da igreja local. No dia seguinte o pastor, ao encontrar-se com a futura desposada, chamou-a de parte. "Eu aprovo o seu pretendente sob todos os aspectos, menos um", disse. "Ele não tem senso humorístico. Eu lhe pedi que me explicasse a teoria da relatividade de Einstein, e o moço tentou realmente explicá-la".

A popularidade de Einstein subira a alturas vertiginosas. O sábio não podia fazer o seu passeio diário pelas ruas sem ser cercado de fotógrafos, repórteres e caçadores de autógrafos. Todos os dias chegavam céstos de correspondência ao pequeno apartamento em Berlim. Estadistas famosos, pacifistas obscuros, trabalhadores desempregados, senhoras incompreendidas — todos lhe escreviam. Einstein era vítima da suprema ironia. "Tornei-me um semi-deus apesar de mim mesmo". Um jovem adepto ofereceu-se para ser seu discípulo na "meditação cósmica". Um inventor confiou-lhe os planos de uma nova máquina voadora. Um explorador em perspectiva lhe pediu conselhos sobre uma viagem às florestas asiáticas. Um ator lhe propôs que se tornasse seu empresário. Um manufator de charutos lhe participou que introduzira uma nova marca de charutos a que dera o nome de *Relatividade*.

"O público me trata como se eu fosse um animal novo e estranho no circo do mundo". Sorriu. Procurou continuar a trabalhar tranquila e modestamente como de costume. Quando o convidaram a falar a um grupo de eminentes cientistas em Oslo, tirou do guarda-roupa um enxovalhade dinner-jacket e escovou-o cuidadosamente. "Se alguém achar que eu não estou vestido com bastante elegância", disse à mulher, "vou pregar neste casaco um aviso de que ele acaba de ser escovado". Comparou-se a outra das suas conferências — na Universidade de Berlim — com um singelo par de culotes e sandálias. Caminhava pelas ruas de Berlim envolto num velho suéter e em novos sonhos. Que as pessoas com mentalidade de frequentadores de circo murmurassem e arregalassem os olhos, Einstein continuaria a ser simplesmente ele mesmo.

A sua simplicidade não era uma atitude teatral. Certa vez a rainha da Bélgica o convidou a visitá-la. Sem imaginar que um comitê de recepção constituído por dignitários da corte iria esperá-lo à estação em uma limusine, Einstein desceu do trem com a mala numa das mãos e o violino na outra, e dirigiu-se para o palácio a pé.

Embalde os dignitários o procuraram na estação. Finalmente voltaram à presença da rainha com a notícia de que Einstein, ao parecer, mudara de idéia. Então avistaram o vulto empoirado de um homenzinho grisalho que vinha pela estrada.

— Por que não se serviu do carro que eu lhe mandei, Herr Doktor? — perguntou a rainha.

O hóspede olhou-a com um sorriso de candura.

— Foi uma caminhada muito agradável, Majestade.

Não pedia limusines na sua viagem pela vida. Tudo o que desejava era isso: "uma caminhada agradável". Perturbava-se ao ver as multidões ladear o caminho e obstruírem a paisagem dos seus pensamentos. Faziam-lhe solicitações tão descabidas. Quando o diretor de uma grande revista americana lhe ofereceu uma quantia enorme por um artigo sobre qualquer assunto que desejasse tratar, subiram-lhe aos olhos lágrimas de raiva. "O insolente pensará que eu sou um artista de cinema?", exclamou para a esposa.

Odiava a riqueza. Não queria saber de dinheiro. "Estou absolutamente convencido de que nenhum dinheiro pode ajudar a humanidade a progredir". O que o mundo mais necessitava — dizia — nunca se poderia comprar com dinheiro. "O mundo foi assolado pela guerra. Os antigos ódios continuavam a fermentar. O que o mundo precisa é de paz permanente e boa vontade constante".

Terminada a guerra, procurou assentar o seu sonho de paz mundial numa base de realidade. Empreendeu uma série de "conferências de reconciliação" nos países

"inimigos". Num tempo em que era perigoso falar alemão nas ruas de Paris, o cientista explicou em voz suave a sua filosofia cósmica e conquistou as simpatias de toda a assistência para os seus compatriotas alemães. Quando falou numa plataforma em Londres, a muda hostilidade, com que o auditório o recebera a princípio, se converteu em tolerância e por fim se desfez em aplausos estrondosos. A universalidade das idéias de Einstein fazia as pessoas envergonharem-se do seu mesquinho provincianismo. Ele apontava-lhes a trama de uma harmonia interestelar. E predizia que ainda havia de estabelecer-se uma harmonia semelhante entre as nações da terra.

Entrevistou-se com Aristide Briand, o primeiro ministro francês, e discutiu com ele a necessidade de um pacto franco-alemão para pôr fim ao ódio. Aceitou o posto de representante da Alemanha no comitê de cooperação intelectual da Liga das Nações, e discutiu com Henri Bergson a estrutura da "Nova República da Decência" que os homens de boa vontade desejavam estabelecer em todo o mundo. "É óbvio que nós existimos para os nossos semelhantes — em primeiro lugar, para aqueles de cujos sorrisos e bem-estar depende a nossa felicidade, e depois para todos os que nos são desconhecidos, mas a cujo destino estamos ligados pelos laços da simpatia".

Não faltavam adversários do seu credo. O sábio escapou por um triz de ser assassinado por um nobre russo que abrigava ambições imperialistas. Em todo o mundo, o meigo cientista que não desejava senão a oportunidade de prosseguir os seus silenciosos estudos — a menos que se tratasse de estabelecer uma justiça equitativa para os seus semelhantes — se transformou em alvo de ataques políticos. Levantavam-se críticas à sua origem racial. O anti-semitismo se alastrava pela Alemanha do pós-guerra. Einstein ficou horrorizado com a feroz intolerância dos seus compatriotas, mas estava convencido de que, sob uma chéfia mais esclarecida, eles poderiam ainda recuperar a cordura dos velhos padrões culturais e morais. Quando viu o seu nome na lista negra dos assassinos da ala direita alemã, cruzou a fronteira e foi refugiar-se na Holanda.

Mas até nesse país tolerante ele encontrou o fermento da inquietação. Com efeito, em todo o mundo a humanidade parecia estar batendo em retirada para a barbárie. As pessoas haviam perdido o senso da proporção. A Sociedade Mark Twain ofereceu-lhe o posto de vice-presidente honorário. Mas quando soube que a agremiação oferecera igual posto a Benito Mussolini, Einstein rejeitou redondamente essa honra duvidosa.

Fez uma viagem ao Oriente. Na Índia teve o desgosto de ver milhões de homens vivendo do trabalho escravo e carregando outros homens literalmente nas costas. Recusou tomar parte nessa degradação humana. Em toda a sua viagem, nunca andou num rickshaw. Foi à China e viu homens, mulheres e crianças gemerem em voz alta enquanto mourejavam nas fábricas de algodão. Visitou as Ilhas Nipônicas, onde recebeu com desdém as homenagens prestadas pelos adultos. Voltou-se para os meninos japoneses, de quem aceitava albuns de desenhos. Escutou-lhes a tagarelice com alegria. "Nas crianças reside a esperança do mundo". Nunca deveriam ser educados no ódio. Nunca deveriam desprezar as árduas realizações da raça humana. "Esperemos", disse aos seus amiguinhos, "que a vossa geração dê o exemplo à minha".

VI

O filósofo-menestrel errante, com as suas fórmulas matemáticas e o seu violino, percorreu a Palestina, a Espanha e a América Latina. Por fim chegou aos Estados Unidos. E aqui encontrou finalmente um país onde os seres humanos de todas as classes viviam em tolerável camaradagem.

Um dia de novembro de 1932, enquanto Einstein falava a um grupo de cientistas na costa do Pacífico, estalou uma furiosa tempestade de inverno em Berlim. Adolf Hitler assumiu a direção dos negócios do povo alemão.

O governo da Alemanha, esperando alcançar o apoio do "construtor de mundos" para o regime nazista, pediu a Einstein que regressasse. Hitler "fecharia os olhos ao fato de ser ele judeu". Mas Einstein recusou. De modo que Hitler ofereceu um prêmio de vinte mil marcos pela sua cabeça. Um bando de tropas de assalto invadiu-lhe a casa de verão em Caputh, sob a acusação de que Einstein havia reunido grande quantidade de armas e munições para derrubar o governo. Não encontraram nada que se parecesse a uma "arma" no "arsenal", exceto uma velha faca de pão enferrujada pelo desuso.

Escurado de sua terra natal — os nazistas receberam "sem pesar" a sua demissão da Universidade de Berlim — Einstein aceitou uma cadeira de professor em Princetown. Ali esperava continuar, pacífica e silenciosamente, o seu velho curso acadêmico de fraternidade humana e sonhos cósmicos.

Atualmente o sábio desfruta a sociedade dos professores, dos alunos, dos habitantes da cidade, do proprietário grego do restaurante, e do italiano que dirige a barbearia de Nassau Street. Recebeu os seus documentos de cidadania. "Sou um americano agora!", observou orgulhoso no dia da sua naturalização. Mostra-se tranquilo e até otimista, sob a cabeleira revolta que embranqueceu há muito tempo, os olhos sofredores e a testa cujas rugas profundas o fazem parecer muito mais velho do que é.

Frequentemente fica sentado na obscuridade do seu gabinete e fuma o seu cachimbo — em excesso, como lhe adverte o médico, pois ele tem o coração fraco e o fumo não lhe faz bem. E Elsa, sua (segunda) mulher, que sempre tomou tanto cuidado em fazê-lo observar os limites prescritos pelo médico, já não existe. A fumaça do cachimbo evolui-se em espirais complicadas que desafiam até a argúcia de um matemático. Estranho, inexplicável mistério, este universo com as suas espirais de fumaça, os seus turbilhões de nebulosas e as suas gerações de homens odientos e belicosos. Poderá algum cientista chegar, um dia, à solução definitiva? E, sempre que faz a si mesmo esta pergunta, Einstein encontra consólio numa palavra: Coragem!

(Do livro "Vidas de grandes cientistas".)

INDECISÃO

(Continuação da pág. 42)

as montanhas cobertas de neve, as areias escaldantes, todas as maravilhas com que a natureza dotou a terra ou que o homem criou em sua marcha milenar através da civilização.

No dia seguinte, Fernando confirmou tudo quanto dissera na véspera. Pediu-me para refletir, consultar detidamente o coração. Eliana, que estava ao par, observou, abraçando-me: "Quando se pratica um erro que compromete a própria felicidade, Lucinha, tem-se o direito de corrigi-lo".

Já vivi 48 horas de dúvidas e de incerteza. Passei toda esta noite em claro. Às 9 horas a velha Domingas se aproximou da minha cama, entregando-me um telegrama e uma caixinha, cuidadosamente embrulhada. Abri primeiro o telegrama e li: "Realizando negócios magníficos mas desolado não poder abraçá-la hoje (assinado) Olavo".

Só então me lembrei do meu aniversário — completo 23 anos. Abri a caixa e deparei com um estójo de veludo azul contendo um colar de pérolas pequeninas, mas perfeitas. Havia também um cartão, onde imediatamente reconhecia a letra de meu marido, nestas palavras: "Para você, Lucinha, só pérolas verdadeiras".

Que devo fazer, Alice? Si responder afirmativamente a Fernando, tenho certeza de que me arrependerei. Mas, si lhe disser que prefiro a minha rotina, — os móveis simples, os vestidos modestos, a arrumação dos armários, a educação de Paulinho — terei de contar tudo a Olavo. E Olavo poderá acreditar-me? Não julgará que fico por causa do colar?

Oh, Alice será verdade que os atalhos sombrios podem ficar, de repente, inundados de luz?

ELEITO VICE-PRESIDENTE DO CENTRO MINEIRO O DR. CAMPOS DE REZENDE

O Centro Mineiro, que reúne, no filo, o que há de mais seletivo das Alterosas, possui em seus quadros sociais os nomes mais expressivos, quer na política, quer nas letras brasileiras. Ao centro mineiro convergem as atenções de todos os mineiros de influência ou de coraço que, longe da terra, criaram uma entidade que representa, da maneira mais real possível, Minas Gerais, em pleno Distrito Federal.



Vem agora o Conselho Deliberativo do Centro Mineiro, de sufragar o nome do dr. Campos de Rezende para o honroso cargo de vice-presidente do referido Centro. Foi feliz e acertada escolha, pois o ilustre médico brasileiro, que, a par dos reconhecidos méritos, como profissional, é um espírito sempre voltado para as coisas da inteligência e do coraço.

Está, pois a prestigiosa colônia mineira desta capital de parabéns. A posse da nova diretoria, agora eleita que se revestirá de grande solenidade, se dará em futuro próximo.

Foi reconduzido à presidência do Centro, dr. Luiz Gonzaga Machado Sobrinho, que vem prestando inestimáveis serviços à entidade.

ANEMIA
DEBILIDADE
CLOROSE

O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA
GRANADO

Preparado com
hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.

DA MOCIDADE AS PORTAS DA VELHICE...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que, se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornam-se crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos, comprovaram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar.

Publicidade para A CENA
MUDA em São Paulo: —
Rua Álvares Penteado, 180,
Sala 502 — Telef.: 3-2649



NUPCIAS Estes flagrantes foram tomados pelo fotógrafo da "Revista" no dia 5 do corrente na Igreja da Candelária, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial da Srta. Regina, filha do Comendador Alfredo Rebelo



Nunes e sua exma. esposa, Sra. Maria Rebelo Nunes, com o Sr. João Braga, filho do Sr. João Pereira Braga e sua exma. senhora D. Lúcia Braga. O templo ficou repleto de pessoas da nossa alta sociedade.

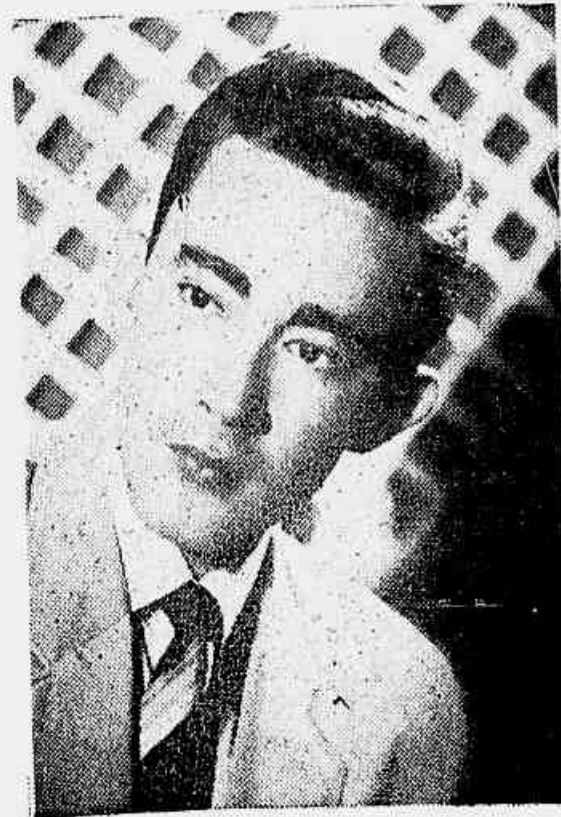


O CLUBE DOS AMIGOS DO TEATRO

Em sessão solene, no dia 1 de fevereiro, realizada no Salão Nobre da Casa do Estudante do Brasil, sob a presidência do sr. Aureo Nonato, foi fundado o "Clube dos Amigos do Teatro", associação que tem a finalidade de congregar todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que se interessam pelo desenvolvimento da arte teatral, como sejam, profissionais, amadores, autores e especialmente o espectador de Teatro, com o fim de discutir as peças vistas, comentar questões de interesse geral, trocar impressões sobre espetáculos, atores, autores, promovendo, assim, o intercâmbio social e de idéias entre os mesmos.

Depois de lidas e expostas, pelo presidente da Mesa, a uma numerosa e seleta assistência, as finalidades do Clube, além de um projeto de seus estatutos, passou-se a discussões dos mesmos. Como resultado, foi aprovada a sugestão de um dos convidados à Mesa, para que fossem escolhidas dez pessoas, entre os presentes, formando uma Comissão de Estudos que, juntamente com os srs. Aureo Nonato, Ruggero Jacobbi e Osiris Carneiro, discutiria e daria redação final aos estatutos do Clube.

Antes de terminar a sessão, usou da palavra o sr. Paschoal Carlos Magno que, em nome da "Casa do Estudante do Brasil", do "Teatro do Estudante" e em seu próprio, saudou, deu o seu apoio à fundação do "Clube dos Amigos do Teatro" e



Aureo Notato

se congratulou particularmente com o sr. Aureo Nonato pela iniciativa em prol do melhor desenvolvimento da nossa vida teatral.

Na segunda sessão, que teve lugar no dia 7 deste mês, foram lidos os estatutos já elaborados no dia 5 pela Comissão de Estudos.

A sede provisória do "Clube dos Amigos do Teatro" é à rua Santa Luzia, 305, sala 1005, nesta cidade.

Conta, assim, o Brasil com mais uma entidade que lutará pela propagação do Teatro e sua arte.

DO ESTRANGEIRO

Jean-Louis Barrault está apresentando no Teatro Marigny, em Paris, "Le Partage de Midi", com Edwige Feuillère, Pierre Brasseur e Jacques Dacqmine nos principais papéis. A peça foi escrita por Paul Claudel em 1905 quando regressou de sua viagem à China. Sobre o original, conta-nos Paul Claudel: — "Le Partage de Midi" é uma peça importante na minha vida artística; ela pertence ao gênero das obras que

sonagens. E', enfim, porque ela tocava intimamente a minha vida pessoal, que os escrúpulos, talvez exagerados, fizeram-na permanecer tanto tempo inédita".

No dia da estreia da peça, os aplausos foram tais que Paul Claudel teve que se levantar e agradecer, mas como as ovações tornaram-se mais calorosas, ele apresentou Barrault e disse ao público: — "Deve-se a Barrault a metade deste sucesso. Fazamos com justiça "le partage de minuit", isto é, a partilha da meia-noite."

★

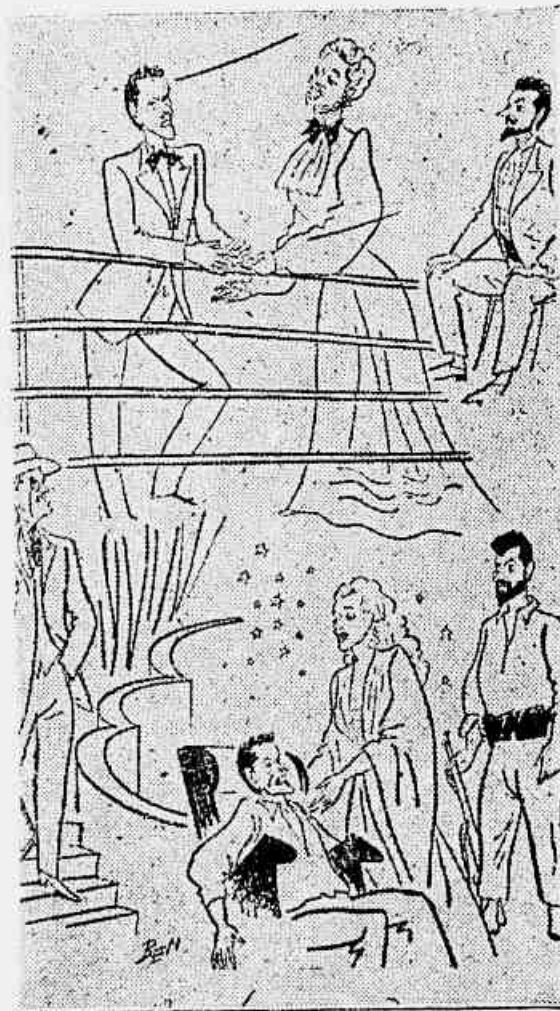
No Liceum Theatre, de Nova York, está sendo encenada "The Smile of the World", um drama de Garson Kanin, que além de autor, é diretor e intérprete. Em outros papéis estão Otto Kruger e Ruth Gordon, esposa de Kanin, que em uma entrevista no dia da estreia, relatou: — "Tenho a certeza que deve haver uma cura para a apreensão nas noites de estreia, porém, não a encontrei ainda. Já conversei sobre isso com Edith Evans, na Inglaterra, que me assegurou ser o temor de esquecer os dizeres do papel, a razão do nervosismo. Mas não concordo com ela; se fosse essa a causa, não seria somente no primeiro dia, mas também nas sessões subsequentes. E tal não se verifica".

Falando sobre o público da "première", continua Ruth Gordon: — "A reação deste público nada significa, pois a maioria comparece ao teatro por achar elegante. O verdadeiro amante do teatro vai depois. Quando estrearmos "Born Yesterday", o público a recebeu friamente. Entretanto, constituiu um verdadeiro sucesso".

★

Cyril Ritchard, ator de "Make way for Lucia", atualmente no Cort Theatre de Nova York, sugeriu ao empresário anunciar no programa que a peça é uma "charge", pois Cyril tem a impressão de que a plateia americana não compreende que a interpretação dos tipos aldeões da Inglaterra é apenas uma caricatura. Tal sugestão não foi aceita...

Em uma recente "enquete", Cyril declarou que seu primeiro papel no teatro foi "Hamlet", quando tinha apenas dezessete anos, mas hoje só poderia viver o papel do rei da peça ou então o fantasma do rei dinamarquês.



Edwige Feuillère, Jean-Louis Barrault, Pierre Brasseur e Jacques Dacqmine em "Le Partage de Midi"

provêm de uma necessidade orgânica que encontra sua origem na própria existência do autor. Ainda que haja uma grande distância entre a realidade e a representação, posso afirmar que em "Le Partage de Midi" as necessidades intrínsecas que vieram no momento da criação, agiram muito sobre a intriga e os per-

CORVOS NO CORREDOR

(Continuação da pág. 22)

— Changueando. Já andei em muitas estâncias. (Ao ouvir isto seu Joca franziu a testa. Não gostava de gente andeja, que não se acomodava em lugar nenhum.) Estive aí, na do seu Bento, mas não gostei e resolvi tocar prá diante. Coltado do velho, não queria que eu saísse! Mas... não tenho cura! Quando entra uma coisa na minha cabeça, por mais volta que eu dê ela não sai. Então, quando a coisa é ir embora, termino indo mesmo! Fico como louco enquanto não encilho o bala e toco prá frente! Parece que morro sufocado! — Nicácio largou uma risada. — Só assim, de jeito que o senhor já fica prevenido. Não embrabeça. Quando ue desembestá, o senhor sabe que não adianta aumentá o ordenado, nem me pedir que fique até o outro mês.

As rugas do patrão foram se desfazendo diante da sinceridade de Nicácio e ele terminou por sorrir. Nicácio já estava ali há semanas; era o melhor dos peões e não parecia com muita vontade de algum dia arrumar a trouxa para não mais voltar.

— E da tua vida, chê? Qué que tu tem feito?

— Minha vida! Chô égua! Aquilo nem foi vida!

— Qué que tu fez?

— Eu? Pui... nada! Andei por aí, no mais, e tô vivo nem sei por que! Tenho um poncho velho varado de bala dos milico da fronteira.

— Qué que tu fazia, que os milico te prenderam bala?

— Eu? Pui... nada! Nem vale a pena falar naquilo! Chô égua! — e dava aquela risada que ele parecia trazer sempre engatilhada prá qualquer hora. E desviava o pensamento dos peões e do patrão, contando outros "cuentos", coisas que aprendera por aí, em todos os galpões por onde andara. Levava horas falando e rindo. Não adiantava insistirem com ele sobre sua vida, porque dali Nicácio não passava. Ficava sempre na história do poncho furado a bala, e nem mesmo o patrão conseguia saber mais alguma passagem de sua vida.

Seu Joca tinha por dentro o receio de que Nicácio fosse ladrão de gado ou que tivesse várias mortes nos costados. "Mas... como o índio era bom... ia ficando". E, realmente, parece que seu receio não tinha motivo de ser, porque várias vezes deixara dinheiro sobre a mesa do galpão, quando Nicácio era peão caseiro, bem de propósito para tirar suas dúvidas, e nunca faltara um tostão. E isso que ladrão de alguma coisa é ladrão de tudo!

Nunca se soubo nada de sua vida. Sem-



um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com Malzbier da Brahma

E que grande valor!... Valor nutritivo redebrado!... Porque Malzbier da Brahma aumenta o poder alimentício de qualquer refeição. E sua presença à mesa torna-se ainda mais indispensável, quando falta um ou outro alimento. Por ser levemente adocicada e de baixo teor alcóolico, Malzbier da Brahma é a cerveja das famílias, preferida em todos os lares. Acrescente sempre ao seu almoço, lanche ou jantar, um novo valor — o valor nutritivo de Malzbier da Brahma! Prove-a... ah! que sabor!



Ouça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.



EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

Record 3214

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. L. — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — P. ALFRE — P. FUNDO



VARIZES E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

PETTINATI

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

A LUTA CONTRA O INVISÍVEL

(Continuação da pág. 58)

e campos de rosas e cravos, eram vítimas de pragas de toda espécie. Imensas plantações de tomates, pepinos e outros vegetais indispensáveis à alimentação do homem, definhavam e morriam sob a ação de bactérias que roíam raízes, troncos, galhos, flores e frutos, destruindo todo o trabalho humano.

Os tomateiros apresentavam sintomas de sérias doenças, causando prejuízos desoladores aos profissionais do solo. Muitas vezes os agricultores eram levados à falência ou forçados a mudar de vida, em face de calamidades em suas plantações. Anos e anos de trabalho constante e penoso, eram anulados pelas bactérias que formavam um terrível exército invisível.

O combate se iniciou pela divulgação nos meios agrícolas e rurais de dezenas de livros, centenas de folhetos contendo conselhos e advertências aos horticultores, tanto aos amadores como aos profissionais.

Era preciso que os plantadores não esperassem exclusivamente pelas providências do governo ou por algum

milagre do céu. Conhecer as causas das pragas, saber situá-las e destruí-las, eis o serviço inicial de cada um, para bem de todos os que se dedicavam à produção da terra.

A agricultura, em qualquer de suas facetas, é meio de vida dos mais lucrativos e promissores; mas, por outro lado, contem os maiores embaraços e encerra contrariedades que somente o homem do campo pode imaginar. Felizmente, porém, a técnica agrícola está hoje preparada suficientemente para combater as pragas que atacam as plantações, salvando as safras, quer sejam as de cereais, quer sejam as de horticultura ou de flores.

Como essas pragas que atacam plantas e árvores não se limitam a determinadas áreas, e, infelizmente, invadem países inteiros, os agricultores ingleses organizaram-se em frente única para dar-lhes combate efetivo e intenso. Para isso era necessário contar com os recursos indispensáveis em dinheiro, o que foi conseguido graças a um sistema de cooperação, subscrivendo cada interessado certa importância, cuja média não chegava a duas libras e meia por ano. Como não podia deixar de ser, o governo de S. Majestade vem em auxílio dos agricultores e, através do Ministério da Agricultura for-

nece outros meios técnicos para o mais eficiente e permanente combate aos inimigos invisíveis. Essa ajuda é hoje tão grande e sólida que já não há tanta necessidade de recorrer à organização cooperativista que se organizara anteriormente para aquisição de recursos na guerra contra as pragas vegetais.

A Estação Experimental de Pesquisas de Cheshunt, que se assemelha exatamente à Estação de Pesquisas de Agricultura de Rothampsted, teve sua origem num primitivo projeto em Lea Valley, em 1913, quando os seus fundadores verificaram que a indústria de estufas, estava ameaçando espalhar por todos os cantos o mais perigoso e rápido desenvolvimento de pragas e moléstias vegetais.

Em virtude de tais observações, organizou-se um corpo de investigadores e cientistas para que fossem realizadas imediatas e severas sindicâncias acerca dessas pragas. No ano seguinte, isto é, em 1914, a Estação Experimental de Pesquisas de Cheshunt foi instalada.

Inicialmente de aspecto modesto, foi-se desenvolvendo esse posto de salvação agrícola e se enriquecendo com melhor aparelhagem e métodos de pesquisa e, dentro em breve, estava com dois bons laboratórios, um escri-

Bilhetes

DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

Manchester, novembro de 1948

O barômetro do hotel, bem grande, logo à entrada do edifício está marcando 32. Bom tempo, quase seco. Está mesmo com o ponteiro quase no fim do quadro — no lado que indica "BOM". Mas, os tais barômetros não entendem coisa alguma de neblinas e delas não tomam o menor conhecimento. Para nós, que não somos "barométricos", é simplesmente o pior dia desde que saímos do Rio. Nem lá nas alturas da Lapônia, tivemos tempo tão feio... Desde manhã cedo que estamos dentro de uma neblina escura, cerrada que não dá para ver o ônibus a 10 metros de distância. Tanto durante o dia como agora à noite, não houve alteração alguma. "Sim senhor! Isso é que é escuridão!" Os jornais da tarde nos dão notícias de vários desastres: ônibus contra ônibus; assistência contra ônibus; serviço de trens suprimidos; choque de vapores nos portos; aviões sem poder levantar voo — enfim, visibilidade 0-0.

No nosso bom hotel não há aquecimento nos quartos, de espécie alguma. Enchemos a pia com água fervendo da torneira e isso tem nos ajudado um pouco. A temperatura lá fora deve andar por zero grau ou um pouco menos. O nosso quarto tem 3 janelas que dão para uma vasta praça. É impossível que com tantas janelas, não entre ar frio pelas frestas. Estamos com os pés bem frios, apesar de grossas meias de lã. Por mais que a gente queira afastar o pensamento do assunto "tempo", este é o tópico favorito das conversas iniciais dos habitantes da Inglaterra. Compreende-se e justifica-se. É verdade que temos neste quarto uma bonita lareira onde, nos bons tempos, havia um grande balde de cobre com carvão de pedra, e aqueles ferros de mexer nas brasas. Agora a lareira está ali, sossegada, calada com uma grande chapa de aço polido tapando-lhe a boca... A Inglaterra, coitada, ainda sente os duros efeitos da guerra. Enquanto na Suíça, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, estão eles com seu aquecimento central funcionando mesmo antes do termômetro marcar zero, aqui a coisa é outra. O inglês, estoico, vai aguentando a mão... e nós, com ele...

Nas minhas memórias de viagens, sempre recordo. Passo Fundo no Rio Grande do Sul, como o lugar onde sofri mais com o frio. O hotel, lá, também não tinha aquecimento algum, nem água quente na torneira. Confesso francamente que na noite que embarquei para Curitiba dormi com toda a roupa do corpo, inclusive gravata e sapatos, e só tirei o chapéu muito a contragosto. Aqui ainda não chegamos a tal extremo, mas, continuando assim... não sei, não!... talvez ainda seja obrigado a riscar o episódio de Passo Fundo... Talvez chapéu, sobretudo e a mala... tudo vá para a cama em cima dos grossos cobertores...

Uma lareira com bons pedaços de carvão em brasa... Oh! como tenho inveja de Sherlock Holmes... O cachimbo que o Alencastro Guimarães presenteou-me em Amsterdam, já faz parte da minha indumentária. Só me falta o violino e o Dr. Watson, com sua pequena filosofia de algebrista...

Manchester foi bombardeada pelos alemães, mas não tanto como Londres; porém nessas incursões noturnas, acertaram em dois hotéis de bom tamanho. Dêse modo a cidade, que já possuía poucos hotéis para o seu tamanho, ficou ainda pior servida do que antes da guerra. Antes de encontrarmos um quarto aqui, estivemos em 3 outros hotéis. — São Paulo, com muito menos importância comercial, possui cinco ou seis vezes mais o número de hotéis ou acomodações para viajantes do que esta grande e importante cidade; e muitíssimo mais modernos. Parece-me que mesmo Londres com seus 8 milhões não possui tantos hotéis como o Rio e São Paulo reunidos. E deve lembrar que Londres é ainda o centro do Império Britânico — esse enorme império que ainda hoje existe... Não convém comparar entretanto nada disso com New York, para não magoar ninguém...

Sábado fui assistir às grandes corridas de Manchester. O hipódromo fica pertinho do centro, mais ou menos como a Praça da Bandeira no Rio ou a Várzea do Carmo em S. Paulo. O ônibus nos levou até o portão em poucos minutos. Chegamos no quarto páreo e o Grande Prêmio era o quinto, com 2 milhas. As arquibancadas e o campo estavam mais cheios do que no dia do Grande Prêmio Brasil. O prado mesmo nada tem de especial. Os animais correm só na grama. Quase todos os páreos com mais de 20 cavalos; o Grande Prêmio com 35 e um outro com 42! Os nossos jóqueis acostumados a correr com 10 ou 12 haviam de estranhar esses batalhões. Muito jogo nas apostas, com o totalizador, e muito jogo também com os "bookmakers". Uma taboleta com nomes e endereços de toda parte da Inglaterra.

O parceiro aposta — põe o placê; — o secretário toma nota num livro e dá um cartão em branco. Ali o parceiro toma nota do cavalo e da quantia apostada. Quando acaba vem reclamar os cobres. O secretário abre o livro de registro de apostas, confere e paga. O dinheiro é guardado ali à vista do público, numa bolsa-acola; notas misturadas com moedas de prata à granel — mais ou menos como a bolsa que os peixeiros usam nas feiras. Para ver, fiz uma ou duas apostas com um "bookmaker", cujo cartão por acaso havia encontrado na gaveta do meu hotel. Tive melhor sorte na casa das apostas onde peguei um "placê" de 15 contra 1, que me colocou em boa situação econômica para os páreos seguintes. As poules são de Cr\$ 8.00, 40.00 e 75.00 e cada lanche vende qualquer dos números; tanto pontos como "placê". Não há duplas — mas há uma acumulada de 2 páreos. A dêsse dia deu Cr\$ 3.000.00 por uma de 75.00. Não me foi possível nem aproximar do lugar onde estavam vendendo essas acumuladas, tal a multidão. Os "bars" estão repletos e há garrafas e copos pelo chão aos montes — muitas garrafas quebradas pelos milhares de frequências precipitadas, que correm para lá e para cá atrás das apostas.

No meio daquela enorme multidão há os palpiteiros profissionais — dúzias deles a fazerem discursos sobre suas habilidades e conhecimentos íntimos de jóqueis e tratadores. Geralmente cobram Cr\$ 4.00 por cada pedacinho de papel escrito a lápis com o número das "barbadas"... Comprei um papelzinho com dois que não podiam perder nos dois últimos páreos. Um nem se colocou e o último palpite chegou em terceiro... Nos últimos momentos de fechar as apostas, um palpiteiro já tendo esgotado o seu discurso, começou a dar informações grátis: "Jogue no número 12. No número 12. Não pode perder". Quase fui comprar um pouquinho; mas hesitei. Não estou familiarizado com esses divertimentos aqui. Acabei não indo. Pois o número 12 ganhou mesmo, e pagou 8 vezes a aposta. Foi nesse mesmo páreo que o meu "placê" pagou 15 contra 1. Os tais palpiteiros profissionais são tipos interessantes. Alguns vestidos pobremente, outros com elegância, sobretudo caros cujas etiquetas exibem com desdém. Ternes bonitos, esportivos, binóculos a tiracolo, mãos manicuradas, usam linguagem elegante, de bons modos, palavras acucaradas, tomam nossa moeda de prata com displicência, assim como quem faz gentileza de receber... Há alguns africanos, das colônias, alegres, rindo de tudo e de todos, vendendo seus palpites com boas piadas.

— "Olhem rapazes... O que eu posso garantir é que muitas vezes os meus palpites dão certo... Há gente que tem ganho milhares de shillings comigo, centenas de libras, mas a única coisa que eu garanto mesmo é que vocês ficam sem a moeda quando lhes dou um papel com o número do cavalo que provavelmente ganhará. Não venham chorar aqui comigo se vocês não estiverem hoje no seu dia feliz ou se o cavalo e o jóquei estiverem de asar..."

E assim vivem os palpiteiros. Vão acompanhando as reuniões de cidade em cidade: hoje em Manchester, na amanhã em Birmingham, depois Newmarket, Ascot, Liverpool; em janeiro estão de volta, em Manchester. Pois as corridas aqui não são acontecimentos sociais como no Brasil, onde há reuniões aos sábados e domingos, durante o ano todo. Aqui na Inglaterra, como nos Estados Unidos, Canadá, etc., é uma espécie de Circo. Vão e voltam com intervalos grandes de muitos meses. Nem sei como é que podem construir as enormes arquibancadas e bancadas e as custosas instalações permanentes, para tão poucas reuniões.

Daquele enorme multidão nem metade pode assistir a uma parte sequer das corridas, tal o aperto, mas nem por isso deixam de ir ao hipódromo. Na hora da saída, há uma fila interminável de ônibus de dois andares à espera, mas assim mesmo fica-se esperando mais de 20 minutos e, à custa de alguns apertos, consegue-se ficar lá no alto e por Cr\$ 1.20. E assim fui novamente parar nos em gongos barulhentos pelo céu meio cinzento de uma tarde de novembro, anos de fuligem acumulada nas suas paredes e torres góticas.

pre que a peonada começava a insistir, e caía sobre as costas largas de Nicácio a pontilhada de perguntas, ele gabeteava, largava aquela risada de cordeão e atrapalhava todos com a boleadeira de suas histórias. E não adiantava tentar voltar ao assunto, porque o índio era esperto. Falava até cansar... os outros, e o pessoal terminava dormindo.

Agora ele estava lá, duro, meio comido pelos bichos; já não contaria "cuentos", já não largaria sua risada que até o galpão estava acostumado a ouvir, mas também já não namoraria as namoradas dos outros.

— Bem feito! — Depois, como que arrependido, o peão rematou: — Coitado do Nicácio!

A gente não sabia mesmo o que sentir!

★

Veio o delegado, vieram as autoridades. Foram para o alto do corredor, ver o corpo de Nicácio; só depois disso é que se pôde trazê-lo para casa. Na estrada tinha sido velado pelos corvos, aqui era velado pelos peões silenciosos que davam voltas na cabeça para ver quem poderia ter matado Nicácio, porque motivo havia de sobra! Havia tantos que a gente começava a pensar. Seria o Antonico? Seria o Fermiano? Seria o Caco? Seria o Manduca?... Seria... Quem seria?

As autoridades também viraram os miolos como terra prá lavoura. E tudo ficou no mesmo, porque dali não saiu nada. Quem seria? Ninguém soube dizer e ninguém disse, porque essa morte ficou insolúvel, mistério para todo mundo, mistério que vinha atormentar a gente nas noites de silêncio, chuvosas como aquela em que Nicácio chegara à estância. Quem seria? Parecia que até a chuva, amiga do coitado, vinha fazer essa pergunta rondando o galpão e ali ficava horas, como à espera da resposta.

Quem seria?

Mas isso só os corvos do alto do corredor é que podiam dizer; os corvos, o domingo quente e parado e as tramas do aramado; e todos eram mudos.

Nicácio viera da venda do seu Belarmino onde estivera jogando toda a noite de sábado. Bêbedo, resmungando sozinho e rindo de garganta bem aberta naquela manhã serena, Nicácio puxara a adaga para picar fumo e fazer um cigarro de palha (— Ah! Eu, hein? Fazendo um crioulo com uma faca dessa idade! — E largara uma risada.)

Talvez assim chegasse menos bêbedo à estância.

Foi quando o cavalo tropicou e, passari-

nheiro, assustou-se de qualquer coisa, jogando Nicácio no chão. E ele caiu com todo o peso do corpo sobre a faca com que estivera cortando o naco de fumo.

Até na morte o Nicácio enganou todo mundo.

COLAR DE ESMERALDAS

(Continuação da pág. 13)

— Ronny! — gritou excitada. — E' você? Olhe! O colar de esmeraldas acaba de chegar às minhas mãos! Veio pelo correio, sob registro! Não! Não encontrei com ele indicação ou mensagem alguma! Sim! Estou certa de que é o "Felicidade dos Rearstons"! Que beleza, Ronny!

No dia do casamento, vestindo o tradicional indumento das noivas aristocráticas, Sophie estava deslumbrante de beleza e felicidade. O colar de esmeraldas lhe ornava o colo escultural. Muitos convidados estavam presentes às bodas, inclusive Wilmer Hancock.

— Pelo que vejo, — disse ele a Sophie, — o colar voltou na hora H, não é verdade? — E sorriu.

— E' exato. Uma coisa assombrosa e agradabilíssima. Não tenho a menor idéia sobre quem poderia ter-me remetido a jóia. Tudo isto parece um imenso mistério.

— Bem, o principal é que ele está em suas mãos, isto é, no seu regaço — emendou a pilheriar. Wilmer olhou o adereço e prosseguiu: — E' na verdade um encanto, Sophie, e espero que lhe traga a maior felicidade.

Em seguida foi cumprimentar a tia da jovem noiva.

— Gosto desse sujeito — disse Ronald a Sophie.

— Também me parece um bom camarada — confirmou ela. — Entretanto seria ainda mais agradável se não exibisse sob o olho aquela pequenina cicatriz que se assemelha a uma lua crescente. Não acha?

A VIDA DE GALILEU

(Continuação da pág. 14)

centro de estudos onde os homens tinham liberdade de pensar. Porque Pádua, bem como toda a República Veneziana, fora interdita pela Igreja e estava, portanto, isenta das restrições da Inquisição. Os sábios venezianos — incluindo a Faculdade de Pádua — eram leais à sua fé, mas insistiam no princípio da separação entre os estudos científicos e as práticas religiosas.

tório, câmaras de investigações, cinco pavilhões para estudos e pesquisas de tomates, e o mesmo número para pepinos, contando atualmente com um parque técnico e científico muito mais desenvolvido, contando com aparelhagem moderníssima, várias estufas e instalações que garantem toda e qualquer pesquisa e facilidade no campo da análise a respeito da horticultura em geral.

Antes de outubro de 1946 essa Estação de Cheshunt dirigiu seus serviços para dois amplos campos em benefício da agricultura, servindo à indústria e aos profissionais da terra. Depois, porém, ficou toda parte referente à indústria com o "National Agricultural Advisory Service", passando a Estação Experimental a dedicar-se exclusivamente, à seara das pesquisas e experiências em favor dos agricultores em geral.

A equipe de técnicos e cientistas que, no momento atual dirige os trabalhos nesta Estação Experimental está sob a direção do dr. W. Bewlay, em companhia de quem trabalham entomologistas, mycologistas, químicos, fotógrafos e seus assistentes, todos especialistas, tanto em moléstias de flores em geral, vírus e antibióticos, como na técnica de sua isolamento e modo de combater as pragas. Não se limitam ao serviço interno de laboratórios, e vão prestar lá fora, a céu aberto, onde quer que haja uma horta a proteger.

O descanso desses homens é desconhecido. Logo que um programa é resolvido e feito um memorial completo acerca do mesmo, um outro é imediatamente atacado pois o que não falta é motivo para tanto.

Graças aos impulsos da ciência, a horticultura se tornou de maior rendimento e exigente quanto a outros cuidados, modificando a própria Natureza, permitindo mesmo safras fora de estações o que antigamente não era absolutamente possível. O volume dos produtos e o tamanho da produção agrícola em cada espécie também se tornaram revolucionários em virtude da aplicação da técnica e da ciência no tamanho da terra e na defesa contra os agentes mórbitos causadores de moléstias. A luta contra esses elementos microscópicos é cada vez mais intensa, e, graças aos laboratórios e aos especialistas, podem os trabalhadores do campo estar certos de que o homem do século XX dispõe de todos os recursos necessários à melhoria de seus produtos e ao aniquilamento dos grandes destruidores.

Não se pode avaliar o prejuízo que traz a uma nação a praga de suas plantações básicas. Na América do Sul, por exemplo, há um país que, periodicamente, tem sofrido perdas consideráveis, ocasionando o empobrecimento nacional e o desespero de quantos vivem da cultura da terra. É o Brasil.

Desde muitos anos a coluna vertebral de sua economia como base de crédito no estrangeiro é a cultura do café. De alguns anos a esta parte as lavouras do café de alguns Estados se viram atacadas por uma praga de animais microscópicos, a que deram o nome de broca, cujos agentes corroem os frutos do café ao amadurecerem, inutilizando-o para o consumo e para o plantio.

São milhões de pés de café assim atacados pelo vírus deletério, causando prejuízos incalculáveis aos fazendeiros e ao Estado. O Ministério da Agricultura do país se

Era, pois, com a consciência limpa e o espírito despendido que Galileu podia agora continuar os seus experimentos. E esses experimentos cobriam uma vasta área de estudos teóricos e práticos — desde o curso das estrelas até as manobras no campo de batalha. Embora nunca tivesse estado no exército, adquirira um conhecimento cabal de arquitetura militar. E esse conhecimento lhe valeu considerável número de alunos particulares — príncipes, nobres, soldados — homens que desejavam consagrar a vida ao governo ou à guerra. Esses alunos particulares, de acordo com o costume da época, vinham residir com Galileu. Alguns traziam consigo os criados. Era um grupo alegre e estimulante que se reunia em torno da mesa daquele jovem professor de vinte e oito anos.

Mas era também um grupo ruidoso. E às vezes Galileu escapava com prazer — para os braços das cortesãs de Veneza. Essas "honradas damas", como as famosas cortesãs da Grécia antiga, eram encarradas, não como uma classe de vulgares "cavadoras de ouro", mas como um grupo encantador de companheiras educadas especialmente para o fim de proporcionar distração tanto mental como física à sua distinta clientela. Sabiam discorrer com inteligência sobre música, literatura e arte. Eram convidadas aos banquetes e apresentadas às esposas dos nobres. Suas roupas e maneiras eram "modestas mas sedutoras". Ensinavam muitas grandes damas de Veneza a cuidar melhor do corpo e do espírito. Usavam plantas aromáticas na água do banho. Ungiam os cabelos, poliam as unhas e a linguagem, e dedicavam-se exclusivamente à arte de estimular os sentidos de seus amantes.

E Galileu era homem de sentidos refinados. Tinha grande prazer na companhia das cortesãs. Principalmente de uma delas — Marina Gamba. Nunca se casou — como Cícero, acreditava que um homem não podia ser ao mesmo tempo um bom filósofo e um bom marido — mas levou Marina para sua casa e tornou-se pai de três dos seus filhos.

Os deveres de pai, acrescentados ao custo das diversões sociais e aos gastos com instrumentos científicos, revelaram-se uma peneira sem fundo para as suas rendas insuficientes. Embora os seus emolumentos continuassem a aumentar cada vez mais, Galileu nunca esteve livre de dívidas. Em certa ocasião teve de pedir ao tesoureiro da universidade um adiantamento de dois anos de salário. O tesoureiro concedeu-lhe o adiantamento pedido, mas não sem má vontade.

E seus encargos cresciam. O jovem e atormentado professor de Pádua tinha ago-

ra outra fonte de preocupações. Seus parentes em Pisa, tendo ouvido falar do êxito acadêmico alcançado por ele, começaram a ver em Galileu o esteio financeiro da família. Eram inesgotáveis nos pedidos que faziam. O irmão, ansioso por entrar ao serviço dum nobre polaco, insistiu para que Galileu lhe adiantasse o dinheiro para a viagem à Polónia. A soma pedida ultrapassava o rendimento anual de Galileu. Este pediu emprestado o dinheiro e o remeteu ao irmão. Depois a irmã, enamorado-se de um jovem sacripanta, solicitou a Galileu que lhe fornecesse o dote. Galileu pediu emprestado um terço da quantia requerida e prometeu pagar o restante em data posterior. Mas logo depois do casamento o cunhado processou-o exigindo o pagamento do saldo. Outra dívida, outro encargo — e os pedidos da família continuavam a vir.

Contudo, apesar dos gastos e preocupações, Galileu encontrava tempo para os divertimentos — jantares e bailes em Veneza, saraus particulares a que frequentemente assistia como ouvinte, e às vezes como executante, pois era exímio tocador de alaúde; récitas populares, serenatas, carnavales, entremeses. Até compôs diversos entremeses, e provavelmente representou em alguns — farsas picarescas, escritas com muito espírito e pouca delicadeza. Pois naquele tempo Veneza era uma cidade de pensamento livre, vida franca e riso tumultuoso.

Mas isso eram apenas as atividades exteriores da vida de Galileu. Do princípio ao fim, o seu espírito esteve sempre dedicado ao cultivo da ciência. Num palácio localizado perto da ponte de Santa Sofia, organizou uma Academia de Refugiados — grêmio científico e filosófico, formado de homens que tinham "fugido" de outras partes da Itália para Veneza a fim de poder continuar os seus estudos e expressar as suas idéias livremente. Foi nesse clube que Galileu divulgou pela primeira vez os resultados de muitas observações e experiências. Familiarizou os membros da Academia com os mistérios do fim e das forças magnéticas da terra; explicou-lhes a utilidade do compasso, um novo instrumento que acabava de inventar; demonstrou-lhes a aplicação de outra de suas invenções, uma máquina destinada a levantar a água e irrigar o solo; mostrou-lhes como medir a temperatura por meio de ainda outro invento seu, o termómetro. E por fim despertou a admiração deles com a mais extraordinária de todas as invenções — o telescópio, "um instrumento para contemplar as estrelas distantes".

(Continua no próximo número)

mobilizou e instruiu técnicos fornecendo-lhes aparelhagem para o combate à terrível praga. Farta literatura e mapas têm sido impressos mostrando em tamanho grande o bicho que causa tão grande calamidade e o modo de ser combatido; mas, como é natural, ainda não se pode prever quando as zonas cafezeiras do Brasil estarão livres da praga.

A área de infecção é imensa. Todos os cafezais do Espírito Santo, Estado do Rio e de Minas estão atacados ou ameaçados de ataque, pois que ainda não se pode contar com recursos suficientes para combater a praga em todos os seus setores.

Antes dessa calamidade contra o café, já houve uma outra que esteve na iminência de destruir a indústria do açúcar nos Estados do Norte e na zona canavieira do Estado do Rio. As plantações de cana viviam definhadas e quase aniquiladas por uma praga de natureza endêmica, matando a cana e tirando da mesma todo o teor sacarino.

Nos Estados do Nordeste onde é o açúcar a cultura principal, essa praga dos canaviais se apresentava como um fim de mundo. O que salvou a indústria foi a importação e a aclimação e uso de uma espécie de cana imune à praga, conhecida pelo nome de cana de Java. Somente depois que os campos começaram a substituir os tipos antigos sujeitos à praga, pela cana de Java, imune ao vírus, puderam os agricultores, engenhos e usinas de açúcar respirar com desafogo e prosseguir no trabalho de sua cultura e indústria.

Mas, além dessas duas espécies vegetais vítimas de moléstias, também uma terceira sofreu graves prejuízos em todo o sertão do nordeste durante muitos anos. Foi a cultura do algodão.

Pequena larva a que os sertanejos deram o nome de lagarta rosada e os norte-americanos o de "pink ball worm", estava sendo o terror de todos os que viviam da cultura e da indústria do algodão no território do Nordeste brasileiro onde é o "ouro branco" a base de toda a vida econômica.

A "lagarta rosada" destruiu a maçã e a degenerava anulando as safras. Muitas vezes as plantações se apresentavam viçosas e cobertas de flores amarelas prometendo carregamento invulgar. Os sertanejos sorriam diante daquela felicidade que a Natureza lhe dava, e chegavam a recusar ofertas vantajosas para vender o seu algodão na folha.

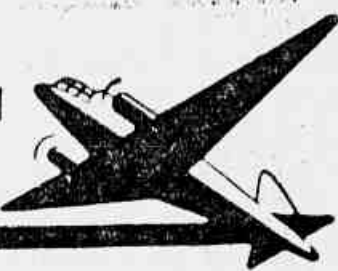
Invernos benignos e normais, o tempo propício, galhos de algodoeiros pejados de flores, tudo denunciava uma safra promissora e bom preço no mercado.

Mas, quando todos esperavam uma felicidade sem limites dentro do maior sucesso agrícola, surge o grito de desespero: "Lagarta rosada" no algodão!

Aquêles germes perfuravam os capulhos aos milhares, destruindo tudo por dentro como um exército de séres invisíveis a atacar o acampamento pacífico de honestos agricultores.

Os prejuízos eram incalculáveis e totais. O governo brasileiro se mobilizou e espalhou por todos os locais do sertão onde a praga se manifestava, seus postos técnicos, e os profissionais do combate ao vírus intelaram uma batalha sem tréguas.

PELAS estradas do CEU



Por ANDRÉ MAX

Há alguns anos atrás, os melhores pilotos em todo o mundo tiveram de mudar de lugar e adquirir novos conhecimentos para poderem conduzir aparelhos que desenvolviam velocidade entre 400 e 500 quilômetros por hora. Hoje em dia, os exercícios de prática de vôo com aviões a jato se reanizam a uma velocidade que varia de 500 a 600 quilômetros por hora.

Antigamente, os pilotos se esforçavam por "pensar" tão rapidamente quanto voavam seus aviões. Hoje, porém, eles têm que os superar em velocidade e raciocínio, para as manobras que terão que executar durante o vôo.

O treinamento de vôo tem que ser ampliado, modificado e algumas vezes determinado, para poder permitir que os pilotos das forças aéreas se adaptem a jato venham a se identificar perfeitamente com as novas máquinas, resolvendo as dificuldades que se apresentam com a mesma rapidez com que voam seus aviões.

O Conselho de Treinamento para pilotos em aviões a jato, com sede em Chandler, no Arizona, oferece seus cursos em quatro categorias. Um curso de transição — para pilotos de aviões de caça comuns, um curso para mecânicos de manutenção, um curso básico para mecânicos de estrutura, e um outro curso avançado para pilotos militares. E em estudos encontram-se também um curso especial para bombeiros — que está dependente do desenvolvimento que alcançará os jatos propulsão, com o estabelecimento do tipo "standard" definitivo.

No primeiro daqueles cursos têm ingresso pilotos que possuam, no mínimo, 150 horas de vôo em aviões de caça comuns e que tenham voado pelo menos 10 horas a velocidade superior a 650 quilômetros por hora.

As cinco semanas da duração desse curso compreendem estudos de engenharia de vôo, manutenção e características de armamento do tipo F-80 (a jato), teoria de vôo a alta velocidade e demais matérias relacionadas com a nova técnica para esses aparelhos.

A velocidade de um avião F-80 (assim como da maioria dos aviões a jato) é muito superior a 600 k.p.h., o que exige, nas manobras principais, um tipo de ação para executar, muito maior do que o comumente empregado, significando que os pilotos devem raciocinar com rapidez espantosa — mormente no manejo do controle principal da cauda — o acelerador, pois uma das particularidades da recuperação e o lapso de tempo que transcorre entre a mudança de campo de velocidade e o aumento ou diminuição da propulsão voam aproximadamente 30 horas em um F-80 tipo "standard". As instruções que daí resultam.

Depois de completados os cursos teóricos, os alunos do curso de transição de vôo permitem uma completa familiarização com o novo aparelho, prática de navegação, vôos em formação e problemas de alturas, sendo esses exercícios realizados a velocidades de 500 a 600 k.p.h. entre 3.000 e 9.000 ms. de altitude.

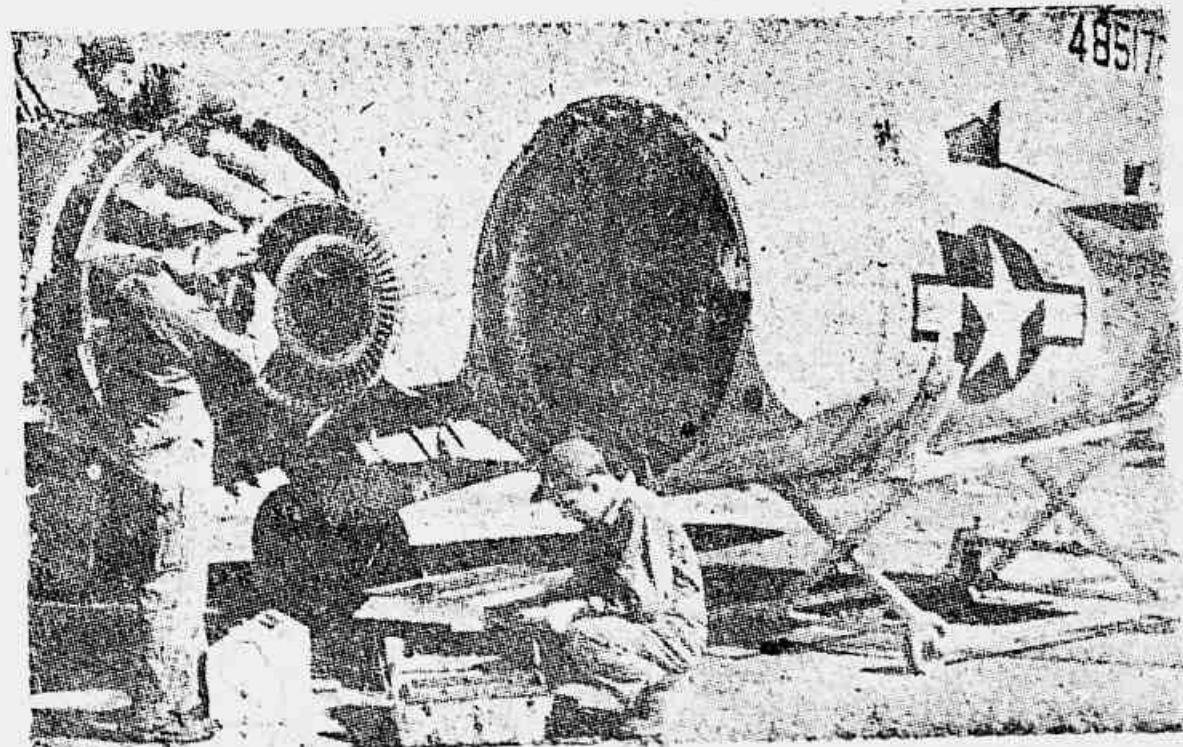
A outra categoria de curso é o que prepara mecânicos para os serviços de manutenção. Esse curso, com a duração de 20 semanas, compreende cerca de 600 horas de instrução teórica e prática. Para ser selecionado como mecânico de manutenção é necessário que o candidato possua instrução que corresponda ao nível secundário, pois que ele terá que se haver com problemas intricados — para que possa bem compreender os menores detalhes de estruturas desses aviões, seus sistemas hidráulicos e elétricos, todos os segredos da manutenção, sem esquecer, ainda, do emprego de novos materiais plásticos e sintéticos que a cada dia aparecem, além de numerosos outros problemas relacionados com aviões de propulsão a jato.

Um estudo altamente especializado, é o que efetuam os mecânicos de motores a reação. Em menos de 10 semanas, com um programa de instrução geral que ensina a operação de motores a jato, ajuste, montagem e desmontagem, reparação para todas as suas principais peças, assim como os acessórios, etc. — se tornam bons mecânicos nesse gênero.

Para essa espécie de instrução são utilizados os últimos modelos de motores, saídos da linha de montagem, para que os mecânicos estejam sempre perfeitamente familiarizados com as últimas inovações introduzidas, e os segredos das máquinas de construção mais modernas.

Na primeira fase deste curso, estudam-se os princípios de operação de motores a turbina, características de construção e seus componentes principais. São necessárias cerca de 13 horas para remover, desmontar, limpar, inspecionar, reparar e, ajustar e reinstalar as peças de um desses motores. A segunda etapa é dedicada exclusivamente ao estudo dos acessórios dos mecanismos, bem como características de construção. A terceira fase compreende o estudo do comportamento desses motores em climas diferentes (nas regiões polares e tropicais) e a quarta e última ensina unicamente os serviços de desmontagem e acondicionamento das peças de um motor, em embalagens especiais para pronto embarque.

Os cursos ora ministrados em Chandler, são o primeiro passo no programa de transição com que se prepara Tio Sam, para o advento da era revolucionária da propulsão a jato.



A inspeção de um motor de um avião a jato é muito mais trabalhosa do que a realizada em aparelhos do tipo comum



Dr. SABOIA RIBEIRO

ALCOOLISMO e seus males na infância

É o alcoolismo, ao lado da sífilis, sem dúvida o maior fator de degeneração da espécie. Degeneração moral nuns casos, física noutros, muitas vezes uma e outra coisa no mesmo indivíduo.

Ele explica, indubitavelmente, muitas e muitas taras, anomalias encontradas com frequência nas crianças.

Não raro o próprio atavismo alcoólico reclama seus direitos, sendo o caso atribuível a algum avoengo distante mais ou menos alcoolatra.

A Mitologia Grega criou um símbolo que nos adverte dos seus grandes males na descendência: Vulcano, o Deus-monstrengo.

Diz a Lenda que Jupiter o havia gerado da deusa Juno, estando embriagado. Daí o disforme Vulcano.

Que belo símbolo!

— George Ballet relata a seguinte observação, de onde se deduz plenamente o alto poder degenerativo do alcoolismo: "A família X conta cinco filhos. O primeiro e o segundo gozam de saúde perfeita. Após o nascimento do segundo filho o pai adquire o hábito de beber e torna-se, dentro de pouco tempo, um grande ébrio. O terceiro filho é um histérico; o quarto é um atrasado. Senão quando o pai corrige-se e torna-se novamente sóbrio. Algum tempo depois nasce um quinto filho, que desfruta tão boa saúde como os dois primeiros.

Na criança, comumente, decorrem do alcoolismo serios sintomas mostrando uma fraqueza manifesta em órgãos e aparelhos da criança, à qual não fogem os órgãos da esfera gastro-intestinal e do aparelho endocrínico; daí tantas manifestações dispepticas e discriinias, só ao alcoolismo imputáveis, ainda que por via atávica.

São, porém as disgenias, o que mais claramente repele os funestos efeitos do alcoolismo na criança, algumas exteriorizadas desde o nascimento: imperfurações ano-retais, poli e sindactilias, lábio de lebre, dimorfias craneanas e vertebrais, hipopadias, epispadias, ausência de ossos.

A essas disgenias juntam-se outras malformações, as quais costumam aparecer as mais das vezes em o decorrer da primeira infância. As luxações congênitas do quadril pertencem ao número dessas disgenesias. Outra manifestação, nessa idade, em que o alcoolismo é apontado o responsável, é o sarcoma do rim, moléstia muito séria.

Dentre as anomalias devidas à influência do alcoolismo, destaca-se, por seu caráter sumamente aviltante, por ser o aparecimento na espécie humana de um atributo somente dos animais, destaca-se a cauda de cavalo, que Plínio atribui, em sua História Natural, como órgão normalmente existente, no seu tempo, aos habitantes da Índia.

Durante a gravidez e a amamentação, o uso de bebidas alcoólicas é formalmente contra-indicado. É fato o estado de embriaguez ou do pai ou da mãe no momento da concepção poder trazer sérios malefícios à saúde do feto. Miguel Bombarda, grande psiquiatra, admite que muitas epilepsias que mais tarde se desenvolvem na criança não têm outra origem. É errôneo pensar que só há alcoolismo com o estado habitual de embriaguez; pode-se também ser alcoolatra apenas com o uso de vinhos, ainda que tomados como tônicos, elixires, licôres e "cock-tails". As consequências do alcoolismo sobre a criança podem ser nas mesmas, desde que o estado de embriaguez, ainda que ocasional, coincida com a procriação. E isto tanto pode provir do pai como da genitora.

A nova Jerusalem, religião...

(Continuação da pág. 23)

sua doutrina grandemente divulgada e seus adeptos espalhados pelo Brasil afora, atingem grande número.

NO BAIRRO DE FATIMA, O PRIMEIRO TEMPLO

Subindo a rua das Graças, que é a primeira artéria transversal da Avenida Nossa Senhora de Fátima, depa-ramos, do lado esquerdo, no número 45, com um templo de construção relativamente moderna, de linhas singe-las. A entrada uma placa: "A Nova Igreja. Culto cris-tão, domingo, às 11 horas", e ao lado uma lápide com uma inscrição em grego — cuja tradução é uma adver-tência: "E ela não caiu porque foi edificada sobre a rocha". E ainda outra inscrição, esta em latim: "Nunc licet", que traduzido é: "Agora é lícito", significando, segundo nos explicou o chefe da Igreja, comendador Leonardos, que "agora é permitido, pelo raciocínio, desvendar os mistérios da fé".

O interior do templo é de extrema singeleza. Paredes imaculadamente brancas. Bancos, um púlpito e no fundo um altar, também singelo, vazio de crucifixos e de imagens de santos, com apenas um tabernáculo, guardando a Bíblia. A esquerda, num pedestal, o sím-bolo do Evangelista João, cognominado a "águia de Patmos".

AS CERIMONIAS DO NOVO CULTO

No domingo em que o repórter ali esteve, teve o prazer de conversar por longo tempo com um dos mem-bros da Nova Igreja que muito se tem aprofundado no estudo da doutrina de Swedenborg aqui no Brasil. Trata-se do sr. José Lopes de Figueiredo, funcionario público, servindo no Ministério da Viação e Obras Públicas, onde exerce o cargo de oficial administrativo, Prestando esclarecimentos sobre a Igreja, assim se ma-nifestou o sr. Figueiredo:

— A Nova Jerusalem aqui no Brasil está sob a dire-ção do comendador Leonardos, que conta com o auxílio do general Mendonça Lima, incansável propugnador da doutrina entre nós. Foram ambos ordenados em Lon-dres, em 1928. A sede da Igreja Geral da Nova Jerusa-lém fica em Bryn Athyn, Estado de Pennsylvania, na América do Norte. E o seu chefe geral que equivale ao Papa da Igreja Católica, é o bispo George de Charms. Temos já três livros de Emmanuel Swedenborg traduzi-dos e ultimamente, por iniciativa do general Mendonça Lima e de outros membros, temos traduzido obras de difusão das doutrinas do sábio sueco, que estão à dispo-sição dos associados e visitantes, como aliás toda a Biblioteca da Igreja, composta de cerca de mil volumes.

A uma pergunta do repórter, o sr. Figueiredo con-tinuou:

— A Nova Igreja se assemelha em suas cerimônias externas, às demais igrejas cristãs. Há o batismo que significa a aceitação do novo adepto. Mas o batismo é apenas um sinal de que a pessoa pertence à Igreja. Ele não confere salvação. O indivíduo batizado só é verdadeiramente religioso depois que, livremente e de acôrdo com a sua própria razão, aceitar os ensinamentos da Doutrina e os praticar, porque a religião que segui-mos se baseia na inteira liberdade do indivíduo e na sua racionalidade.

— Há casamentos também? — perguntamos.

— Sim. Aqui neste templo já foram celebradas várias cerimônias de casamento e entre os que estão casados pelo novo culto contam-se os filhos e filhas do general Mendonça Lima e os do comendador Leonardos, inclu-sive sua neta, sra. Stella Leonardos Cabassa, escritora de projeção nos nossos meios intelectuais.

— São indissolúveis?

— Não; desde que haja adultério. O mesmo não acontece, entretanto, quando passamos para a outra vida. Segundo nos foi ensinado por Swedenborg, a verdadeira união espiritual é o que mais importa na Eternidade. No Céu não existem seres espirituais sem a sua complementação.

A curiosidade do repórter foi aguçada.

— Quer dizer, então, que lá não existem solteiros?

— Nos planos celestiais, não. As uniões conjugais que aqui se realizam podem ser ou não definitivas, ao passo que no Céu elas são eternas depois de realizadas. No estado atual do mundo, pode-se dizer que a verda-deira união espiritual ou a perfeita comunhão dos espí-ritos entre dois cônjuges é muito rara. Aqui, muitas uniões se fazem sem que representem verdadeiramente a determinação de Deus. E isso é mais tarde corrigido, ao abandonarmos esta vida.

O repórter não se conteve em sua irreverência.

Então, quando se chega lá, o divórcio é obrigatório?

— Na maioria das vezes é o que acontece... Se os dois cônjuges não se amarem verdadeiramente aqui, ao chegarem lá não são considerados casados e a separação se processa naturalmente.

Ocorreu-nos ainda formular uma pergunta relativa-mente ao estado civil das "Onze mil virgens", todavia, o sr. Figueiredo interrompeu a palestra, pois ia ter início a cerimônia do culto dominical.

Preparamo-nos para assisti-la.

Em cada banco, um exemplar do livro "Liturgia da Nova Igreja", para os fiéis. O comendador Henry Leonar-dos, vestindo túnica branca, com estola azul, que o identifica como pastor do segundo grau, deu início à cerimônia. Tudo muito simples. Não há velas nem coróinhas. E a cerimônia é toda falada em português. Acompanhamos, assim, todo o ofício. O pastor ora conjuntamente com os fiéis. Depois lê vários trechos

da Bíblia, escolhendo um deles para servir de base à pregação, em que são esclarecidos pontos de doutrina.

Em seguida, encerramento. Cerimônia breve.

Terminada a celebração, foi-nos mostrada a biblioteca da Nova Igreja, onde se encontram quase todas as obras de Emmanuel Swedenborg, e muitas de seus principais comentadores.

★

A saída, insistimos numa referência que nos fizera o comendador Leonardos de que era pensamento seu indicar o sr. José Figueiredo — em reconhecimento pelo seu extraordinário trabalho de divulgação e apro-fundados estudos da nova doutrina — para ocupar um alto posto na hierarquia eclesiástica da Nova Igreja aqui no Brasil — posto que equivaleria ao de D. Jaime de Barros Câmara na Igreja Católica. Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Todavia, o sr. José Lopes Figueiredo é homem extre-mamente modesto, declinando, muito delicadamente, de comentar tal fato.

★

Eis aqui o que é a Nova Igreja. Será mesmo a reli-gião do futuro? É boa? É má? É a verdadeira? Não nos aventuramos a responder a essas indagações, caberá a vocês, leitores, julgar.

A LUTA CONTRA O INIMIGO

(Continuação da pág. 51)

Depois de muitos anos de luta incansável e renhida, foi a praga debelada e, com a orientação dos cientistas do Ministério da Agricultura, selecionadas as espécies de plantas menos sujeitas ao ataque dessas calamidades microscópicas, de forma que os agricultores pudessem dispôr de meios mais fáceis de evitar maiores atropelos.

Assim sucede em todos os países, inclusive na Ingla-terra. A floricultura exige cuidados especiais. Muitas vezes craveiros e roselras em geral se apresentam com sintomas de moléstia no caule, na raiz, nas flores. Técni-cos especialistas entomólogos colhem os elementos, levam-nos para os laboratórios e os observam ao micros-cópio. Os germes ali estão, as bactérias causadoras da "tristeza" das plantas, que adoecem como se fossem animais vivos como os vertebrados. Classificados os germes, muitas vezes ainda pouco estudados ou mesmo desconhecidos, são aplicados os meios químicos para destruí-los, libertando suas vítimas de companhias tão indesejáveis.

É a luta do homem contra o invisível, o infinitamente pequeno, que age na sombra, subterraneamente de maneira imperceptível aos olhos desprevenidos, mas que os homens de ciência, os técnicos, sabem como surpreen-dê-los e destruí-los.

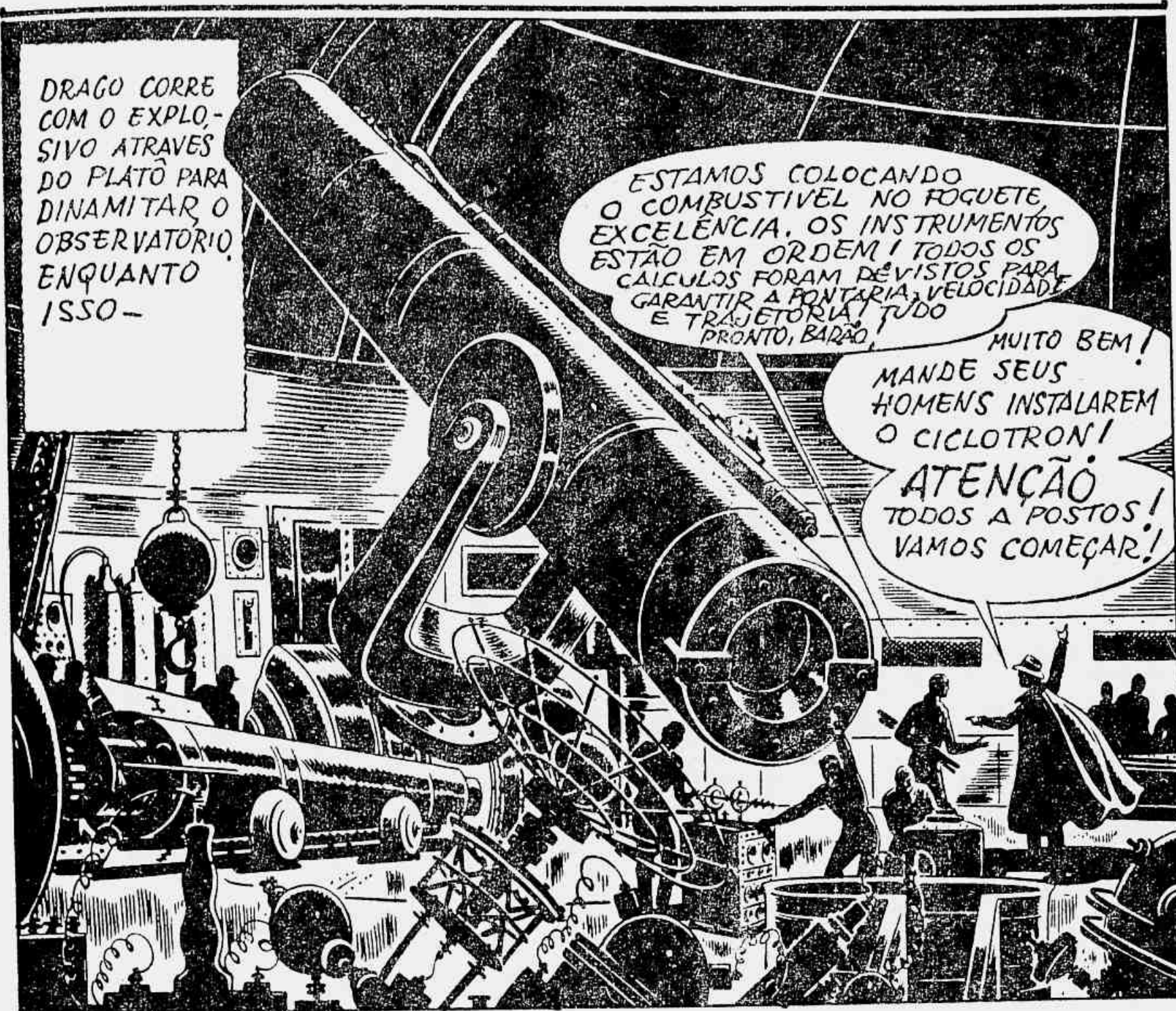


LYTOPHAN

DRAGO

Nº 39

Por Hogart



DRAGO CORRE COM O EXPLO-SIVO ATRAVES DO PLATÔ PARA DINAMITAR O OBSERVATÓRIO ENQUANTO ISSO—



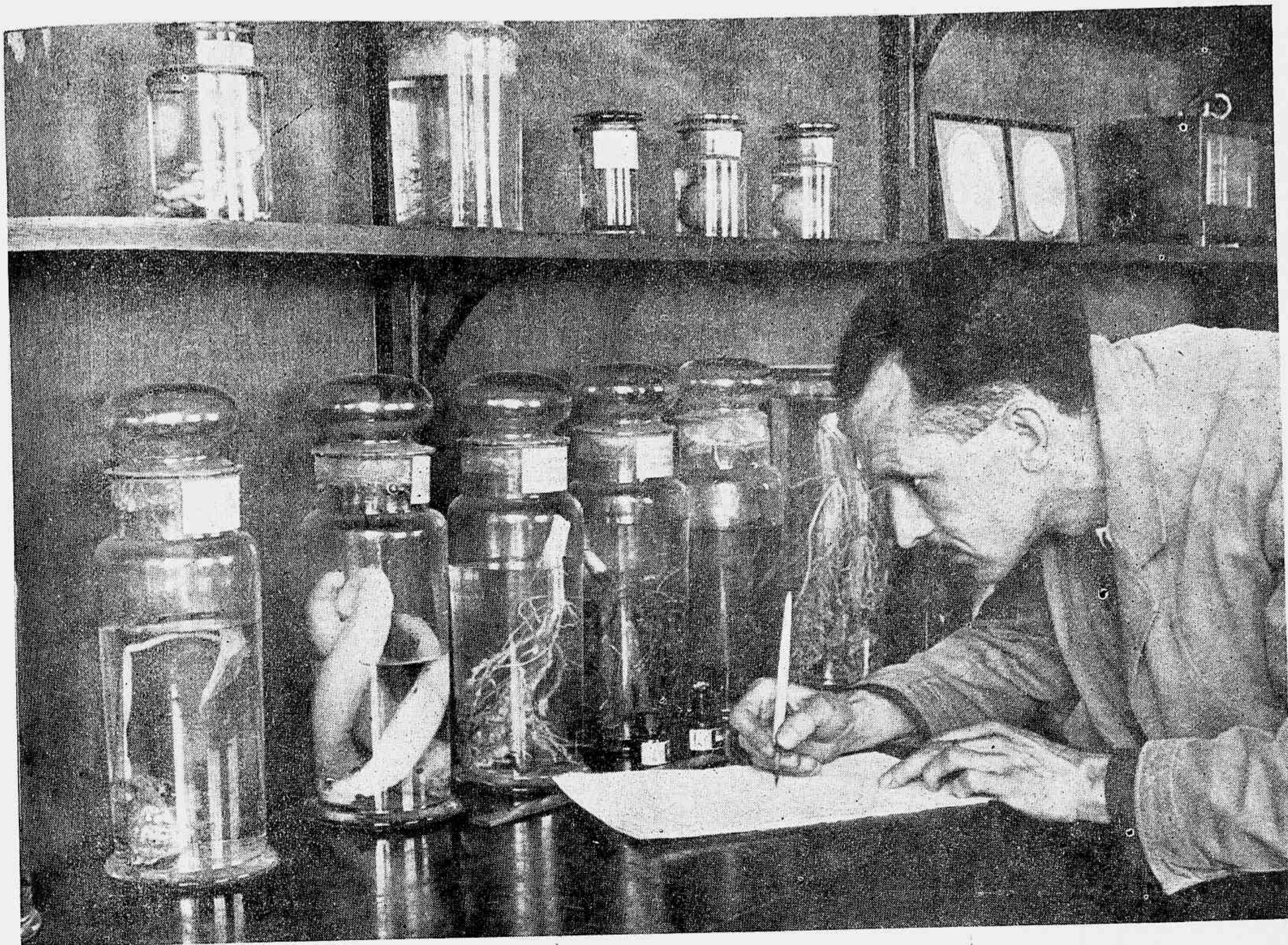
DRAGO

Nº 40

Por
Hogart

FURIOSO POR TER SIDO INTERROMPIDO QUANDO IA DISPARAR A BOMBA, O BARÃO ZODIACO ORDENA QUE SEUS HOMENS SE APROXIMEM DE DRAGO, ESCONDIDOS ATRÁS DA PEDRA. MAS O'DAY, DA CHOÇA, CONSERVA-OS A DISTÂNCIA, GRACAS A SUA METRALHADORA.





Há no Laboratório da Estação de Cheshunt, verdadeiro Museu de espécimes atacados pelas pragas do reino botânico, devidamente classificados

A LUTA CONTRA O INVISÍVEL

Texto de **HAROLD GREEN**



Fotos **KEYSTONE**

A existência de seres infinitamente pequenos, absolutamente imperceptíveis a olho nu, causava à vida e à ação do homem, os mais sérios prejuízos.

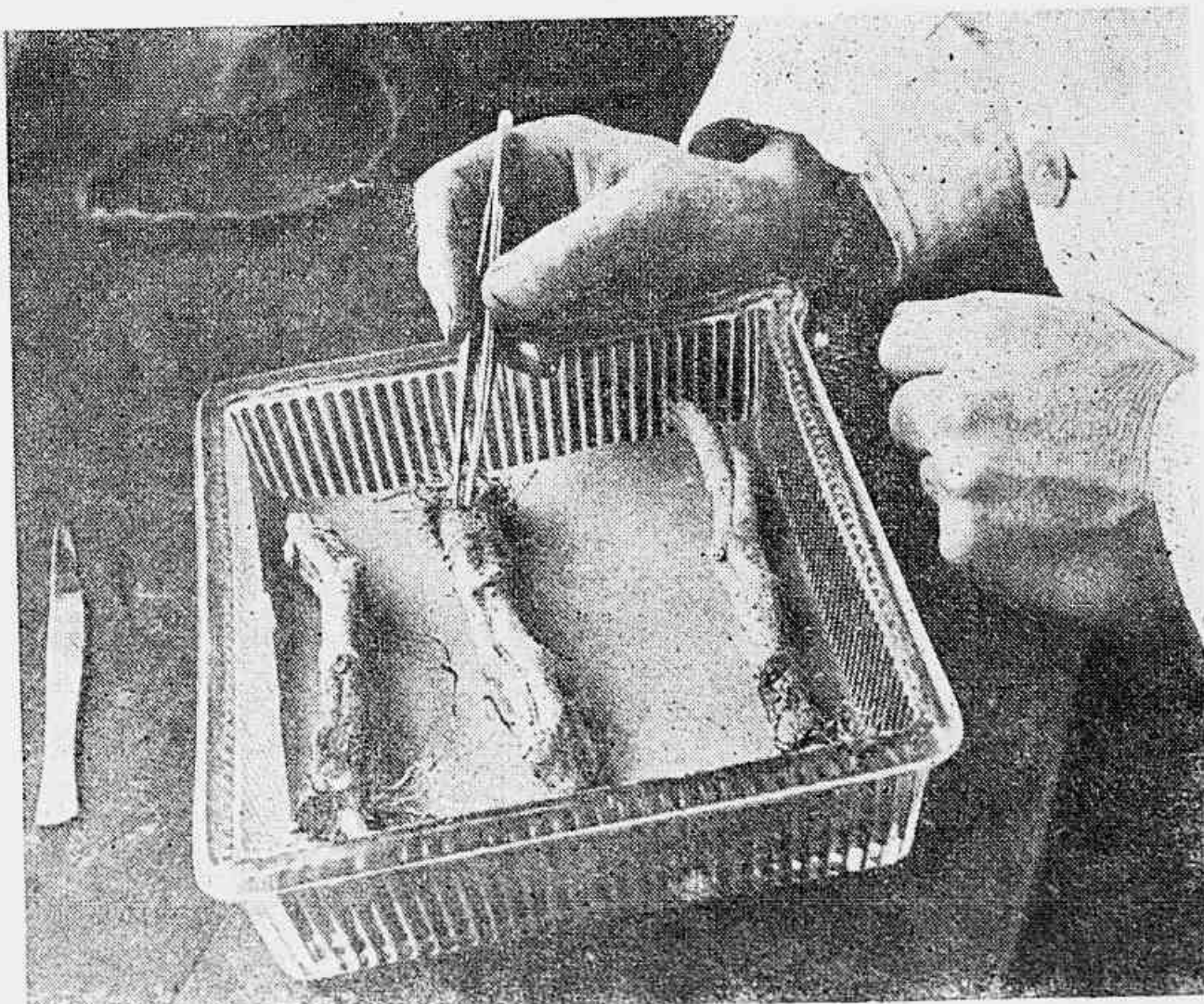
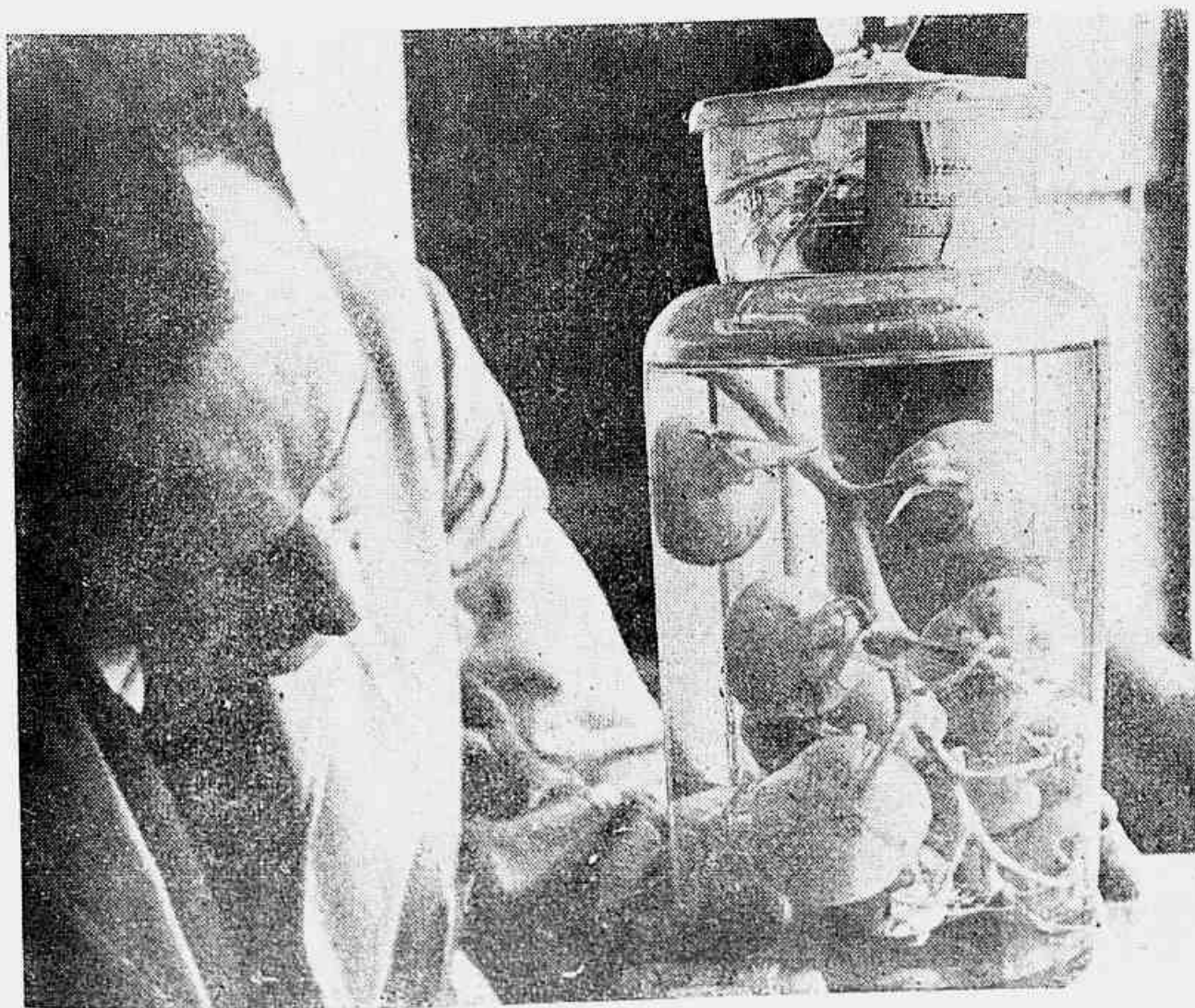
Havia mesmo, na antiguidade quem julgasse a possibilidade de uma geração espontânea independente de germes ou proto-organismos formando depois os indivíduos adultos e destruidores do trabalho humano.

Assim, a presença de vermes ou larvas nos corpos

em decomposição; as pragas que atacavam searas, jardins e pomares; moléstias inimigas do reino animal e do vegetal, nada mais eram que resultados de uma invencível e misteriosa geração espontânea. Os filósofos antigos explicavam, assim, a aparição de vermes em frutas, infusórios em águas estagnadas, larvas em carnes decompostas, etc., afirmando que os seres inferiores surgiam espontaneamente em meios apropriados.

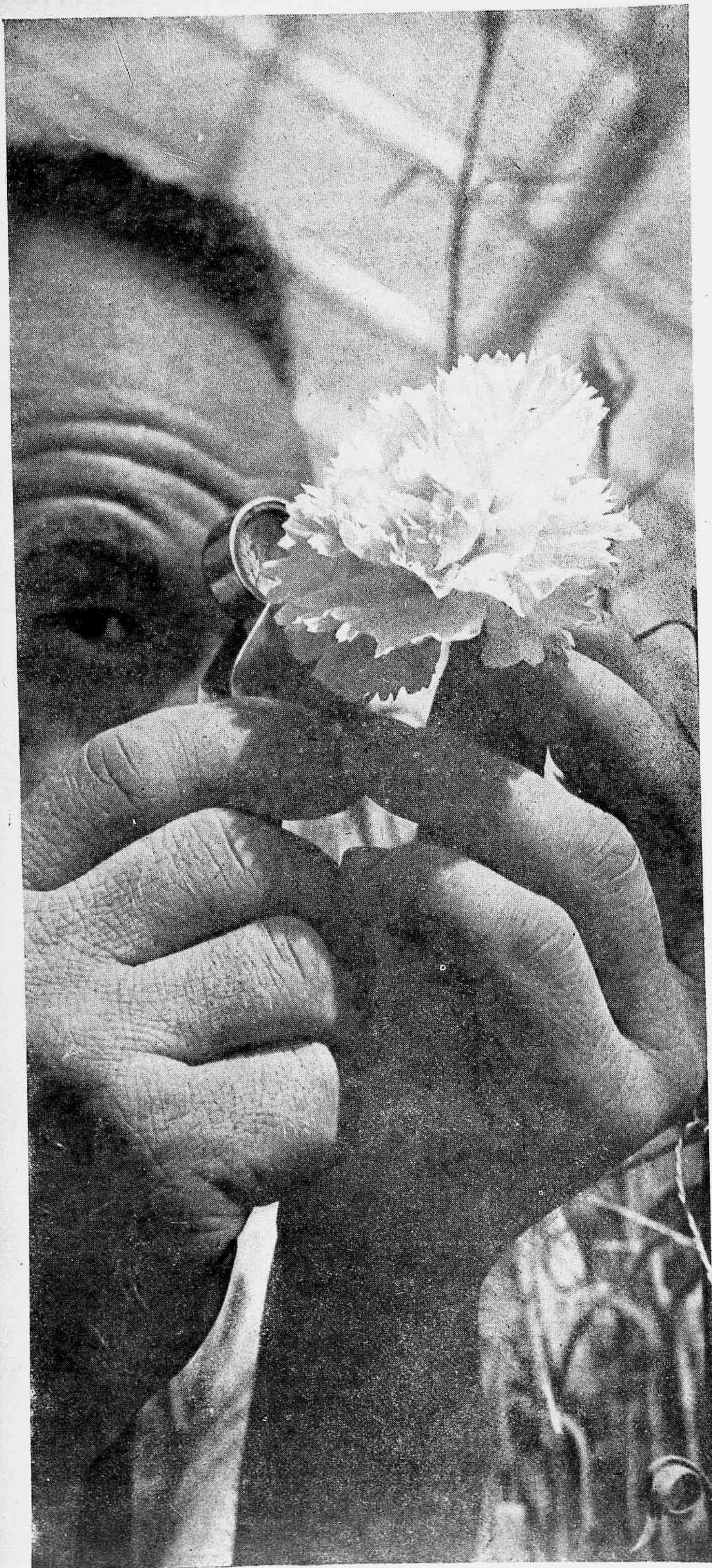
Esta teoria simplista perdurou por muitos séculos,

até que Francesco Redi, nos fins do século XVII, combateu-a vivamente, realizando experiências de admirável simplicidade, antecedendo as de Pasteur que as confirmou com pedaços de carne fresca colocados dentro de uma garrafa vedada com tiras de gaze, e que, depois de putrefatas se conservaram sem vermes. Provavam essas demonstrações práticas que os micro-organismos da deterioração e da fermentação, eram produzidos por agentes adultos e não de geração espontânea.



Nos seus 35 anos de existência a Estação de Pesquisas de Cheshunt seleccionou farta quantidade de espécimes vegetais para estudos.

Uma das partes mais atacadas pelos micro-organismos são as raízes das plantas. Aqui vemos troncos de tomateiros em análises.



Ao alto — Luta a ciência para descobrir agentes que atacam os tomates e outras hortaliças nos trabalhos da Estação Experimental de Cheshunt. A esquerda — Técnico examinando com uma lente as causas das imperfeições surgidas neste cravo, a fim de atacar os agentes nefastos

Ao tempo de Francesco Redi não havia ainda o microscópio, o que, ainda mais, nos enche hoje de admiração a respeito do que ele pensava sobre o fenômeno bactericida ou seja o infinitamente pequeno, o que só veio tomar definitivo aspecto científico com as experiências de Pasteur.

No campo da botânica, e, especialmente, no que toca às plantações cerealíferas, aos pomares e floricultura, a ciência prestou os mais relevantes serviços ao trabalhador, descobrindo os germes, as bactérias que formavam as pragas contra toda espécie de cultura vegetal.

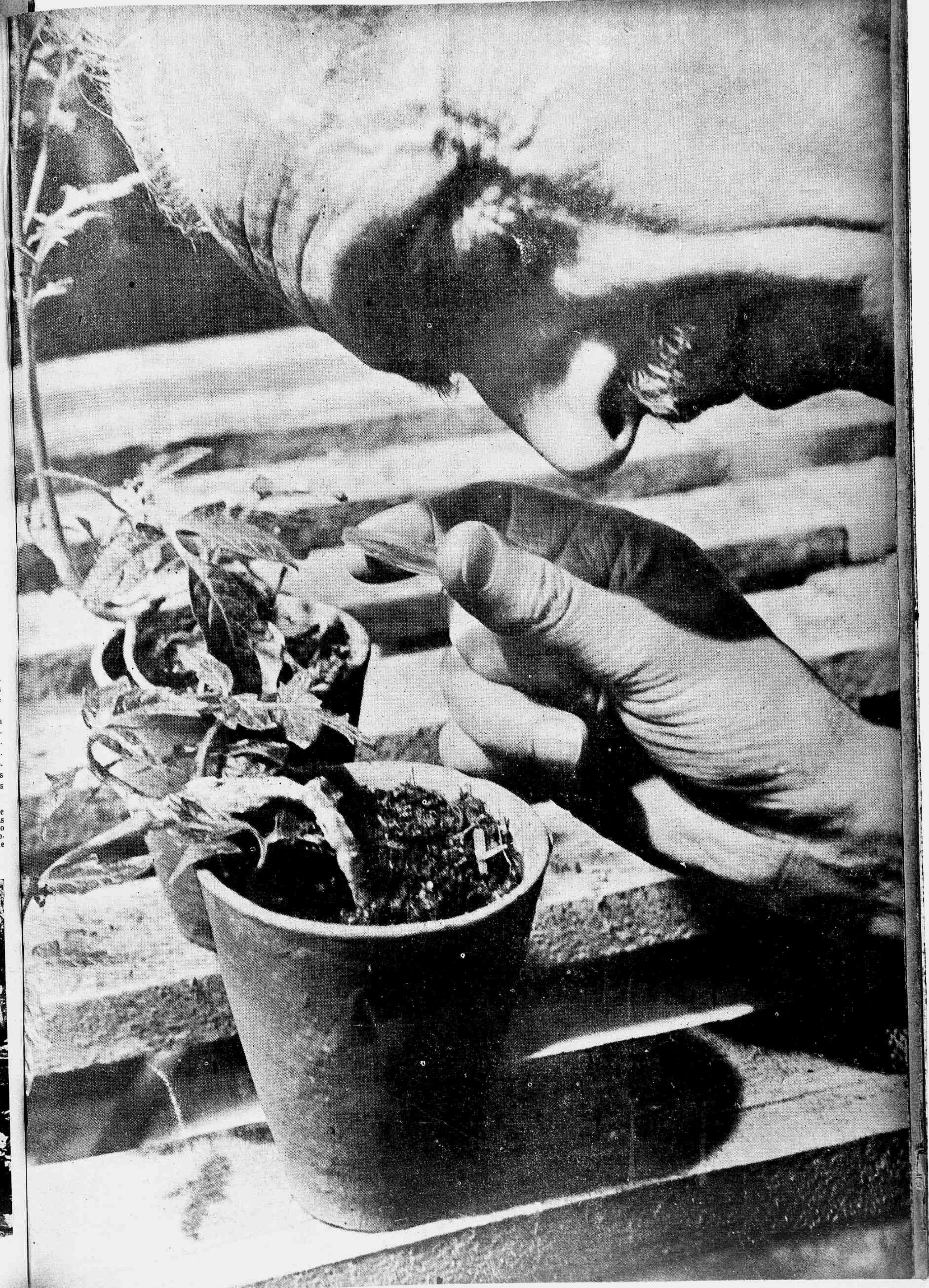
Surgiu então a entomologia, ramo das ciências naturais fundada por Linneu, ilustre médico sueco, ainda hoje considerado um dos maiores naturalistas do mundo. Carlos de Linneu, nasceu em Rashult e morreu em Uppsala, em cuja Universidade, a mais antiga e famosa da escandinávia, foi professor de Botânica.

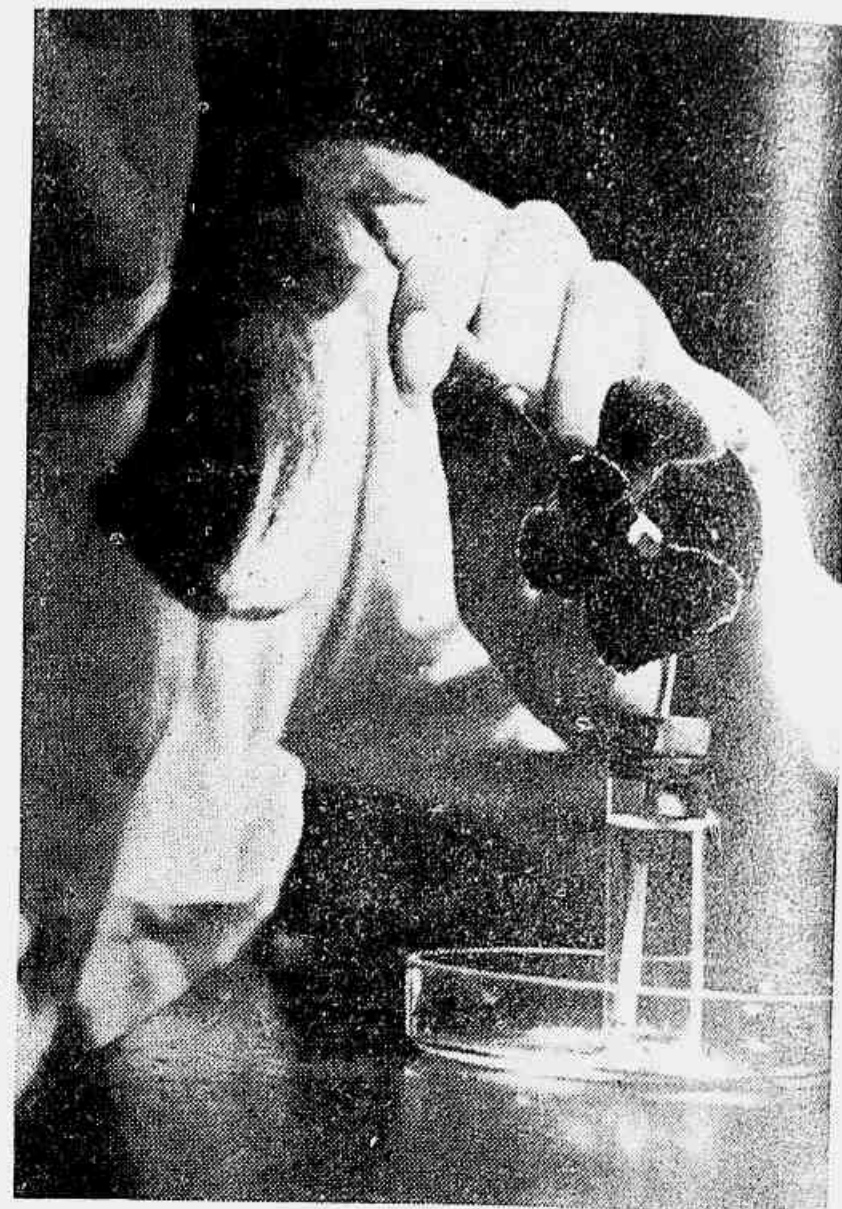
E' a ele que devemos a classificação das plantas em vinte e quatro classes, fundada nos caracteres tirados da conformação das flôres, divididos em masculinos e femininos.

Graças à entomologia, foram estabelecidas divisões sistemáticas, com a descrição cuidadosa de gêneros e espécies. Fábrião e Latraille foram seus mais ilustres continuadores. Depois vem a escola de Cuvier que conquistou muitas vitórias e favorece os progressos da entomologia descritiva, enquanto os grandes observadores, tais como Leon Dufour retomam e completam as observações

Em baixo — Com este delicado estilete, esta moça colhe microscópicos insetos que atacam crisântemos e outras flôres, causando graves prejuízos. A direita — Com o auxílio de poderosos microscópios, os cientistas do Laboratório, pesquisam a vida de parasitos causadores de moléstias em vegetais







Um "expert" da Estação Experimental de Cheshunt, colhendo pólen no cálice de um lírio, no decurso de uma série de análises.

de costumes que os precusores da entomologia, na, Reaumur, De Geer, Fourcroy, etc., haviam, não tão cientemente notado.

Hoje é a entomologia considerada como um dos mais cultivados ramos da História Natural. As aplicações desta ciência à agricultura ainda mais aumentaram a sua importância, sobretudo depois dos trabalhos de Goureau, de Ratzebourg e de tantos outros que nos mostram a importância dos estragos causados pelos insetos e os meios de os combater ou remediar.

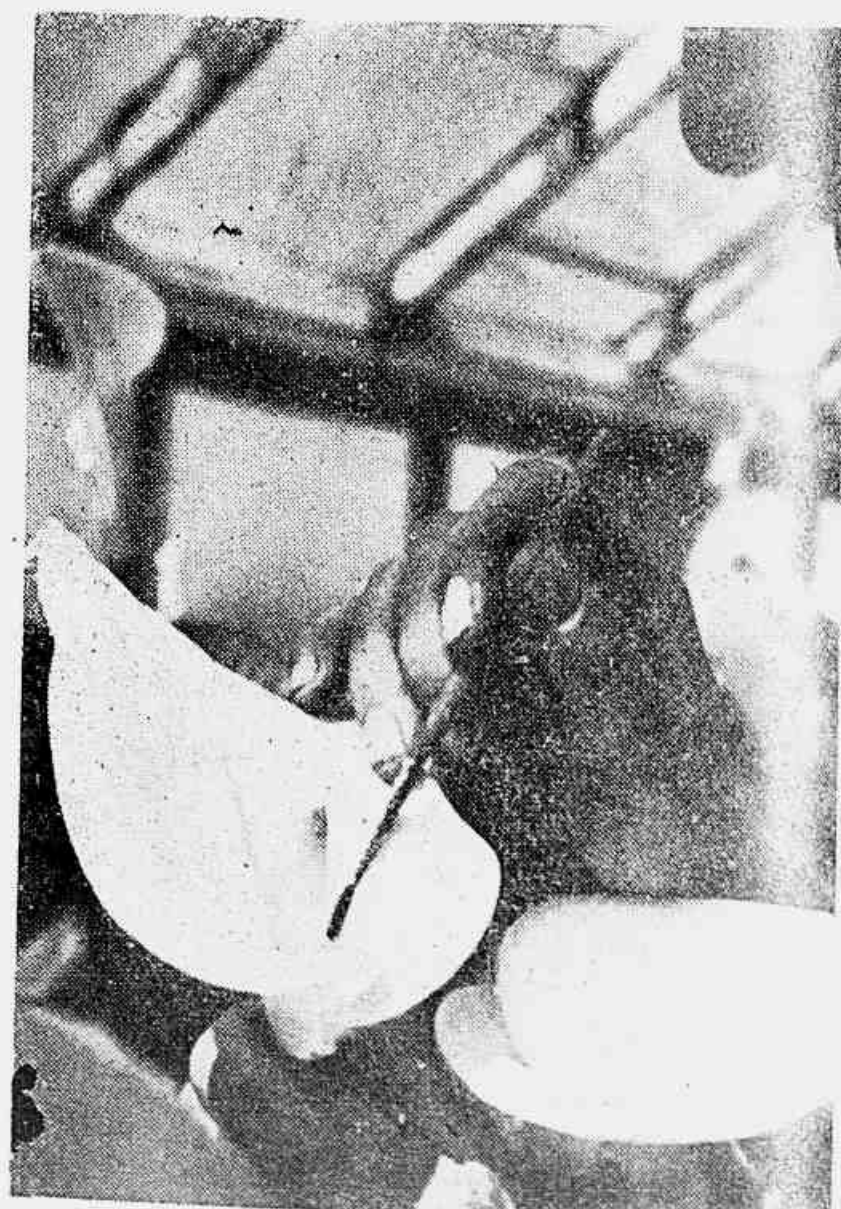
Contudo, a maior das batalhas do homem contra o inimigo das plantas em todos os seus setores, outros naturalistas, como, Huber, Geneve e Guerin Meneville, demonstraram as vantagens que o homem tira da cultura racional das abelhas ou das larvas do bicho da seda de todos os tipos.

Contudo, a maior das batalhas do homem contra os minúsculos inimigos de plantas, árvores e flores continua cada vez mais intensa, graças à técnica, à ciência e aos aparelhos de grande precisão que a ótica nos tem fornecido.

Dentre os centros de combate e pesquisa espalhados pelo mundo, citamos um, a Estação Experimental de Pesquisas de Cheshunt, na Inglaterra, que, com o seu imenso e porfiado trabalho contra pragas vegetais tem salvo dezenas de milhares de libras esterlinas, em seus trinta e cinco anos de fecunda e proveitosa atuação.

Antes de sua existência, hortaliças, árvores frutíferas (Continua na pag. 39)

Ao alto — Esta jovem faz pesquisas sobre folhas, para descobrir a presença do terrível "Red Spider Mite".
lado — O cientista examina cuidadosamente, com uma caruncho que ataca roseiras e hortaliças. Na página ao poderosa lente, o local de uma colônia de minúsculos insetos e providencia seu selecionamento

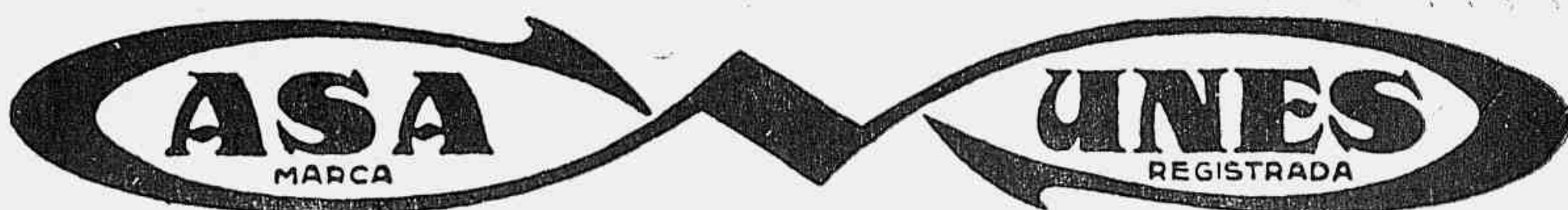


MOVEIS
DECORAÇÕES



CORTINAS
TECIDOS
TAPETES
PASSADEIRAS

• INTERIORES • COMPLETOS •
★
PROJETOS • E • ORÇAMENTOS • SEM • COMPROMISSO •
★



FUNDADA EM 1912

65 • RUA DA CARIOCA • 67

★
RIO • DE • JANEIRO



Hollywood - Calif. Um novo filme de Carmen Miranda está causando enorme sensação: "O Príncipe Encantado" com Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor e Xavier Cugat. É um novo sucesso da M.G.M.

Seja Carmen Miranda, seja Wallace Beery, para qualquer grande artista de Hollywood, só há uma coisa que interessa, quando se lhes oferece um cigarro: *qualidade*. E é por isso que eles preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Prefira também, se deseja alta qualidade, Hollywood.

Cigarros Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz
é sempre o melhor
em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz